

ARSENAL CATÓLICO

**Em forma de perguntas e respostas
para defender as verdades católicas e
refutar as objeções dos não católicos**

PELO

Pe. GUILHERME PETERS, C. S. B. R.

1.ª PARTE

† Livros Católicos para Download



**BELO HORIZONTE
1044**

APROVAÇÃO ECLESIASTICA

NIHIL OBSTAT.

B. Horizonte, die 2 Augusti 1944.

Sac. J. C. Taitson
ensor ad hoc.

IMPRIMA-SE

Belo Horizonte, 5 de agosto de 1944.

Mons. José Augusto D. Bicalho,
Vigário Geral.

IMPRIMI POTEST.

Rio de Janeiro, 15 de agosto de 1944.

Padre Caetano Braam. C. S. S. R.
Sup. Vice-Prov.

ADVERTÊNCIA

O que se vai ler é uma coleção de artigos, publicados no jornal católico "O Diário" de Belo Horizonte, com o fim de expôr vários pontos de doutrina católica e rebater heresias e diatribes dos inimigos da Igreja Católica. Alguns artigos foram modificados, e outros foram omitidos, porque nos pareciam de pouco interêsse para os leitores. Foram publicados na secção: "Pergunte e responderemos", e escritos em estilo simples, porque nossa intenção não era publicar uma obra literária, mas expôr com tôda a clareza a doutrina católica e defendê-la contra os ataques dos adversários de nossa santa religião.

Observamos ainda que êste livro é apenas a primeira parte de nossas respostas, e se Deus abençoar nosso trabalho, e essa primeira parte tiver boa acepção, mais tarde publicaremos os artigos restantes.

Agradecemos aqui às pessoas, amigos da verdade, os seu donativos generosos e espontâneos para auxiliar esta publicação.

Ainda um protesto. Agitando-se, neste trabalho, questões dogmáticas e outras de não pequena gravidade, declaramos que em tudo nos submetemos às decisões da autoridade da Igreja.

Belo Horizonte.

PE. GUILHERME PETERS. C. S. S. R.

I. DEUS E A CRIAÇÃO

† Livros Católicos para Download



I. DEUS E A CRIAÇÃO

1) *Como o cristão pode afirmar que Deus existe, pois que ninguém jamais o viu?*

Sem dúvida alguma o cristão confessa que ninguém jamais viu a Deus, o que aliás é confirmado pelo evangelista S. João; nesta terra não podemos ver a Deus, mas estamos certos de que o veremos face a face no céu, se morrermos em sua graça. Mas do fato de não podermos ver a Deus, na terra, concluir que Deus não existe é um absurdo e uma loucura.

“Quero crer, disse um incrédulo, em tudo o que vejo, ouço e sinto, e em nada mais; porque o fim de meus sentidos é controlar a existência das coisas. Jamais descobri a Deus em meu laboratório, e em viagem alguma de exploração; quer na terra, quer no mar ou no ar, quer na estratosfera jamais me encontrei com Deus”. Este mesmo incrédulo também encontrou no rádio a causa que o fez? Todo o homem normal compreende facilmente que o rádio foi feito por uma inteligência que está fóra do aparelho.

Além disso, quem sabe raciocinar está bem convencido que há muitas coisas neste mundo que estão fóra do alcance dos nossos sentidos; cada um de nós sabe muito bem o que é ser honesto, justo, afável, caridoso, etc., entretanto, não vê estas coisas com os olhos, mas pela inteligência as compreende. Perguntamos agora se houve jamais um homem que viu com os olhos e tocou com os dedos a razão humana? De certo que não, porque nossa razão não é uma coisa sensível ou material; e, por isso, não pode ser conhecida pelos sentidos. Ora, Deus é um espírito puríssimo, que não tem corpo nem matéria, e, logo, não pode ser conhecido pelos sentidos, ser visto ou descoberto pelos olhos corporais; está fóra dos limites dos sentidos, e, por isso, pode ser conhecido somente pela razão, mas é conhecido com plena certeza. Não passa dum louco quem ousa dizer: “Não creio em Deus, porque jamais o vi”.

Disse o célebre filósofo inglês Chesterton: “Quem entrar na Igreja deve tirar o chapéu, mas não a cabe-

ça". A fé em Deus não é contra a razão, mesmo em nossos dias; bem ao contrário, quem rejeitar a existência de Deus deve primeiro eliminar a razão humana.

2) *A Igreja católica ensina que o mundo existe desde quatro mil anos antes da vinda de Cristo; como conciliar esta doutrina com a ciência moderna que afirma que o mundo foi criado em séculos mais remotos?*

Observamos primeiro que a razão humana e a Revelação ensinam que o mundo foi criado do nada pelo Todo poderoso Deus. A S. Escritura diz: "No princípio Deus criou o céu e a terra". Isto quer dizer que Deus criou o universo no princípio do tempo e com o tempo, de modo que o tempo começou com a criação do universo, que abrange os seres materiais e espirituais. Só Deus é eterno, isto é, sem princípio e sem fim, e está fora do tempo. A Revelação não relata há quantos séculos o mundo existe, e a ciência o ignora igualmente. É quase certo que os corpos que se movem no firmamento, e também nossa terra já existiam muitos séculos antes da criação do homem. Diz a S. Escritura que o mundo foi criado em seis dias; mas quanto ao sentido destes dias da criação, dias que podem significar um período mais ou menos longo ou determinado, até hoje não está certo, pelo que os teólogos e outros escritores eclesiásticos ainda estão a disputar sobre o sentido da palavra dia. É pois falso dizer que a Igreja Católica ensina que o mundo existe somente há quatro mil anos antes da vinda de Cristo na terra, e ter a ciência provado que o mundo já existia mais de quatro mil anos antes de Cristo. É insustentável admitir um período de quatro mil anos entre a criação do mundo e o nascimento de Cristo: a história dos povos de Egipto e de Babilônia fala duma civilização de quatro ou cinco mil anos antes de Cristo, e por isso somos obrigados a admitir um período mais longo para a existência do mundo e da humanidade.

Quanto à S. Escritura, ela relata uma genealogia desde Adão até Abraão; mas, em diversos textos da Bíblia, o número do período dos patriarcas nos é conservado de modo diferente: assim, p. ex., o texto grego e a Vulgata aludem a cerca de quatro mil anos, ao passo que

até Cristo. De outro lado, porém, os cálculos da ciência que admitem, sem fundamento, centenas de milhares de anos, são inteiramente arbitrários, e não há razão alguma para admitir que o primeiro homem tenha sido criado há mais de dez mil anos. Devemos, pois, concluir que o tempo da criação do mundo e do primeiro homem o texto grego fala de cinco a seis mil anos desde Adão está ainda envolto de trevas.

- 3) *Conforme as palavras da S. Escritura a luz foi feita no primeiro dia da criação e o sol no quarto dia: será lícito concluir daí que a luz do dia não vem do sol?*

Relatando a criação do mundo, Moisés não teve a intenção de escrever um livro científico sobre a geologia e astronomia, e por isso a S. Escritura fala aos homens conforme a aparência externa das coisas: assim, p. ex., fala do sol nascente e sol poente, do descanso de Deus depois de ter criado o universo. Já S. Agostinho observou que na relação mosaica as diversas criações não são expostas, uma após outra, em sua ordem cronológica, mas conforme sua ordem causal. E S. Tomás acrescenta: “Como Moisés devia explicar a criação do mundo a um povo inculto, dividiu em partes o que foi criado num só momento”. Já observamos em outro artigo que o sentido da palavra: dia, na relação mosaica é mais extenso, e, por isso, um dia pode significar um período de semanas, meses ou anos, porque, no dizer de Davi, aos olhos de Deus mil anos são como um só dia e como uma vigília da noite. Podemos, pois, admitir que a S. Escritura não nos descreve a criação em sua ordem cronológica, mas em sua ordem lógica ou sistemática, como obra de sete dias, seguidos por um dia de descanso, com o fim de inculcar no povo judeu a observância do sábado, que, mais tarde, para o povo cristão foi substituído pelo domingo.

Assim se explica como a história bíblica da criação do mundo não pretende dar uma cosmogonia, e, como disse S. Tomás, nos relata somente a ordem atual do mundo para a reconduzir a Deus como a seu princípio. Por isso Moisés expõe consoante o alcance do povo judeu, primeiro a criação do céu e da terra em geral, e depois a obra da divisão e do ornato do mundo, final-

mente a criação do homem e a instituição do sábado. Quanto à ordem cronológica da criação do mundo, e ao desenvolvimento do universo, Deus deixou estes problemas às pesquisas do homem, conforme a palavra da S. Escritura: "Deus entregou o mundo às disputas, sem que o homem possa conhecer as obras que Deus fez desde o princípio até ao fim. Será, pois, lícito seguir qualquer hipótese, excogitada pelos cosmólogos para explicar o desenvolvimento do universo, contanto que se admita que Deus é a causa primordial de todo o sêr e de todo o movimento e vida. Assim podemos admitir que o sol e as estrêlas e planetas foram criados desde o princípio, mas que apareceram depois de terem desaparecido as névoas que durante algum tempo cobriram a terra, conforme Moisés, no quarto dia.

- 4) *Sendo a Igreja de Cristo infalível em sua doutrina, como se explica que ela condenou o sistema planetário que afirma que a terra gira em redor do sol, sistema defendido por Galileu e outros, e atualmente admitido por tôda a parte?*

Certo é que, naquele tempo, este sistema era considerado como contrário à doutrina, admitida na Igreja, e portanto, parecia uma novidade, que não estava ainda provada. Se Galileu e seus companheiros tivessem tido maior circunspeção e comedimento, e defendido este sistema como mera hipótese, — e naquele tempo não passava de hipótese, — não teriam sido condenados, pois que encontravam muitos partidários entre o clero.

As duas Congregações romanas que condenaram esta hipótese, não a condenaram como heresia, mas somente porque parecia contrária à S. Escritura. Neste ponto elas se enganaram, como a maioria dos homens doutos daquele tempo. E' falso também afirmar que esta condenação foi uma sentença infalível da Igreja. O Papa confirmou esta condenação, mas somente em forma duma aprovação simples e comum, que tem apenas valor, segundo a autoridade própria e mediata das Congregações que não gozam a infalibilidade, nem da Igreja, nem do Sumo Pontífice. O Papa é infalível somente quando ensina ex-cátedra, isto é, quando ensina uma verdade da religião ou da moral cristã como Supremo Mestre para tôda a Igreja. Ora, isto não se deu na condenação de Galileu.

Já inumeras vèzes foi resolvida esta dificuldade, e o leitor pode encontrar a refutação desta objecção em muitos livros apologeticos.

5) *Se Deus conhece o nosso destino desde a eternidade, como pode Ele permitir que tantas criaturas humanas sejam infelizes e se condenem para sempre?*

Copiámos aqui as palavras de S. Agostinho que se encontram no bellissimo livrinho "Solilóquios". Escreve o Santo: "No principio, antes que eu servo vosso o mais inútil, ó Deus, saisse do cárcere do ventre materno, em que foi gerado, se antecipou a vossa inefável doçura a beneficiar-me, aparelhando os caminhos, que eu devia seguir, e ordenando os meios que havia de abraçar para alcançar o glorioso fim de ser admitido no vosso real e magnífico palácio. Antes que vossa Onipotência me formasse no ventre de minha mãe, perfeitamente me conhecestes, e primeiro que dêle saisse à luz do mundo, já de mim estava decretado no vosso divino Consistório o que Vos pareceu, agradou e fostes servido. Não sei o que de mim tendes escrito no vosso eterno livro, o que a meu respeito se decretou no vosso supremo tribunal totalmente ignoro; por isso devo sempre estar penetrado de susto, possuído de medo, e apossado pelo maior e mais sensível temor. Vós, porém, ó Deus, Senhor de altíssima e eterna sabedoria, perfeitissimamente o sabeis, e com tôda a evidência Vos é patente, porquanto o que eu estou esperando pela sucessão dos tempos e dias, daqui a mil anos, já diante de vossos olhos e na eternidade está feito: pois tudo o que há de ser do futuro, já para Vós é presente e como se já fôra executado".

Expliquemos estas palavras. Como Deus está fora do tempo e vive num único momento estável da eternidade, que não teve principio e não terá fim, e exclui tôda a sucessão de momentos, deve Êle conhecer necessariamente tôda a nossa vida, já mil e mil anos antes de nosso nascimento. Determina, pois, Deus tudo o que nos sobrevirá em nossa vida, mas conforme os atos livres feitos por nós e por outros, e causados por acontecimentos que dependem de causas necessárias e fortuitas: de tudo isso procedem tôdas as venturas, desgraças, bens e males que, no curso de nossa vida, temos de passar. Poderia Deus afastar de nós as desgraças e

males; mas neste caso Deus seria obrigado a estorvar a nossa liberdade e a dos outros, e não haveria assim merecimento de nossa parte. O homem deixaria, pois, de ser criatura racional e imagem de Deus. De outro lado seria Deus obrigado a intervir continuamente com milagres para suspender as leis da natureza. Poderá a criatura exigir que Deus lhe corte a liberdade e que intervenha a todo o instante com milagres? Não, há pois injustiça alguma neste procedimento de Deus, determinando desde a eternidade toda a nossa vida conforme nossos atos livres e as leis da natureza. Por isso exclamou S. Agostinho: "Senhor, me vejo cercado por todos os lados de inúmeros perigos, oprimido de muitas misérias, e atacado de fortes inimigos que em todo o tempo e lugar me combatem furiosamente: mas vossa mão poderosíssima me sustenta em tantos males; pois as prendas e sinais de infinito amor que comigo tendes usado ainda antes de nascer até ao instante presente, me encham de confiança no que havia de fazer para o futuro. Esta consolação recrea minha alma, e fortalece e sustenta meu coração com a esperança que em Vós encontrarei os meios de me salvar, e um dia gozarei todo o Bem por toda a eternidade".

Sem dúvida, há aqui um mistério insondável. A eterna preclência de Deus e a liberdade do homem são duas verdades incontestáveis, provadas pela Revelação e pela razão humana: portanto, devemos admitir ambas, embora ignoremos como conciliar uma como outra. Nosso modo de conhecer é bem diferente do conhecer divino, que é infinito, e por isso, o conhecer divino é infinitamente superior ao nosso conhecer, e ficará aqui na terra envolto em mistério.

"Não espereis de mim, escreveu S. Agostinho, que vos explique de que modo Deus sabe tudo. Posso dizer apenas que Ele não conhece como o homem ou como o anjo; mas de que modo Ele conhece, não o posso dizer, porque não sei".

Apliquemos os princípios expostos aos diversos casos que nos foram propostos.

1/O apóstolo infiel Judas traiu o divino Mestre, não porque Deus previu este crime, mas Deus o previu por que Judas o havia de cometer por próprio má vontade. Esta traição tornou-se fato verdadeiro e real na noite da quinta-feira santa: mas como fato futuro era verdadeiro também nos anos precedentes e até na eterna idade, conhecido também desde a eternidade na mente divina que conhece tudo: mas se Judas não tivesse

cometido este crime, jamais esse crime teria sido real, e jamais teria sido conhecido por Deus como fato real.

2/Aos que nos objetam: “Deus sabe desde a eternidade se eu serei salvo ou condenado: portanto, não depende de mim salvar-me ou perder-me, e por isso, quero viver sem me incomodar com o que Deus mandar”

Lembremos as palavras do célebre filósofo, irlandês João Scotus. Certo dia, exortava um lavrador a converter-se de sua vida pecaminosa, ao que este respondeu:

Que queres de mim? Se Deus previu que eu me salvarei, estou certo de que serei salvo de qualquer modo que passe minha vida; e se Deus previu que eu serei condenado, estou certo de que perderei minha alma, quer eu cometa pecados quer não.”

Para convencer o homem da loucura de suas palavras o grande filósofo replicou: “Se a preciência de Deus faz com que o futuro se torne imutável e necessário, porque tu, ó homem, trabalhas em teu campo? Deixa de semear o trigo, pois que Deus já desde a eternidade, previu que teu campo dará uma colheita abundante ou nada, quer tu trabalhes quer não: Para que, pois, semear e trabalhar?” E o homem calou-se.

6) *Se é certo que em todos os tempos o pecado de desonestidade tem sido a grande causa da incredulidade, será lícito concluir daí que a impureza é, o mais grave pecado?*

Conforme a doutrina católica todo o pecado mortal é uma aversão do Deus, um rompimento com Deus e uma volta para a criatura; é um ato da vontade pelo qual o homem se afasta de Deus como do seu último fim e sumo Bem para se voltar para a criatura como para seu último fim; por outra, é um ato pelo qual o homem cessa de amar a Deus, o Sumo Bem, sobre todas as coisas para dar seu amor à criatura. Diz S. Tomás: “Como o bem da virtude consiste no amor bem ordenado, e como devemos amar a Deus sobre todas as coisas, devem ser considerados como sendo os pecados mais graves todos aqueles que se dirigem diretamente contra Deus: a incredulidade, a idolatria, a blasfêmia e outros semelhantes. Vêm, em segundo lugar, os pecados contra o próximo, uns mais graves do que outros, conforme o bem do

próximo ao qual se opõem. Ora, o maior bem do próximo é a própria vida do semelhante, à qual está oposto o homicídio: depois a luxúria que está oposta à vida do homem que pode nascer ainda, porque é uma desordem em relação ao ato da geração humana. Por isso de todos os pecados que se dirigem contra o próximo, o homicídio é o mais grave, depois o adultério, a fornicação e outros pecados da carne. Em último lugar vem o furto, a rapina e semelhantes pecados, porque lesam o próximo em seus bens externos”.

Devemos observar, porém, que o pecado da luxúria embora não seja em si o mais grave, conduz facilmente à incredulidade e verdadeira aversão de Deus. Sendo Deus puríssimo Espírito, é pelo espírito que podemos entrar em relações com Deus. Pelo pecado de impureza, porém, nos tornamos alheios à vida de espírito, e ao menos a afeição desregrada coloca uma barreira entre Deus e nós. Por isso, o vício da impureza afasta nosso coração do Criador. Como poderia Deus achar um lugar no coração que bate só para a criatura? A impureza inspira ao homem uma profunda repugnância pelas coisas divinas. O escravo da impureza evita a Igreja, a S. Missa e a oração, porque se sente atraído só pelos prazeres da carne: e se não perdeu a fé, não tardará que rompa com as demais práticas religiosas: não quer saber de confissão e de comunhão; e, por fim, não quer lembrar-se de Deus. Esta disposição se converte em aversão e rancor para com Deus; e, por isso, o inimigo de sua paixão desonesta é seu inimigo pessoal. Ora, Deus condena os prazeres vergonhosos, e os castiga neste mundo e no outro, conforme a palavra divina:”

“Quanto o desonesto viveu nas delícias da carne, tanto lhe dai de tormento e pranto”.

Desde então Deus torna-se para o desonesto o objeto duma hostilidade que não se desarma mais. Esta hostilidade conduz logicamente à irreligião. Em geral, pois, não é a incredulidade que conduz à impureza, mas esta conduz à incredulidade e ao ateísmo. Assim se explica que tantos desonestos são incrédulos, ou ao menos fingem incredulidade. Salomão, o mais sábio dos reis, apenas caiu em impureza, caiu também na idolatria; e, depois que começou a ajoelhar-se aos pés de ídolos de carne, começou a adorar ídolos de pedra e madeira, provando que para a incredulidade levam menos as idéias do que as paixões da volúpia.

7) Sendo Deus imutável e impassível, como se pode dizer que Deus se arrependeu de ter criado o homem, e que se sente ofendido e magoado pelos pecados que cometemos?

Verdade é que a S. Escritura refere que Deus, ao ver a grande malícia dos homens no tempo de Noé, arrependeu-se de ter criado o homem: e certo é também que costumamos dizer que o pecado ofende a Deus e causa mágoa e tristeza a Nosso Senhor. Não obstante isso, é mais que certo que Deus é imutável; não pode mudar seus decretos eternos, porque impugna a sua perfeição infinita. Por isso, é impossível que Deus se tenha arrependido de ter criado o homem: desde a eternidade viu a malícia dos homens no tempo de Noé e decretou castiga-los com o dilúvio. Os autores sagrados, porém, que escreveram a Bíblia, escreveram para os homens, exprimindo-se de modo humano: por isso falam dos olhos e das mãos de Deus, embora Deus, sendo puríssimo Espírito, não tenha olhos nem mãos. Se, pois, a S. Escritura refere que Deus se arrependeu de ter criado o homem, ela não quer afirmar que Deus tenha mudado seus decretos, mas nos quer ensinar a malícia do homem, e excitar-nos a detestarmos o pecado. São expressões humanas, figurativas, e podem ser admitidas sob a condição que confessemos que Deus não muda seus decretos eternos, e por isso não é possível que Deus se tenha arrependido de ter criado o homem. Entretanto como nós estamos no tempo, dizemos que o dilúvio veio depois da malícia dos homens, ao passo que Deus, que está fora do tempo, num mesmo decreto criou o homem e o castigo do pecado.

O mesmo se deve dizer das expressões: Deus sente mágoa e tristeza pelos pecados que cometemos: é linguagem humana; porque é uma verdade da fé que Deus e também Cristo, glorificado no céu, não podem sofrer nada, nem mágoa nem tristeza. Se, pois, dissermos que Deus sente-se ofendido, magoado, entristecido pelo pecado, queremos dizer apenas que nós temos ofendido a Deus, desprezado sua bondade, correspondido mal a seu amor, para, no futuro, detestarmos o pecado. E, como nós também nos sentimos magoados e ofendidos pelo nosso próximo, e sentimos dor e tristeza por causa dêste procedimento, costumamos aplicar estas palavras a Deus, ofendido pelo pecado. São expressões figurativas; e, nes-

ta linguagem figurativa falamos de Deus, porque nossa inteligência é muito imperfeita, pelo que falamos de Deus de modo humano e imperfeito.

8) *Será lícito dizer que todas as religiões são boas?*

Esta afirmação é falsa e falsíssima. Muitas pessoas a defendem e seguem este princípio na prática da vida com o fim de desculpar sua vida pecaminosa. Se todas as religiões são boas, o homem pode adorar a Deus conforme seus próprios caprichos e paixões, seguindo a religião dos judeus, dos muçulmanos, dos povos pagãos; pode até tributar honras ao demônio por intermédio dos ídolos. Haverá monstruosidade maior? E para que Deus proibiu a idolatria e aboliu o culto judaico? Se todas as religiões são boas, as centenas de seitas protestantes, que a cada instante mudam, serão boas também? Ora, uma seita nega a presença de Cristo na Eucaristia, e injuria e profana as espécies sacramentais, ao passo que a religião católica e outras seitas protestantes adoram o Cristo naquelas espécies. Todas elas serão boas? Veio Jesus Cristo fundar uma só Igreja ou mil Igrejas que se combatem mutuamente?

Digamos que Deus é a suma Verdade, detesta o erro, a falsidade: e por isso, uma religião falsa não pode agradar a Deus. Ora, a verdade é uma só, e se duas religiões confessam verdades que são radicalmente opostas uma a outra, não é possível que ambas sejam verdadeiras; e se uma é verdadeira e outra falsa, a última não pode agradar a Deus. Nós, católicos, sabemos pela Revelação que Cristo baixou do céu à terra para fundar sua Igreja, uma só, que deve ser a coluna da verdade; portanto, a religião cristã, que se encontra na Igreja Católica, é a única religião verdadeira, e fóra da Igreja Católica ninguém se pode salvar.

Daí, porém, não se deve concluir que todos os que seguem uma religião falsa se condenarão; quem professar uma religião falsa por ignorância inculpável, de boa fé, pode obter ainda a salvação eterna, porque, a todos, Deus dá os meios necessários para se salvarem. Haverá, pois, católicos que, embora confessem a verdadeira religião, se condenarão por causa de sua vida pecaminosa, e haverá protestantes, judeus, pagãos, que não obstante sua religião falsa, poderão se salvar se levarem uma vida boa, conforme os ditames de sua cons-

ciência, que, sem culpa alguma, está errada. Mas será sempre uma loucura dizer que tôdas as religiões são boas.

É, pois, com razão que a Igreja condenou as seguintes proposições: 1/ ao homem é livre abraçar e professar a religião a qual julga pela luz de razão ser verdadeira; 2/ os homens podem encontrar no culto de qualquer religião o caminho da eterna salvação e obter a eterna salvação.

Convém observar aqui que a Igreja católica, a única que possui a verdadeira religião, é intolerante quanto às verdades religiosas, e por isso condena os falsos princípios da liberdade religiosa. Mas ela reconhece também que há circunstâncias em que será lícito tolerar a falsa liberdade, e os próprios interesses da Igreja exigem esta tolerância, como declara Leão XIII em uma de suas encíclicas: "Se em vista duma condição particular do Estado condescende a Igreja com certas liberdades modernas não é porque as prefira em si mesmas, mas porque toma como expediente o permiti-las, e espera que a situação se vá melhorando".

II. OS ANJOS

† Livros Católicos para Download



II. OS ANJOS

1) *Podemos saber o número dos anjos, criados por Deus?*

Bem interessante é a doutrina dos teólogos sobre o mundo dos espíritos, e infelizmente pouco conhecida dos fiéis. É doutrina da Igreja, embora não seja dogma de fé, que o mundo angélico abrange uma multidão incalculável de espíritos, formando um imenso exército ou reino, como convém ao poder infinito e dignidade excelsa do Criador. Esta verdade tem seu fundamento nas palavras da S. Escritura. O profeta Daniel viu numa visão milhares de milhares de anjos que serviam a Deus, e mil milhões de anjos que assistiam diante do Altíssimo; e o profeta Davi diz que o carro de Deus estava rodeado de muitos milhares de anjos. Também S. Paulo fala duma multidão de milhares de anjos que se alegram na Jerusalém celeste; e Nosso Senhor, repreendendo a Pedro quando este quis defender seu divino Mestre contra os soldados romanos, disse-lhe que, se fôsse preciso livrar-se das mãos dos soldados, seu Pai mandaria mais de doze legiões de anjos.

É também doutrina da Igreja, que os anjos não são todos iguais, uns aos outros. A S. Escritura fala realmente de anjos e arcánjos, e é claro que os primeiros são inferiores aos últimos. Diz ainda a S. Escritura que o arcánjo Miguel é um dos príncipes dos anjos. Como as obras de Deus são perfeitamente ordenadas, devem os anjos constituir uma sociedade celeste, composta de espíritos superiores e inferiores.

2) *Qual é a doutrina católica sobre as ordens e hierarquias dos anjos?*

É a opinião comum entre os teólogos que há nove ordens ou côros de anjos, porque a S. Escritura atribui aos anjos nomes e ofícios diferentes; e devemos vêr nelles como uma escada de degraus de perfeição, uma re-

apresentação gradual das perfeições de Deus que os criou, e dêste modo podemos admitir neles uma aproximação gradual de Deus. Esta graduação tem seu fundamento não somente na perfeição natural, mas também na graça que completa a natureza. Por isso, esta graduação de perfeição natural deve-se admitir também, conforme as palavras de S. Paulo, entre os demônios, que após sua queda não perderam sua natureza.

S. Tomás ensina ainda que cada anjo difere dos outros pela sua própria espécie, de modo que não há dois anjos da mesma espécie; o Santo Doutor afirma que deve haver esta diferença de espécie porque aos anjos, que são puros espíritos, falta a matéria, condição necessária para diferenciar os indivíduos da mesma espécie.

A doutrina das nove ordens ou côros é confirmada pela liturgia da Igreja, que na festa de Todos os Santos reza: "Anjos, Arcanjos, Trónos e Dominações, Principados e Potestades, Virtudes dos céus, Querubins e Serafins, intercedei por nós". Se bem que esta doutrina não seja dogma de fé, todavia seria temerário não a admitir.

Observamos, porém, que os nomes das nove ordens não significam exclusivamente os anjos daquelas ordens ou côros, porque na S. Escritura êstes nomes indicam anjos de outros coros; assim, p. ex., S. Miguel, S. Gabriel e S. Rafael são chamados arcanjos, embora seja bem provável que êstes arcanjos façam parte do côro mais elevado, isto é, dos Serafins.

No século VI a doutrina das nove ordens foi aperfeiçoada pela doutrina das três jerarquias, doutrina que tem apenas alguma probabilidade. A primeira jerarquia, a mais alta, abrange os Serafins, os Querubins e os Tronos; a segunda abrange as Dominações, os Principados e as Potestades, e a terceira, a mais baixa, as Virtudes, os Arcanjos e os Anjos. Como a palavra jerarquia significa um principado sagrado, um reino santo, as três jerarquias representam três reinos sagrados, três multidões coordenadas de espíritos, assim como no reino de Deus na terra, a Igreja, há a jerarquia de ordem e de jurisdição, mas só por analogia.

Difícil, para não dizer impossível, é determinar as específicas diferenças das diversas ordens dos anjos, porque a S. Escritura nos relata quasi nada sobre êste ponto, e o reino dos espíritos difficilmente pode ser conhecido aqui na terra.

Vêm no último lugar as Virtudes, os Arcanjos e os Anjos. Os dois últimos nomes exprimem bem claramente sua graduação. Parece que êstes três coros devem exercer seu ministério principalmente a favor dos homens e da criação material. Daí, porém, não é licito concluir que todos os anjos da guarda pertencem a esta jerarquia, porque S. Paulo afirma que todos os anjos são ministros de Deus, enviados para exercer seu ministério em favor daqueles que hão de receber a herança da salvação. Sabemos que os dois arcanjos, S. Gabriel e S. Rafael foram enviados para a terra em favor dos homens, e êstes dois entretanto parecem pertencer à ordem mais elevada, a dos Serafins.

As três ordens médias têm nomes que parecem exprimir a excelência de sua dignidade e poder, ao passo que as três ordens mais alta parecem estar em relação mais próxima com Deus. Os anjos da jerarquia mais alta são iluminados por Deus, os da segunda jerarquia são iluminados pelos anjos das ordens médias, e êstes iluminam os anjos das três últimos ordens. Os anjos mais altos são enviados diretamente por Deus, os da segunda jerarquia são enviados pelos anjos mais altos; e os últimos pelos anjos das ordens médias. E', pois, um mundo de espíritos, perfeitamente ordenado.

Sobre os Serafins e Querubins a S. Escritura nos relata algumas particularidades que merecem nossa atenção. Os Serafins aparecem na S. Escritura só uma vez. O profeta Daniel os viu, estando êles por cima do trono de Deus, cada um dêles tinha seis asas; com duas cobriam sua face, com duas cobriam os pés, e com duas voavam. E clamavam, um para outro: "Santo, Santo é o Senhor Deus dos exércitos". Há aqui a imagem da mais sublime união de amor para com Deus, união estática em adoração; e, por isso imagem do mais sublime estado que pode competir a sua criatura. Por esta razão a Igreja ensinou sempre que o nome de Serafim exprime o ardor de amor, e a palavra hebraica de Serafim quer dizer ser consumido e absorvido pelo ardor de amor. O nome Serafim se acomoda também à aparição do anjo que veio estigmatizar S. Francisco de Assis e transverberar o coração de Santa Teresa.

Os Querubins que aparecem mais vêzes na S. Escritura, foram colocados como guardas do paraíso terrestre, depois que nossos primeiros pais tinham sido expulsos daquele Jardim de delícias. Aparecem também como um trono vivo de Deus, na profecia de Ezequiel, nos

momentos em que Deus ia exercer seu juízo para castigar o mundo e salvar seu povo eleito. A palavra hebraica de Querubim parece significar ciência e conhecimento, o que é confirmado pelas palavras do profeta Ezequiel, quando se dirige ao rei de Tiros, dizendo: "Tu eras um querubim, mas perdeste tua sabedoria por causa de teu orgulho". De acôrdo com êste sentido, os animais, sob cujas formas os Querubins da visão de Ezequiel aparecem, são cheios de olhos, com os rostos dos principais sêres sensitivos e vivos: o homem, o touro, o leão e a águia, que exprimem a plenitude de conhecimento e de vida. São, pois, os Querubins os portadores e reveladores da magnificência de Deus, pelo que os dois Querubins, feitos de ouro batido e colocados sôbre a arca da aliança do Antigo Testamento, estavam com os rostos virados para fóra. Estes quatro animais são considerados na Igreja como figuras dos quatro Evangelistas.

Os Tronos não nos foram descritos na S. Escritura; como, porém, S. Paulo os coloca antes dos coros médios, lícito é concluir que são aparentados aos Serafins e Querubins, e na visão de Ezequiel simbolizam as rodas do carro de Deus, ao passo que os Serafins são a comitiva de Deus e os Querubins, a parelha do carro.

Os três coros médios, Dominações, Principados e Potestades, parecem indicar uma excelência especial de dignidade e poder; como dum lado superam os três coros inferiores, por serem representantes e órgãos do poder de Deus, de outro lado estão abaixo dos coros superiores que formam a côrte de Deus e o trono de sua magnificência.

Os três coros inferiores, são as Virtudes, os Arcânjos e os Anjos, dos quais os dois últimos parecem estar em relação aos homens na terra, pelo que, também as Virtudes, pertencem a uma categoria inferior. Se, porém, os três coros inferiores parecerem ser incumbidos duma missão e serviço em favor dos homens, daí não se pode concluir que os coros superiores nunca serão enviados para a terra para tal missão e serviço. Certo é que S. Rafael, um dos sete espíritos que assistem diante do Senhor, foi enviado para a terra em defesa do jovem Tobias; além disto, escreve S. Paulo que todos os Anjos são enviados para exercerem seu ministério a favor daqueles que hão de receber a herança da salvação. Procura S. Tomás resolver esta dificuldade, dizendo que os

anjos superiores exercem este ministério por meio de anjos inferiores. Seja como fôr, não podemos ter certeza sobre este ponto.

3) *Quais os Anjos que se acham mais próximos de Deus ?*

A Igreja conhece três nomes de anjos que se encontram na S. Escritura: Miguel, Gabriel e Rafael. Aos dois primeiros a S. Escritura dá o nome de Arcanjo, e este nome a Igreja dá também a Rafael. Além destes três, há ainda quatro anjos, conforme a opinião de alguns autores da antiguidade: Uriel, Selatiel, Jehudiel e Barachiel. O nome de Uriel se encontra no quarto livro de Esdras, livro que a Igreja não admite como inspirado. Esses autores antigos admitem estes quatro nomes para explicar quais os sete anjos, que conforme a S. Escritura, assistem diante de Deus, unindo estes quatro aos três Arcanjos acima relatados. Mas o Papa Zacarias rejeitou estes quatro nomes no Concilio de Roma em 756, de modo que na Igreja os nomes de Miguel, Gabriel e Rafael, e só elles são admitidos como autênticos.

Em honra destes três, a Igreja celebra o santo sacrificio da Missa, e seus nomes são invocados na ladainha de Todos os Santos. O nome de Miguel é comemorado ainda em várias orações litúrgicas. Na antifona do ofertório da Missa pelos defuntos, a Igreja pede que S. Miguel, porta-estandarte de Deus, conduza as almas à santa luz do céu. Sabemos ainda que S. Miguel era o Anjo da guarda do povo de Israel, e mais tarde, depois da rejeição daquele povo, foi constituído Anjo da guarda da Igreja.

No Apocalipse, nos é relatado um grande combate: Miguel e seus Anjos pelejaram contra o dragão infernal que, com seus anjos, pelejou contra êle. Miguel, porém, os venceu e o grande dragão foi precipitado no inferno. E. S. Tadeu nos refere mais um combate de S. Miguel com o demônio, e vencendo-o, lhe gritou: "Repríma-te o Senhor !" São outros tantos indícios de que S. Miguel é o príncipe de todos os Anjos no céu, e, portanto, o mais próximo de Deus.

S. Gabriel, parece ser também um dos mais altos Anjos, porque lhe foram confiadas grandes missões.

Apareceu por várias vèzes ao profeta Daniel para anunciar-lhe o sublime mistério da Redenção do mundo. Mais tarde foi enviado por Deus para anunciar o mistério da Incarnação do Filho de Deus e saudar a futura Mãe do Redentor. Ao sacerdote Zacarias, espôso de S. Isabel, disse Gabriel: "Eu sou Gabriel que assisto diante de Deus. S. Bernardo vai mais longe e não hesita em afirmar que êste mesmo Anjo era o Anjo da guarda de Maria Santíssima. Por tôdas estas razões podemos dizer que é bem provável que S. Gabriel, depois de S. Miguel, está mais próximo de Deus .

Afinal, quanto a S. Rafael, todo o povo cristão sabe que êste foi o condutor e guia cuidadíssimo do jovem Tobias, em sua viagem; e que curou de modo milagroso o velho Tobias.

Quer a Igreja que o povo cristão venere de modo especial êstes três Arcanjos, e os invoque em suas tribulações, e sobretudo a S. Miguel, no combate contra as potências infernais. Por isso o sacerdote reza com os fiéis após a Missa: "S. Miguel Arcanjo, protegei-nos no combate, cobri-nos com vosso escudo contra os embustes e ciladas do demônio".

4) *Todos os homens têm um Anjo da guarda ?*

E' dogma da Igreja que Deus confiou aos Anjos do céu a missão de velar sôbre os homens que vivem na terra, o que consta da liturgia, a qual celebra anualmente a festa dos Anjos da guarda. Apoia-se esta doutrina nas palavras da S. Escritura. O profeta Davi diz: "Mandou Deus a seus Anjos acêrca de ti, que te guardem em todos os teus caminhos", palavras que o demônio dirigiu a Cristo para o tentar. E S. Paulo, escreve: "Não são todos os Anjos uns ministros de Deus, enviados para exercer seu ministério a favor daqueles que hão de receber a herança da salvação ?"

Não é, porém, um dogma da Igreja que cada homem tem um Anjo da guarda; é apenas uma doutrina certa, como se segue das palavras de S. Paulo, acima referidas. Tal doutrina tem sido a convicção do povo judaico, o que Cristo parece confirmar quando diz: "Vêde, não desprezeis um destes pequeninos, pois vos declaro que seus Anjos vêem incessantemente a face de meu pai. Embora Cristo fale só dos meninos todavia de-

vemos dizer que não há razão alguma de limitar às crianças a assistência dos Anjos. Esta doutrina é confirmada ainda pelo fato relatado nos Atos dos Apóstolos. Quando S. Pedro, milagrosamente livrado do cárcere, foi bater à porta da casa de S. Marcos, onde os cristãos estavam reunidos em oração, a criada da casa foi ver quem era. E logo que conheceu a voz de Pedro, era tão grande sua alegria que se esqueceu de lhe abrir a porta, correndo para dentro para dar a nova de que Pedro estava à porta. Os fiéis, porém, lhe disseram: “Tu estás louca”. Ela, porém, afirmava que era assim: e eles replicaram. “E’ o seu Anjo”.

Devemos, pois, dizer que esta verdade diz respeito, em primeiro lugar, aos batizados, e, depois, aos outros homens. Os Anjos são as primícias da criação, e também as primícias na ordem da graça, e por isso devem cooperar com Deus para que a ordem sobrenatural se realize também na humanidade. No dizer de S. Agostinho, os Anjos formam com os homens uma cidade santa, unidos com um só vínculo de amor, porque os Anjos e os homens devem honrar a Deus e glorificá-lo na terra, e mais tarde, no céu. Ensina o Catecismo Romano: “Pela Providência de Deus foi confiada aos Anjos a tarefa de conservar o gênero humano e de prestar seu auxílio a cada homem em particular, para que não experimentem mais prejuízo. Assim como os pais, quando seus filhos têm de viajar por um caminho perigoso, arranjam quem os guarde e defenda dos perigos, assim também o Pai celestial enviou, para cada um de nós, Anjos para a viagem em demanda da pátria celeste, afim de que, por seu auxílio e cuidado, evitemos as ciladas que os inimigos nos armaram oculta-mente, e repilamos as violentas investidas que nos fazem, e dêste modo, sob sua condução, sigamos o bom caminho que conduz ao céu”.

Este auxílio do Anjo é uma necessidade para o homem, não somente porque tem uma natureza frágil, mas também porque, na atual ordem do mundo o homem está exposto às investidas dos maus Anjos, conforme a palavra de S. Paulo: “Não temos de lutar somente contra a carne e o sangue, mas também contra os Principados e Potestades do inferno, contra os Dominadores dêste mundo tenebroso, e contra os espíritos malignos, espalhados pelos ares”. Os bons Anjos devem, pois, continuar o combate que combateram desde o princípio contra os espíritos infernais, defendendo e apoiando os homens contra os maus espíritos, impedindo a

destruição do reino de Deus na humanidade e conduzindo o homem a participar da beatitude de Deus, afim de que os lugares nas fileiras dos Anjos, que pela queda dos maus anjos ficaram abertas, sejam novamente ocupados.

Os serviços que os bons Anjos prestam aos homens, são a nosso favor; mas, por isso, não são nossos servos; são servos de Deus, e relativamente a nós, são nossos guias, ordenados por Deus, são nossos educadores, defensores e tutores; e no dizer dos Santos Padres, são nossos inspetores e pastores. Esta subordenação nada tem de escravidão para nós, porque os Anjos nos abraçam com amor fraternal.

Afirmamos ainda que também cada povo, cada país tem seu Anjo da guarda. Esta doutrina é bem provável, e podemos acrescentar que também outras corporações mais importantes têm seu Anjo tutelar. Os Santos Padres afirmam que esta doutrina tem seu fundamento nas profecias que nos foram conservadas na S. Escriitura.

O profeta Daniel nos refere ôs cuidados que vários Anjos tiveram com o povo de Israel e outros povos antigos, em relação ao povo judaico. Daniel, achando-se ainda no cativeiro de Babilônia, rezava e jejuava durante vários dias afim de obter de Deus que seu povo pudesse voltar do cativeiro à terra da promessa. Suas orações, porém, não foram logo deferidas, porque um Anjo (provavelmente S. Gabriel) lhe apareceu para lhe comunicar que o Anjo, incumbido da proteção do reino dos Persas, lhe tinha resistido com suas orações diante do trono de Deus. Esta resistência do Anjo dos Persas era devida ao desejo veemente que êste Anjo tinha de que o povo judaico ficasse mais tempo no cativeiro para que assim o conhecimento do verdadeiro Deus se estendesse naquele país: era a razão por que a graça que Daniel implorava, não tinha sido concedida.

Para explicar esta resistência do Anjo dos Persas ao Anjo de Daniel, devemos observar que o conhecimento natural dos Anjos não se estende ao conhecimento dos atos livres das criaturas racionais, quanto ao futuro; podem, porém, conhecê-los à medida que a Deus apraz revelar-lhes. Assim os Anjos não conhecem os planos de Deus a respeito do futuro dos povos na terra, mas somente aquilo que Deus lhe quer revelar.

Voltamos ao Anjo de Daniel; quando pois o Anjo da Pérsia resistia às orações de Daniel, oferecidas a Deus pelo Anjo do profeta, eis que o Arcanjo Miguel veio em auxílio, ao Anjo de Daniel, para apoiar seu pedido, porque Miguel era o Anjo tutelar do povo judaico. Afinal, tudo foi concluído a favor do povo de Israel, que pôde voltar à terra da promessa.

O profeta Zacarias refere em uma das suas visões que um Anjo lhe apareceu, e conforme a tradição judaica, era o Arcanjo Miguel. Este recebeu de vários Anjos informações sobre os diversos povos, cuja sorte era determinada por Deus em relação a seu reino invencível na terra. E destas visões e mais outras do profeta Zacarias, os Santos Padres concluem que cada país tem seu Anjo tutelar. Alegam ainda o seguinte fato, relatado na S. Escritura. Apareceu a S. Paulo, quando se achava em Troade na Asia menor, um homem de Macedônia que lhe rogava que passasse para sua terra, afim de pregar o Evangelho. Os Santos Padres são de opinião que aquêlê homem era o Anjo tutelar de Macedônia.

Acrescentamos que o Arcanjo Miguel, assim como tem sido o Anjo protetor de Israel, depois da rejeição dêsse povo, tornou-se o principal protetor do novo reino de Deus na terra, a Igreja Católica. O mesmo Arcanjo aparece também na S. Escritura como chefe de todos os bons Anjos no combate contra Lúcifer, e por isso pode ser considerado como príncipe dos Serafins que compõem a mais alta das ordens angélicas. E', pois, natural que ela o seja também de todos os Anjos da guarda, conforme a palavra de S. Paulo, que diz que todos os Anjos são enviados para defender os homens, e sobretudo defendê-los no combate contra os maus anjos que, sem cessar, investem contra o gênero humano. E', pois, S. Miguel o principal protetor da Igreja que celebra a festa do Arcanjo duas vêzes por ano, comemora seu nome em várias orações litúrgicas, e até no Coniteor. Reza a Igreja: "Arcanjo Miguel, vem em auxílio do povo de Deus"; e, ainda: "Príncipe gloriosissimo, Arcanjo Miguel, lembrai-vos de nós aqui e em tôda a parte". Como a Igreja diz ainda que Deus constituiu o Arcanjo Miguel como príncipe sobre tôdas as almas que vão ser apresentadas a Deus no céu, devem elas ser apresentadas a Deus na hora da morte por S. Miguel.

- 5) *Se o Anjo da guarda está incumbido de nos defender e proteger nos perigos, como explicar que toda a gente passa por tantos perigos e misérias, desastres e desgraças?*

Devemos observar, porém, que o Anjo da guarda deve cuidar principalmente da salvação eterna dos homens, como disse S. Paulo, e defender-nos contra as investidas do demônio. Em outro artigo já temos explicado esta verdade. Daí, pois, não se segue que o Anjo da guarda nos deve proteger continuamente contra todos os males físicos, embora o Catecismo Romano afirme que se deram muitos fatos prodigiosos a favor dos homens pelo ministério do Anjo da guarda, não somente na ordem da salvação, mas também na ordem natural para nossa vida terrestre. Não pode e não deve, porém, o Anjo da guarda proteger-nos contra todos os males físicos, porque Deus não é obrigado a intervir a cada momento com milagres, modificar continuamente as leis físicas que governam o mundo. Nosso mundo não é absolutamente perfeito: se fôsse perfeito de modo infinito, o mundo seria Deus. Certo é que o mundo é relativamente perfeito, é o melhor para nós, porque corresponde ao fim supremo para o qual o homem foi criado. Deus, porém, permite muitos males, porque o homem abusa de sua liberdade: porque Deus julga ser melhor tirar do mal o bem do que não permitir o mal; porque o homem merece ser castigado pelos pecados cometidos; porque Deus quer converter o pecador pelos castigos e pelos males que tem de sofrer. A morte prematura, a doença, a pobreza e muitos outros males são, nas mãos de Deus, outros tantos meios para conduzir o homem ao céu. Por isso escreve S. Paulo: "Filho meu, não desprezes o castigo, porque o Senhor castiga aquêle que ama, e açoita o filho que reconhece por seu. Ora na verdade, todo o castigo no presente não parece um motivo de gozo, mas de tristeza; mas depois dará fruto de paz aos que por Ele foram exercitados". Deus é pois um Deus de justiça e de misericórdia.

- 6) *Refere a S. Escritura que os Anjos falam e cantam: ora isto parece impossível, porque êles não têm órgãos externos ou sensitivos para falar e cantar.*

Certo é que os anjos, quer bons quer maus, falam uns aos outros, assim como os homens conversam uns

com os outros, mais de modo mais elevado do que nós: falam igualmente com Deus, consultando sua divina vontade a respeito do que devem fazer ou louvando sua excelência e grandeza infinita. Por isso escreve S. Paulo: "Ainda que eu falasse as línguas dos homens e dos anjos, se não tivesse a caridade, seria como um bronze que soa". Nas visões dos profetas Daniel e Zacarias, os Anjos falam continuamente uns com os outros. O profeta Isaias viu numa visão o Senhor sentado sobre um elevado trono, e eles exclamavam um para outro. "Santo, Santo, Santo é o Senhor Deus dos exércitos; tôda a terra está cheia de sua glória". O Arcanjo Miguel falou ao demônio: "Repríma-te o Senhor!" Falam os Anjos a Deus, como ensinam as profecias de Zacarias e o livro de Tobias. Diz a S. Escritura que os Anjos às vêzes clamam e gritam. Mas êste clamar e gritar deve ser entendido em sentido simbólico, significa a importância do objeto comunicado, ou também a grandeza do afeto expresso, ou a especial insistência com que o Anjo quer que suas palavras sejam ouvidas e suas ordens seguidas.

E' claro que os Anjos, sendo espíritos puros, não têm nem precisam ter órgãos externos ou sensitivos para falar, como os homens, nem de sinais espirituais para se comunicar uns com os outros. Difícil, porém, compreender e explicar como falam. Damos aqui a opinião de S. Tomaz, admitida atualmente pela maioria dos teólogos. Diz o Doutor da Igreja que um Anjo não pode influenciar diretamente sobre a vida espiritual de outro Anjo, nem infundir-lhe diretamente na inteligência seus conhecimentos: esta influência compete só a Deus. Devemos admitir que o anjo tem domínio perfeito sobre seus atos livres e internos: mas logo que desista de guardar os segredos de seu espírito, poderá manifestá-los a outro anjo, a dois e mais, conforme sua vontade, escondendo-os aos outros, embora estes estejam presentes. E', pois, com um ato de sua vontade que o Anjo fala com outro, apresentando a êste seus conhecimentos, pondo-os a sua disposição em qualquer lugar ou tempo, porque o ato intelectual do Anjo é independente das condições de lugar e tempo. A distância local não tem influência alguma sobre êste falar dos Anjos. Acrescentamos ainda que o Anjo que ouve falar outro, não poderá enganar-se, porque o ouvir envolve uma contemplação do objeto proposto no espírito do Anjo que fala.

Pode o Anjo falar também aos homens, mas de modo externo e sensitivo por uma voz artificial; e, como

o poder do Anjo supera muito o poder do homem, não custa ao Anjo imitar de qualquer modo a voz humana. O falar dos Anjos, e também dos anjos maus, deve ser explicado conforme as palavras que o Arcanjo Rafael disse a Tobias: "Parecia que eu comia e bebia convosco; mas eu me sustento dum manjar invisível, duma bebida a qual não pode ser vista pelos homens". Falando, pois o Anjo aos homens, produz sons com voz artificial que arremeda a voz humana.

7) *Podem os Anjos exercer sua atividade sobre o mundo visível?*

É evidente que os Anjos podem exercer uma atividade externa, e as operações que competem ao homem, embora de modo diferente. Esta verdade é confirmada pela revelação que nos relata um sem número de fatos: é certo também que o poder do Anjo supera muito o do homem, e sua influência externa sobre os outros seres, mesmo sobre o homem, é maior do que a de todas as demais criaturas. Lembramos apenas os seguintes fatos. Um Anjo tocou o profeta Habacuc pelo alto da cabeça e levou com impetuosidade de seu espírito até Babilônia sobre a cova dos leões em que o profeta Daniel estava preso. Um Anjo revolveu a pedra do sepulcro de Cristo ressuscitado. O diácono Filipe foi levado por um Anjo para a cidade de Azot. E como esta atividade é natural ao Anjo, ela compete também aos maus espíritos enquanto Deus lhes permitir exercê-la. O demônio levou o Cristo do deserto para Jerusalém e pô-lo sobre o pináculo do templo, e depois o transportou a um monte alto. Os maus espíritos produziram várias operações nos possessos, e precipitaram uma manada de porcos no mar.

Observamos primeiro que a atividade do Anjo sobre os outros seres, mais do que a do homem, procede de sua vontade, assim como o homem move seu próprio corpo por sua livre vontade. Como, porém, a atividade do Anjo sobre os outros seres não é exercida, como a do homem, por órgãos próprios, — pois lhes faltam esses órgãos, — deve ser exercida pela sua mera vontade.

Como os Anjos são espíritos puros, sua atividade externa não tem o caráter de geração pela qual são produzidos outros seres, como pela geração humana. Tam-

bém não tem o caráter da criação, e por isso o Anjo não pode produzir qualquer ser sem uma matéria já existente, ou sem valer-se de respectivas forças geradoras externas, porque o poder de produzir um ser do nada supõe um poder todo poderoso, que compete só a Deus. E' também muito provável que o Anjo não possa produzir nos outros seres qualidades internas positivas, nem uma mudança interna positiva e qualitativa, sem recorrer às próprias forças desses seres. A mudança interna positiva nos corpos pode ser produzida só por Deus e por forças físicas.

Assim, a única operação que o Anjo pode produzir para fóra por sua mera vontade é o movimento externo dos corpos. Este movimento, produzido pelo Anjo, consiste em fazer aproximar-se do objeto de sua atividade um outro ser ou uma força externa. Este movimento é local, e o Anjo o produz fazendo com que os corpos se aproximem do lugar onde se acha outro corpo, sôbre o qual os primeiros corpos devem agir; supõe, pois, este movimento um domínio físico do Anjo sôbre o corpo.

O poder de mover os corpos localmente compete ao Anjo, e de modo mais elevado do que ao homem, e não somente quanto à massa que deve ser movida, mas também quanto à celeridade e direção segura do movimento. Mas este poder do Anjo não é ilimitado: certo é que é mais limitado quando se trata de suspender ou perturbar os movimentos regulares que, como os das estrêlas, são fixados por lei divina para a conservação da ordem no universo.

Quando à celeridade do movimento com que o Anjo move os corpos, é instantânea, e por isso é a mesma para qualquer distância. Mais ainda. Como o Anjo, assim como o homem, pelo movimento pode aplicar causas corpóreas para produzir efeitos reais, pode também em virtude de sua força motriz mais elevada, unida a seu maior conhecimento das causas e forças, produzir maiores operações, e com maior celeridade do que o homem. Mas a atividade produtiva do Anjo, comparada com a atividade de Deus, será sempre artificial; comparada com a arte humana, porém, será incomparavelmente mais elevada; e porque o Anjo pode empregar meios invisíveis e escondidos sob outros meios empregados, na aparência parece ter um poder igual a Deus, porque sua arte é oculta, feita com habilidade e celeridade, pelo que provoca no homem surpresa e pasmo. Esta arte do

Anjo é uma conseqüência de sua natureza espiritual, e por isso compete igualmente aos maus espiritos. E como as operações dos bons Anjos não procuram provocar o pânico do homem, e os maus anjos procuram isto diretamente, dá-se o nome de arte mágica exclusivamente à atividade diabólica; e esta última é caprichosa, quer enganar e danificar o homem e, por isso, não tem semelhança alguma com a arte criadora de Deus, é antes uma paródia e inimiga da arte divina. O demônio quer macaquear a arte de Deus, e por isso é chamado o macaco de Deus.

III . . . OS DEMÔNIOS

† Livros Católicos para Download



III. OS DEMONIOS

- 1) *Como se explica que os anjos, criados no céu, no estado de inocência, muito mais perfeitos que o homem, não tendo a natureza propensa para o mal como nós, e sem exemplo ou algo que os levasse a pecar, todavia caíram em pecado?*

Sem dúvida alguma, os anjos foram criados como seres meramente espirituais, sem mistura da matéria; foram criados no céu, isto é, num lugar acima deste mundo visível e material, mas não na morada dos bem-aventurados, onde se pode ver a Deus face a face. Esta felicidade devia ser obtida pela fiel correspondência à graça sobrenatural que eles receberam no momento da criação: e eis o que muitos não fizeram como veremos. Verdade é que os anjos não podiam moralmente pecar na ordem natural, embora toda a criatura seja defectivel, porque ela não é infinitamente perfeita como Deus. A possibilidade de pecar na ordem natural era no anjo uma mera possibilidade, e não uma fragilidade como há no homem. Por isso, escreve S. Tomás que, se Deus não tivesse impôsto aos anjos outras exigências mais altas do que as que já estavam incluídas diretamente na lei natural, teria sido moralmente impossivel que eles viessem a cair em pecado, porque não haveria coisa alguma que lhes pudesse ser ocasião de pecado. A ocasião de pecado devia, pois, proceder duma exigência, feita aos anjos de não se contentar com sua perfeição natural. Ora, os anjos foram elevados no momento de sua criação à ordem sobrenatural, que eles deviam à mera bondade de Deus, a uma graça imerecida; foi esta elevação à ordem sobrenatural que lhes impôs novas exigências positivas, e contra elas muitos se revoltaram. Dêste modo, irrompeu o pecado dos anjos.

Sobre esta espécie do pecado dos anjos, a Igreja não se definiu. Conforme vários indícios na S. Escritura, e a doutrina de muitos S. Padres e de todos os teólogos, é certo que o pecado dos anjos consistiu numa apreciação descomedida ou presunção demasiada de si mesmo provocada pela contemplação de sua perfeição natural e se-

melhança com Deus, presunção que logo foi seguida dum ambição orgulhosa à uma semelhança divina que não lhes competia. Foi o orgulho que os levou a revelar-se contra Deus.

Que semelhança divina êles ambicionaram? Mui provável é que os anjos a tenham procurado numa independência pela qual seriam, como o próprio Deus, seu próprio fim supremo afim de serem reconhecidos e honrados como tais, não somente por si mesmos, mas também por outros. E' muito provável ainda que esta aspiração à independência se tenha voltado contra a dependência e subordinação que Deus exige na ordem sobrenatural, a qual êles consideravam como uma diminuição de sua excelência natural. S. Tomás acrescenta que os anjos se sentiam ofendidos pelo preceito de êles reconhecerem, que a graça sobrenatural era completamente gratuita e imerecida, e pelo preceito de amar a Deus com amor sobrenatural e absolutamente desinteressado. Outros teólogos, porém, admitem que os anjos se sentiam ofendidos pelo preceito de reconhecerem e adorarem o Filho de Deus em sua humanidade, inferior à natureza angélica. Seja como fôr, certo é que o orgulho levou os anjos a se rebelarem contra o Criador.

2. *Como os anjos rebeldes foram castigados?*

No mesmo instante que êles cometeram o pecado de rebeldia, foram precipitados no inferno, pelo que Nosso Senhor disse: "Eu via satanás cair do céu como um relâmpago". Não obstante sua queda, os anjos rebeldes não se acham encarcerados definitivamente no inferno como em sua própria habitação; até o fim do mundo podem mover-se na esfera terrestre ou infernal, e demorar-se na terra, espalhar-se pelos ares como diz S. Paulo. Mas no fim do mundo serão encarcerados no inferno para todo o sempre, para serem supliciados eternamente.

Durante o tempo que se demoram na terra e nos ares podem, com a permissão de Deus, exercer sua maldade e poder sobre a terra. E' certo que os maus anjos não perderam pelo pecado sua sagacidade especulativa e técnica; mas, pela corrupção de sua vida espiritual, sua inteligência se obscureceu e sofre de cegueira. Esta tem seu fundamento no fato que o anjo rebelde não pode conhecer coisa alguma pela fé sobrenatural, isto é, de mo-

do vivo e frutuoso: restou-lhe apenas um conhecimento árido e morto das verdades sobrenaturais, que já conhecia antes de sua queda, ou que pode obter por uma comunicação externa. Esta cegueira tem também seu fundamento na maldade da vontade, e assim sua virtude visual natural é ligada. O demônio não conhece mais o que é verdadeiramente bom: bem ao contrário, tem por bom tudo o que é mau, e por mera maldade julga erradamente sôbre muitas coisas incertas e impenetráveis: seu juízo prático moral é maior, porém, do que o do homem.

Assim, demorando-se na terra até o fim do mundo, podem seguir a maldade de sua vontade, e causar dano aos homens. Sua inimizade contra Deus concentra-se com algum êxito do homem, porque êste é a imagem do Criador e o coração da criação universal. Porque Deus permite esta inimizade ativa do demônio contra o homem? Além de outros motivos há ainda êste motivo especial, que o homem na luta contra o poder das trevas pode manifestar melhor sua fidelidade a Deus, e, dêste modo, ganhar maiores merecimentos e maior glória, e de outro lado o demônio será mais humilhado se fôr vencido por uma criatura mais fraca. Podia Deus permitir ainda esta atividade diabólica para, caso o homem fôsse vencido, opôr ao demônio um inimigo invencível na natureza humana do Filho de Deus humanado; seria, pois, o demônio vencido pelo Cristo que poderia conceder ao gênero humano a fôrça de resistir ao poder do inferno, para completar a confusão dos maus anjos e ao mesmo tempo para glorificar a Deus.

Haverá, pois, na terra até o fim do mundo dois poderes, mas depois haverá um só, o poder de Deus que reinará com os eleitos, ao passo que todos os condenados, quer anjos quer homens, serão obrigados no meio de seus suplícios a reconhecer e confessar a justiça de Deus, porque tôdas as criaturas devem glorificar o Criador na eternidade, cada uma a seu modo, os eleitos na glória do céu, os condenados nos castigos do inferno. E não restará nada do poder do demônio.

Após esta explicação nos será mais fácil compreender as palavras de Cristo que disse que satanás não permaneceu na verdade, isto é, no estado de graça em que foi criado; assim como as palavras do Apostolo S. Judas Tadeu que escreve: "Os anjos (que se rebelaram) não conservaram seu principado, mas abandonaram seu domitello", e caíram no inferno. Não souberam guardar

a excelência e a graça santificante em que foram criados, e, por isso foram coagidos a deixar o espaço celeste em que desde o princípio habitavam, e perderam a felicidade de ver a Deus face a face, sem esperança de gozar um dia a glória do céu.

3) *Por que Deus não poupou os anjos e teve compaixão do homem?*

Verdade é que os anjos rebeldes imediatamente depois de seu pecado foram precipitados no inferno sem terem a graça e o tempo de se arrependerem, ao passo que Deus teve dó do homem e lhe prometeu um Redentor. Embora o pecado do primeiro homem fôsse gravíssimo, todavia o pecado dos anjos era muito mais grave. As razões são as seguintes.

A inteligência do anjo é muito mais perfeita que a do homem, porque compreende por intuição e imediatamente, e portanto seu conhecimento é mais simples e fácil, mais puro e claro do que o do homem; o anjo conhece a Deus muito melhor do que o homem.

Além disso, a vontade do anjo é guiada por um conhecimento puramente espiritual, sumamente claro, e por isso sua vontade não depende de modo algum da influência das inclinações e aspirações duma faculdade apetitiva sensitiva, como a vontade humana. E por isso não há na vontade do anjo nenhum ato imperfeitamente livre ou indeliberado, fundado em conhecimento imperfeito. Muito menos há no anjo verdadeiros movimentos apaixonados que possam ofuscar o conhecimento ou impedir a liberdade de agir. Da contínua atividade do conhecimento, no anjo, segue a ausência de estôrvo da vontade, como em Deus. A vontade do anjo não conhece, pois, as imperfeições da vontade humana; o homem decide seguir sua vontade geralmente após demorada reflexão, e não se entrega à vontade de modo irrevogável. No anjo, ao contrário, devido à clareza de seu conhecimento e à ausência de estôrvo da vontade, a decisão segue imediatamente; e logo que decida, segue esta decisão com tãda a energia de sua vontade e com a intenção de sacrificar tudo para alcançar seu fim, seja êste bom ou mau. Uma vez feita a decisão, será mantida irrevogavelmente, porque a vontade do anjo participa de algum modo da decisão eterna de Deus; e neste ponto distingue-se da von-

tade humana que não decide com tóda sua energia, porque é guiada por conhecimento imperfeito, tem sua fraqueza, e após algum tempo abandona o que decidiu seguir. Por isso a decisão do anjo para pecar era irreparável, e sua vontade não quis nem poderia mais abandonar o pecado, a não ser que Deus interviesse com um milagre. Eis a razão porque o anjo foi condenado ao inferno imediatamente sem ter tempo para reparar o mal que cometera, ao passo que o homem, mais imperfeito e mais fraco, teve tempo e recebeu a graça de reconhecer o mal e revogar sua decisão.

Embora o pecado do homem no paraíso incluía incredulidade e uma formal separação de Deus, e portanto em seu motivo igual ao pecado do anjo, todavia sua separação não era tão radical e tenaz como a do anjo: e, assim se explica como a imediata humilhação e confusão que o primeiro homem logo após seu pecado experimentou, não deixou de o desenganar eficazmente, e apenas experimentou a desenfreada concupiscência, envergonhou-se de ter ofendido a Deus e teve medo do pecado cometido.

4) *Qual é o poder do demônio sobre o homem pecador conforme a palavra da S. Escritura ?*

Pelo pecado o homem caiu no poder do demônio, como a S. Escritura afirma em vários lugares.

Este título de submissão do homem, manchado de pecado original, ao poder do demônio, não tem seu fundamento em algum direito da parte do espirito infernal, porque êste não pode ter merecimento algum. Ele seduziu o homem só com promessas mentirosas. E' pois duplamente tirano: apoderou-se daquele poder de modo injusto, e o exerce só com a intenção de fazer mal. Mas êste título lhe vem da parte do homem pecador, que mereceu que Deus o entregasse ao poder infernal a que se aliara quando se separou do Criador: ou por outra, foi o homem expulso do reino dos filhos adotivos de Deus, e está preso no reino do pecado, cujo príncipe é o demônio. Está preso de tal modo que com suas próprias fôrças não pode voltar ao reino de Deus. Foi preciso que o Filho de Deus se incarnasse e sacrificasse sua vida para reconstituir o homem pecador no estado de graça.

De vários modos o demônio exerce seu poder tirânico. O homem incorreu pelo pecado em todos os males que irromperam pela perda da graça da parte do homem pecador. Ora, entre êsses males vêm tôdas as enfermidades corporais, a morte, a má concupiscência, a inclinação ao pecado, as mil tentações que sofre da parte dos espiritos malignos, que levam o homem a novos pecados graves e pessoais. E, se o homem ao pecado original acrescenta novos pecados, sua escravidão se torna mais dura. Assim a submissão do homem ao poder do demônio tem vários graus, porque também o pecado tem vários graus. E porque tudo isso procede do pecado original, a escravidão do homem sob o poder do demônio é atribuída em primeiro lugar ao pecado original, embora os pecados pessoais agravem esta escravidão. E no pecador obstinado, êle pode chegar até a servir e trabalhar às ordens do demônio para estender o reino do pecado e do inferno.

Esta submissão do homem pecador ao poder do demônio pode ser explicada como uma inabitação do espírito infernal no homem. De fato, os exorcismos da Igreja na administração do batismo são mais ou menos iguais aos exorcismos que a Igreja usa para expulsar o demônio do corpo dum possesso: a inabitação do demônio no homem pelo pecado é comparada, pois, com razão, com a inabitação do Espírito Santo na alma humana pela graça santificante. Todavia não é uma habitação substancial do demônio, nem no corpo do homem, nem em sua alma, o que é absolutamente impossível; é apenas uma dependência e influência que o pecador sofre da parte do espírito das trevas, como há também dependência e influência entre os homens. Se, pois a Igreja fala na administração do batismo duma inabitação do demônio e do Espírito Santo no homem, deve-se entender, que há entre estas duas inabitações certa analogia, mas em sentido radicalmente oposto. A inabitação do demônio transporta o homem para o reino infernal, a segunda o transporta para o reino de Deus.

Esta submissão do homem ao poder do demônio não é absoluta nem universal. Por isso o Concílio de Trento condenou a doutrina de Lutero que afirmava que o homem pelo pecado original tinha perdido sua liberdade, e que a liberdade do homem era como um cavalo, montado pelo demônio. A Igreja, porém, ensina que, assim como o homem não perde a liberdade de pecar

quando o Espírito Santo já tomou posse d'êle, assim também não perde a liberdade de praticar o bem quando, pelo pecado original, já caiu sob o poder do demônio.

Para explicar melhor esta verdade, vejamos o que querem dizer as palavras que Nosso Senhor disse poucos dias antes de sua morte: "Agora é o juízo d'êste mundo: agora será lançado fóra o príncipe d'êste mundo". Pela morte de Cristo o império do demônio ia ser quebrado, conforme as palavras de S. Paulo: "Veio Jesús (Cristo) destruir pela sua morte aquêle que tinha o império da morte, isto é, o demônio, e para livrar aquêles que pelo temor da morte estavam em escravidão".

Pelo pecado original todos os descendentes de Adão, além dos dons preternaturais, perderam a graça santificante, e com ela o direito à glória do céu: ao mesmo tempo foram reduzidos à escravidão do pecado e do demônio, da qual não se podiam livrar a não ser pela graça de Nosso Senhor. Mas esta sujeição ao demônio não era tão ilimitada e absoluta que o homem, apenas fôsse nascido, estava entregue de tal modo ao espírito maligno que êste pudesse fazer com êle o que quisesse, inclusive lançá-lo no inferno sem mais nada, logo que o homem viesse a morrer. Embora seja de fé que a criança, logo que vier a morrer sem batismo, e sem o uso da razão, perde para sempre o direito à glória do céu, todavia não é de fé, nem mesmo provável que a perda da visão beatífica inclui também naquelas condições os suplicios eternos do inferno. E' sumamente provável que o estado definitivo do homem, que morreu, manchado apenas do pecado original, não seja doloroso ou aflitivo, porque êste estado não inclui uma aversão perversa de Deus; portanto êste estado admite uma certa paz interior, um contentamento interno, de modo que o homem nestas condições alcança ao menos o estado de felicidade natural, que teria sido seu fim supremo, caso Deus não tivesse elevado o homem à ordem sobrenatural.

Não há dúvida alguma; se o homem comete o pecado grave pessoal, merece ser lançado no inferno; mas isto não se pode afirmar do homem que morre, manchado apenas do pecado original, porque tal doutrina não se pode conciliar com a misericórdia e justiça de Deus: pois naquêlê caso o homem estaria completamente entregue a si mesmo, sem poder alcançar um destino moral, e isto sem cometer pecado grave pessoal. Ora, se a dilação da condenação dum pecador, réu de pecado

grave pessoal, a quem Deus podia condenar imediatamente ao inferno após o pecado, é um sinal que Deus deseja que o pecador desista de seu pecado pessoal, quanto mais devemos admitir que Deus, uma vez que quer a efetiva propagação do gênero humano pelo matrimônio, não quer entregar ao demônio no inferno o homem, manchado só de pecado original: bem ao contrário, é sinal que Deus quer dar aos descendentes de Adão os meios necessários para evitarem ao menos os pecados graves pessoais, afim de que possam escapar aos suplícios do inferno. Se não fôsse assim, poderíamos aplicar às crianças que vão morrer sem batismo e manchadas só de pecado original, as palavras que Cristo disse de Judas: "Era bem para elas que não tivessem nascido".

Que significam as palavras da S. Escritura, dizendo que o demônio é o príncipe d'êste mundo e o deus d'êste século? Sem dúvida referem-se a um domínio sôbre o gênero humano depois que pela rebelião de Adão o pecado e a morte entraram no mundo para reinar sôbre os homens. Embora Cristo, pela sua morte, tenha vencido e expulso em princípio o espírito infernal, todavia o gênero humano continua, ao menos em parte, submetido ao império do demônio, até que venha a plenitude dos tempos em que todos os maus anjos, até hoje espalhados pelos ares, serão encarcerados para todo o sempre no abismo dos suplícios eternos. Esta submissão ao demônio continua ainda, não obstante a vitória de Cristo sôbre o inferno, o pecado e a morte, e está expressa em várias bênçãos da Igreja sôbre as coisas materiais, bênçãos que às vêzes são fórmulas de exorcismo.

Reza o sacerdote, ao benzer estas coisas: "Eu te exorcismo, ó criatura de água, de sal, de óleo", etc.. Ora a Igreja não se serviria d'êstes exorcismos se o demônio não estendesse seu império sôbre o mundo visível, enquanto está em contacto imediato com o homem, ou deve servir para o bem nosso. Antes do pecado original o homem era o senhor da criação visível, e o demônio não podia servir-se d'êste mundo de modo violento para prejudicar a humanidade. Mas depois do pecado original, pelo qual Adão, a cabeça da criação visível, caiu sob o poder infernal, êste poder e domínio estendeu-se naturalmente ao campo todo que pertencia ao primeiro homem. Assim como o domínio do homem sôbre o mundo foi limitado em castigo de seu

pecando, em castigo do abuso da natureza exterior, assim também o castigo do pecado influi que seu domínio seja combatido pelo demônio, e que a natureza material, pela influência do demônio, concorra para prejudicar o homem. Este domínio do demônio sobre o mundo é um domínio de morte, radicalmente oposto à atividade do Espírito Santo, atividade vivificante e conservadora, pois que a atividade do demônio procura favorecer os germes de destruição, e aspira somente a perverter e destruir.

Afinal o domínio do demônio sobre o gênero humano consiste em mil tentações e incitamentos ao pecado, ocasionando também outros males com que o demônio procura induzir o homem ao pecado, à impaciência e desconfiança. Por isso escreve S. Pedro:

“Irmãos, vigiai, porque o demônio, vosso adversário, anda ao redor, como um leão que ruge, buscando a quem devorar: resisti-lhe, fortes na fé”. E S. Paulo nos exorta: “Irmãos, revesti-vos da armadura de Deus, para que possais resistir às ciladas do demônio. Porque nós não temos de lutar somente contra a carne e o sangue, mas sim contra os principados e potestades do inferno, contra os dominadores deste mundo tenebroso, contra os espíritos malignos espalhados pelos ares”.

5) *O Evangelho nos refere muitos casos de possessão diabólica: dá-se ela também em nossos dias?*

Como já temos exposto em outro artigo, Deus permite por motivos de sua alta sabedoria, que o demônio exerça sua atividade perniciosa entre os homens até o fim do mundo, e, por isso, permite às vezes a possessão diabólica.

Observamos, porém, que há obsessão e possessão da parte do demônio, uma bem diferente da outra. A obsessão diabólica é uma série de tentações mais violentas e duradouras do que as tentações ordinárias; pode ser externa quando atua sobre os nossos sentidos externos, e interna quando provoca impressões íntimas. Quanto aos males com que neste caso o demônio nos procura afligir, algumas vezes Deus os permite para purificar mais a alma cristã, como o santo varão Job: outras vezes Deus os permite para castigar os pecadores. Conforme o livro de Tobias, o Arcanjo parece atribuir a morte

de sete maridos de Sara aos pecados daqueles esposos que abusavam do casamento, por isso o Arcanjo disse: "Ouve-me, Tobias, e eu te mostrarei quais são aquêles sôbre quem o demônio tem poder. São os que se casam com tais disposições que lançam fora de si e de seu espírito, e se entregam a sua paixão, como o cavalo e os burros que não têm entendimento: é sôbre estes que o demônio tem poder".

A possessão diabólica, porém, tem dois elementos, a presença do demônio no corpo do homem, e o império que o demônio exerce sôbre êsse corpo, e por intermédio dêste sôbre a alma. Pode o demônio atuar diretamente sôbre o corpo e indiretamente influir sôbre as faculdades da alma na medida que estas dependem do corpo para suas operações. O possesso não perde sempre a consciência do que faz, e, geralmente, não se dá a possessão diabólica a não ser nos pecadores. O espírito maligno pode, se Deus o permitir, servir-se do possesso para que este faça tôda a espécie de mal; dêste modo se torna o possesso instrumento nas mãos de Deus para castigar os pecadores ou para provar os bons.

Copiamos aquí algumas palavras de célebre poeta e pensador Goethe. Em uma de suas obras escreve: Êsses demoníacos, porém, assumem aspecto terribilíssimo quando surgem de maneira preponderante, em uma parte qualquer. No curso de minha vida me foi dado observar alguns deles, ora de perto, ora à distância. Nem sempre são homens superiores em espírito e em talento, e raramente se recomendam pela bondade do coração; mas brota dêles uma força desmesurada, exercem um poder incrível sôbre os seres, e até mesmo sôbre os elementos. E quem poderá dizer até onde se estende uma influência desta ordem? Todas as forças morais unidas nada podem contra êles. E' debalde que a parte mais clarividente da humanidade pretende colocá-los sob uma luz suspeita, ou como mistificadores ou embusteiros". Poderá o leitor julgar se em nossos dias se encontram tais possessos.

No tempo do paganismo universal, e também agora nos países pagãos, a intervenção diabólica geralmente é mais freqüente do que nos países cristianizados. Quando Nosso Senhor baixou à terra, houve uma recrudescência de crueldade da parte do demônio que via seu reino invadido por Jesus Cristo, e seu poder ameaçado de destruição completa. O número dos possessos era também maior nos primeiros séculos do Cristianismo do que em

nossos dias. Deus tinha razões especiais para os permitir naquele tempo, p. ex., mostrar a divindade da religião cristã. Nos países cristãos a intervenção diabólica é agora mais limitada, porque seu poder é restringido pelo Cristo, e combatido eficazmente por mil meios espirituais que a Igreja recebeu de seu divino Fundador.

Entre os sinais da possessão diabólica a Igreja enumera a revelação que o possesso faz de coisas ocultas e de algum modo futuras. Pode, pois, acontecer que Deus permita, por motivo justo, a revelação duma falta do sacerdote exorcizante. Vem a propósito narrar aqui o que se deu com o célebre convertido Pedro Keriolet, que morreu em 1660 em odor de santidade, e por cuja intercessão após sua morte Deus fez muitos milagres.

Durante muitos anos era Pedro um afamado criminoso, e quando certo dia soube das possessões diabólicas de Loudun, na França, que faziam grande impressão, zombou dos fatos extraordinários de Loudun. Não podendo resistir à curiosidade, foi assistir ao exorcismo dum possesso, quando este lhe gritou: "Eu te conheço. Miserável, tu dizes que não tens inimigo. Tu desprezas a Deus por tantos anos. Malvado, julgava eu te poder levar ao inferno, quando fizeste um voto a Madona de Liesse, voto que não cumpriste. Ingrato, és indigno dos benefícios daquela Virgem. E no dia em que te deram um tiro de carabina na janela da casa daquela adúltera, te tiraram das minhas mãos; também, um dia, caindo um raio, eu te queria levar com a tábua de teu quarto. Blasfemador e ateu! Será possível que tal homem receba a misericórdia? Ó injustiça divina!" Ao ouvir estas palavras, Pedro se deu por vencido, converteu-se, e abraçou uma vida de rigorosas penitências. Morreu como um santo.

6) *Há criaturas humanas que adoram o demônio como uma divindade?*

Se o demônio se rebelou contra o Criador, levado pelo orgulho a ser semelhante a Deus, e se o espírito infernal após sua condenação procura combater o reino de Deus na terra e subjugar o homem, podemos admitir facilmente que ele procura opôr à religião verdadeira sua religião para injuriar a Deus e humilhar o homem. Não é sem razão que o demônio é chamado si-

mio de Deus, porque quer macaquear a Deus, quer portar-se como Deus, quer que o homem lhe preste um culto religioso. Esta religião diabólica é uma verdadeira caricatura da verdadeira religião, e muito mais do que o macaco é caricatura do homem. E Deus permite o culto diabólico por motivos de sua alta sabedoria.

Durante muitos séculos Deus tolerou o culto dos ídolos pelo mundo inteiro, porque, conforme a palavra de S. Paulo, êste culto era um culto diabólico. Danado, no culto dos ídolos não havia ser real e pessoal que aceitasse êste culto a não ser o demônio, e de outro lado, conforme alguns Santos Padres, mais de um ídolo estava animado pelo demônio. Quando, pois, os Néo-Platônicos, filósofos pagãos, procuraram espiritualizar o culto dos ídolos, estabeleceram o culto dos demônios.

Pela sua morte, Cristo destruiu o império do demônio nesta terra, ao menos em princípio, permitindo Deus, porém, que o demônio continuasse sua atividade perniciosa em combater o gênero humano, afim de tornar mais completo o castigo e a derrota do inferno no fim do mundo quando os espíritos infernais forem encarcerados para sempre nos suplícios eternos. Assim se explica que também depois da morte de Cristo, continua o culto diabólico na terra.

Sabemos que os ofitas, uma seita gnóstica nos primeiros séculos do Cristianismo, e que mais tarde se cindiu em várias outras seitas, veneravam uma serpente viva, encerrada numa jaula, e a ela dirigiam suas preces. E' certo também que na Idade média o culto diabólico foi praticado em reuniões particulares. Mesmo nos tempos posteriores, até hoje, êste culto diabólico é praticado às ocultas como provaram os escritores conhecidos, Huysmans, Bois e outros. A necromância e o espiritismo são também espécies de culto diabólico, embora indireto. Escreve um jornalista inglês: "Para nós é incontestável que na França há uma seita consagrada à veneração de Lúcifer como campeão da humanidade revoltosa". E um maçõn inglês escreve: "Na Armênia há uma seita religiosa, os yezidis, que adoram o demônio. Satisfazem de tal modo a tôdas as condições maçônicas, que a maçonaria mundial deve admitir que êles se unam a nós. Eles crêem que seu deus — demônio é um verdadeiro e vivo deus, e a êle rezam e nêle confiam; é mais do que a maçonaria exige".

Será licito concluir destas palavras que a maçonaria pratica o culto do demônio? Certo é que a maior

parte dos maçons oficiais confessam o Grande Arquiteto do universo; e à pergunta quem é este arquiteto, muitos respondem: é a natureza, e assim estão de acôrdo com os antigos agnósticos. Um maçom escreveu; "A verdadeira maçonaria é puro agnosticismo". Se, porém, a maçonaria não exige o culto diabólico, certo é que o admite, e que mais de um maçom o pratica, como muitos documentos provam.

Um jornal norte americano há tempo, inseriu um artigo sôbre o culto diabólico nos Estados Unidos, e citou uma fraternidade maçônica, cuja fórmula de fé reza: "A ti, ó Lucifer, me consagro com respeito, amor e fé. Tu és deus, e prometo renunciar ao mau deus: tu és a verdadeira luz, e eu detesto a mentira, a hipocrisia e a superstição. (Estas palavras se referem à fé cristã). Para te servir darei a última gota de meu sangue. Dou-me a ti de corpo e alma. Faze de mim o que quizeres em honra de teu nome. E quando soar minha última hora, me encontrarás impávido e pronto a ser transportado para teu fogo eterno".

A revista oficial da maçonaria italiana escreve: "A fórmula do grande arquiteto abrange o deus de Mazzini e o satan de Carducci: deus como a fonte de amor, não de ódio, e satan como gênio do bem e do mal". Em outro lugar a mesma revista afirma: "O gênio do futuro, nosso deus, tem em si o germe da nova lei do bem. Saudai — o espírito renovado, vós todos que estais sofrendo. Levantai a cabeça, meus irmãos, porque êle vem, satan o grande".

Copiamos aqui alguns versos do hino de Carducci em honra de satan.

"A ti eu honro, ó satan,
Fôrça vingadora de nossa razão.
Em tua honra sobem incenso e preces.
A ti que derrotaste o Jeová dos sacerdotes".

Seguem alguns versos dum hino maçônico espanhol que nos descreve a chegada de Cain ao inferno:

Satan, ao receber este fraticida, jura destronar o Deus de Cain, e depois exclama: "Para traz, raça de Abel, abre o caminho para deixar passar o carro de triunfo, puxado por seu irmão Cain, e empurrado por satan". Uma poesia francesa maçônica reza: "O Lucifer, eu te honro, eu te amo: tu me ensinaste a desprezar o poder detestável do Senhor, e me esquecer dêle com desprêzo". Outra poesia: "O período das lágrimas

já chegou para o Vaticano; as portas do inferno triunfaram, e satan triunfou, êle que é a rebeldia, êle triunfou por todos os séculos dos séculos". No teatro de Turim, há alguns anos, cantaram: "O' povos, eis que passa satan, o grande benfeitor, dum lugar a outro, sentado em seu carro de fogo. Salve, satan, salve revolucionário"!

Quando, em Maio de 1889, foram celebradas em Roma às festas em honra de Giordano Bruno, foram levados num préstito vários estandartes com a imagem do demônio: e referindo-se a este escândalo, Leão XIII disse no mesmo ano numa alocução: "A coisa mais horrível foi que não faltaram estandartes com a imagem do mau espírito, que no céu recusou submeter-se ao Altíssimo". Em agosto de 1882 por ocasião duma festa em honra de Garibaldi na capital da Argentina, foram levados num préstito mais de uma dúzia de estandartes com a imagem do demônio.

Infelizmente há muitos maçons que ignoram o verdadeiro fim da maçonaria, porque é de maior interesse para ela esconder para a maior parte de seus membros os documentos oficiais que se referem a seu espírito e seus fins. Quantos católicos que se aliaram a esta seita condenada, se soubessem que ela admite o culto diabólico, sentir-se-iam envergonhados de fazer parte duma associação que, com razão, pode ser chamada um poder tenebroso.

IV. A QUEDA DO HOMEM

† Livros Católicos para Download



IV. A QUEDA DO HOMEM

1) *Onde era situado o paraíso terrestre?*

Até hoje ignoramos onde era situado o paraíso em que nossos primeiros pais foram colocados depois que foram feitos por Deus. Refere a S. Escritura que Cain, depois de ter cometido o fratricídio, retirou-se de diante da face do Senhor e habitou no país que estava ao nascente de Eden. Esta palavra significa delícias, e parece sinônimo de paraíso.

Refere ainda a S. Escritura que na região em que era situado o paraíso terrestre, havia quatro rios, cujas fontes ou nascentes se achavam na proximidade do paraíso, e os nomes destes rios são: o Fison, o Geon, o Tigre e o Eufrates. Como, porém, estes dois últimos se acham na Armênia, talvez seja provável que o paraíso deva ser procurado nesse país da Ásia. Mas esta opinião não passa de conjectura, porque a condição do solo e o curso desses rios talvez tenham passado por mudanças, devido ao dilúvio ou outros movimentos da crosta da terra. Há outros escritores e doutos que afirmam que devemos procurar o paraíso terrestre na Babilônia, na Cáldea ou na Índia.

2) *Será lícito explicar a narração bíblica da queda do homem no paraíso terrestre em sentido simbólico?*

Mais de um incrédulo considera esta narração como uma ficção poética, como fábula ou lenda do povo; há muitos que, ao ler esta narração, encolhem os ombros e negam a verdade histórica das palavras da S. Escritura; estes incrédulos não podem compreender o sentido profundo e espiritual da queda do homem no paraíso, porque excluem todo o elemento sobrenatural.

Para o católico, porém, não pode haver dúvida sobre o sentido literal da narração da Bíblia, depois que a Comissão Bíblica, instituída pelo Sumo Pontífice, declarou que não é lícito desviar-se do sentido literal da

quela narração, e, sobretudo, dos fatos que se referem nos fundamentos da religião cristã, e, entre estes fatos também a violação do preceito que Deus deu aos primeiros homens no paraíso, a sedução da mulher pelo demônio em forma duma serpente, etc.

Se fosse lícito recorrer n um sentido simbólico para explicar êsses fatos, podemos admitir também que tudo é lenda nas primeiras páginas da Bíblia, que todos os fatos históricos na vida de Cristo não passam de lendas. Tal interpretação da Bíblia está de acôrdo com o subjetivismo de Lutero, que chegou a negar grande número de verdades religiosas; tal subjetivismo é contrário à sabedoria da Igreja, e se fosse permitido, não tardaria que a religião de Cristo ficasse completamente destruída.

Observamos ainda que Deus na direção e educação sobrenatural do homem toma em consideração a natureza espiritual e corporal do homem, servindo-se de meios que lhe tocam imediatamente a parte corporal. Assim, p. ex., os sacramentos pelos quais Deus nos concede a graça sobrenatural, e são os portadores da vida sobrenatural, têm elementos materiais, porque o homem pelo sensitivo sobe ao espiritual.

Pela mesma razão Deus permitiu que o demônio abusasse de seu domínio sôbre a matéria, servindo-se duma serpente para seduzir a primeira mulher. Como os homens não podem ver a substância espiritual, os espíritos se manifestam sob formas visíveis, e em nosso caso o demônio manifestou-se sob a forma duma serpente; aliás a vida dos Santos está repleta de tais manifestações. Quem ignora que os anjos apareceram sob a forma dum jovem, duma pomba, ou de animais menos nobres? E não apareceu o Filho de Deus sob a forma humana? E se os demônios, conforme o Evangelho, pediram ao Cristo a licença de passar para os corpos dos porcos, não há motivo algum de duvidar de que o espírito maligno se tenha escondido na forma duma serpente para iludir a mulher.

Se pois o homem precisa de coisas visíveis para subir às coisas invisíveis, era natural que Deus se servisse dum objeto material, em nosso caso, dum fruto proibido para provar a submissão do primeiro homem, submissão que lhe garantiria o direito à felicidade sobrenatural e eterna. Portanto não há razão alguma para explicar a narração bíblica da queda do primeiro homem em sentido simbólico.

3) *Qual o pecado do primeiro homem no paraíso?*

Ao ler superficialmente a S. Escritura sôbre a queda do primeiro homem, mais de um leitor podia pensar que o pecado do primeiro homem no paraíso foi comer do fruto proibido; e de fato mais de um católico julga que êste foi o pecado de Adão e Eva. Mas será possível que Deus por causa dêste pecado, que parece tão leve, tenha castigado nossos primeiros pais e todos os seus descendentes com êste dilúvio de misérias e desgraças que tornou esta terra um vale de lágrimas? Além disso se deve admitir que o homem no estado da inocência primordial possuía um domínio completo sôbre as paixões, de modo que pela vista do fruto proibido não podia ser provocado a cometer o pecado; de outro lado o primeiro homem, conforme a S. Escritura, recebera de Deus grande discernimento e luzes para sua inteligência para conhecer os males e os bens, de modo que o homem não podia dar crédito às palavras do demônio. Deve ser outro o pecado de Adão e Eva.

Ora, a mesma S. Escritura ensina em mais de um lugar, como já temos observado no artigo sôbre a queda dos anjos, que, na soberba, teve princípio todo o pecado. Por isso, o pecado do homem no paraíso procedeu duma complacência vaidosa de si mesmo, do desejo da glorificação de si mesmo, julgando-se independente do Criador, igual ao próprio Deus. Só em consequência desta soberba podia acreditar o homem nas palavras do demônio que lhe disse que seria como Deus, conhecendo o bem e o mal e que de nenhum modo morreria. Para que o homem bem se ensorbecesse a tal ponto, não era necessário que desse fé no que o demônio lhe prometia; bem ao contrário, podia crêr nas promessas do demônio somente se tivesse um coração soberbo. Escreve S. Agostinho:

“Nesse pecado de desobediência à proibição de comer do fruto da árvore da ciência do bem e do mal, o homem não teria sido enlaçado pelo demônio, se não se tivesse comprazido em si mesmo. Mas prestou ouvidos ao que lhe foi dito: Sereis como deuses, o que êle de fato seria se, pela obediência, tivesse aderido a Deus como a seu supremo Princípio, em lugar de se considerar a si mesmo como último e supremo princípio”. Portanto, conforme a doutrina dos S. Padres e teólogos, o pecado de Adão procedeu da soberba; e, por isso Deus disse com ironia

após a condenação do pecador: “Eis que Adão se tornou como um de Nós, conhecendo o bem e o mal”.

A desobediência do primeiro homem procedeu, pois, de seu orgulho, e êste foi seguido logo pelos demais pecados: a curiosidade, o gôzo sensual, a incredulidade e a desconfiança. Esta soberba, porém, que continha uma revolta formal contra o domínio absoluto de Deus, perturbou tôda a ordem do mundo, estabelecida pelo Criador, porque o homem pecador julgava-se independente de Deus e queria decidir o que seria bom ou mau para êle; era, pois, êste pecado um desconhecimento voluntário do direito e da sabedoria do Criador; era um pecado gravíssimo, porque foi cometido com a maior levianidade, e, portanto, cometido por mera maldade, como diz S. Agostinho: cometido pelo homem que no paraíso tinha recebido tantas graças preternaturais e sobrenaturais, ao passo que seu Benfeitor divino exigia dêle apenas um sacrifício tão insignificante, como era não comer do fruto proibido. Foi cometido êste pecado com a previsão de que não sômente o pecador, mas também todos os seus descendentes, seriam gravemente danificados.

Assim, pois, o demônio, que se revoltou contra seu Criador pela soberba, soube arrastar o homem para a mesma orgulhosa emancipação de Deus.

Acrescentamos ainda que é uma opinião falsíssima do povo ignorante, que diz que o pecado do primeiro homem, assim como o pecado original, foi a propagação do gênero humano. A ordem de crescer e se multiplicar foi dada a Adão e Eva antes do pecado; e, por isso, o ato conjugal, feito conforme a lei divina, não tem nada com o pecado de Adão e o pecado original.

Afinal observamos ainda que a sedução foi dirigida diretamente a Eva, porque a mulher podia ser seduzida mais facilmente ao pecado do que o homem: e êste seria mais facilmente seduzido ao pecado pela mulher do que pelo demônio; êste sabia tudo isso. Mas esta sedução era dirigida principalmente contra Adão, porque o demônio, ao que parece, sabia que o homem era responsável por todo o gênero humano, de modo que, se Adão não tivesse acompanhado sua mulher no pecado, todos seus descendentes teriam ficado livres do pecado original. A S. Escritura diz que da mulher nasceu o princípio do pecado, porque foi Eva que seduziu o homem; mas do pecado do homem nasceu o pecado original con-

forme a palavra da mesma S. Escritura: "Por um só homem entrou o pecado no mundo, e, pelo pecado, a morte, e, assim, passou a morte a todos os homens".

4) *Como poderemos conciliar o pecado original com a justiça de Deus ?*

Conforme o Concílio de Trento a essência do pecado original consiste na privação da graça santificante, enquanto ela nos é de algum modo imputada em virtude de nossa conexão com Adão que rejeitou livremente esta graça. Para compreendermos melhor esta verdade devemos observar antes de tudo que assim como os anjos, também os primeiros homens foram elevados desde o princípio à ordem sobrenatural para que todas as criaturas racionais, os anjos e os homens, formassem uma só sociedade, uma só Igreja, constituída por Deus para viver com Ele na mais íntima união; e, após algum tempo, caso esta união fôsse conservada, gozar a Deus no céu e ver a Deus face a face para sempre. Elevando os homens à ordem sobrenatural, deu-lhes, ao mesmo tempo, a graça santificante, e, além dêste dom excelso, deu-lhes também vários dons preternaturais para afastar dêles os defeitos da natureza humana, tornando-os mais semelhantes os anjos, semelhança, que não competia ao homem em virtude de sua natureza humana. O fundamento dêsses dons preternaturais era sem dúvida a graça santificante, mas também esta graça era um dom gratuito de Deus, à qual o homem não tinha direito algum.

Esses dons preternaturais eram auxiliares afim de que o homem pudesse viver mais facilmente conforme a perfeição de seu estado sobrenatural, e chegar mais facilmente a seu fim sobrenatural, a visão beatífica e a felicidade eterna do céu. Esses dons eram a imortalidade corporal, a isenção de todos os sofrimentos corporais, um poder maior da vontade para reprimir os movimentos involuntários da má concupiscência, um maior conhecimento e um domínio completo da natureza material.

O Catecismo Romano nos descreve êste estado feliz do primeiro homem no paraíso nas seguintes palavras: "Ainda que, no magnífico estado de inocência, ao homem fôsse preciso comer para reparar suas forças, contudo é muito grande a diferença entre as necessidades

de seu primeiro estado e as do segundo que é nosso. Ele não carecia nem de vestidos para se cobrir, nem de casa para se abrigar, nem de armas para se defender, nem de remédios para se curarem de muitas outras coisas, em que nossa natureza debilitada e frágil carece de apoiar-se. Para conservar a vida, sem morrer, ao homem era bastante o fruto prodigioso que a árvore da vida — sem nenhum trabalho, nem dêle nem de seus descendentes — havia de continuar a produzir. Ainda assim, não lhe era lícito permanecer ocioso no meio das delícias do paraíso. Deus colocara Adão naquela morada aprazível para que trabalhasse. Nenhum trabalho, porém, lhe era molesto: encontrava satisfação no cumprimento de seus deveres. A não se ter dado o pecado, suavíssimos haviam de ser sempre os frutos de cultura naquele jardim delicioso, e nem os trabalhos nem as esperanças ficariam ali sem efeitos.”

Ora, êste estado de felicidade, unido à graça santificante, que dá direito à gloria eterna do céu, seria igualmente a parte de todos os descendentes de Adão, caso, êste ficasse fiel a Deus, observando o preceito de não comer do fruto proibido: também caso Adão violasse êste preceito, não só êle, mas seus descendentes em sua totalidade ficariam privados de todos êsses bens. Esses bens, como já dissemos, eram dons gratuitos, que Deus não devia a nenhuma criatura, mas que podia conceder a quem quisesse, e sob as condições que Ele determinasse. Há aqui alguma injustiça da parte de Deus?

Digamos agora que, sem dúvida as condições sob as quais êsses dons preternaturais e sobrenaturais foram concedidos a Adão e seriam concedidos igualmente a todos seus descendentes, sem dúvida foram explicadas a Adão no momento em que Deus lhe impôs o preceito positivo de provação, o preceito de não comer do fruto proibido. Era êste preceito uma limitação do domínio do homem sôbre a natureza material, e lhe foi imposto para que o homem, observando-o no meio da abundância dos bens do paraíso, e na altura da magnificência que recebera, em honra do Criador, fizesse um sacrifício de abnegação e de obediência pura e perfeita. E, para estimular o homem à observância daquele preceito, Deus o ameaçou com a morte, mal mais visível, mais sensitivo e mais humilhante: o o ameaçou ainda com a perda de todos aquêles bens preternaturais e sobrenaturais, com a perda do céu, e portanto, com a caída completa na baixeza e fragilidade de sua natureza humana.

Havia, porém, mais um elemento que devia estimular o primeiro homem a observar o preceito de Deus. Todo o gênero humano que de Adão havia de nascer até o fim dos tempos, com êle era chamado para a mesma magnificência, pois que esta seria como um dote da natureza para todos os descendentes do primeiro homem. Assim como todos os homens receberiam a natureza humana, por via de geração, do primeiro homem, assim também a concessão de todos os bens e graças que Adão recebera, havia de seguir logo a geração natural, seria hereditária para todos os descendentes de Adão. A geração, procedendo de Adão, era, pois, o título infalível pelo qual todos os homens participariam de todos os bens extraordinários do pai primordial. Portanto, possuía Adão aquela magnificência como cabeça moral de todo o gênero humano, e dêle dependia a concessão desta mesma magnificência a todos seus descendentes, assim como um rei terrestre, elevando um súbdito ao estado de nobreza, lh'o concede como hereditário em sua família. Há aqui uma injustiça da parte de Deus ?

Este lugar único de Adão, na ordem sobrenatural era devido unicamente a uma livre ordenação de Deus, se bem que fundamentada no lugar natural de Adão como princípio da geração de todos os homens. Era, pois, o preceito de provação, impôsto a Adão, conforme a ordenação divina, de importância incalculável para todos os homens que haviam de nascer até o fim dos tempos. E' fácil justificar esta ordenação de Deus. Sendo Ele o Senhor absoluto de suas graças, pode definir livremente as condições sob as quais concede seus favores, pois que não deve nada a nenhuma criatura, ordenação muito conforme à natureza, porque tais determinações sobre a transferência de favores valem também entre os homens, como prova o exemplo do rei terrestre que eleva um súbdito e tôda sua família ao estado de nobreza, por mera bondade.

Tentaremos penetrar na essência do pecado original, seguindo a S. Tomás, cuja explicação é admitida pelos teólogos. Diz o santo Doutor da Igreja que o pecado original consiste essencialmente na destituição ou privação da inocência original, e importam a privação da retidão da razão e da vontade, a privação da graça santificante. Adão era a cabeça física da natureza humana, o princípio ativo da propagação de todos os homens: era além disso, por ordenação divina, cabeça da natureza humana na elevação à ordem sobrenatural.

Os dons da graça, concedidos a Adão, seriam conferidos igualmente a todos os homens, caso Adão não violasse o preceito positivo da provocação; no caso contrário, Adão perderia todos esses dons para todo o gênero humano. Daí segue que a defecção de Adão seria transferida a todos os homens do mesmo modo que a natureza humana seria transferida de Adão a todos os seus descendentes, e seria transferida a defecção de Adão pelo seu pecado pessoal, isto é, pela culpa da fonte donde vem a natureza de todos os homens; é como a água do rio que se corrompe pela fonte que está inficionada. Portanto o pecado original em nós tem a razão de culpa só por causa do pecado pessoal de Adão; porque o primeiro homem, em virtude de ordenação divina, tinha sido constituído para transferir a todos os homens ou a concessão ou a perda dos dons da ordem sobrenatural. Por isso, o pecado pessoal de Adão tornou-se o pecado da natureza humana, pela geração carnal de Adão.

Este pecado, porém, não é como qualquer outro pecado grave que cometemos pessoalmente, porque este contém uma positiva aversão de Deus e uma conversão criminosa para a criatura; pois que o pecado original, em nós, tem apenas uma privativa aversão de Deus e exclui uma conversão criminosa para a criatura, porque nos priva apenas da inocência original, que devia haver em nós por sermos filhos de Adão. De outro lado, esta aversão privativa não pode ser pecado, porém, se não fôr voluntário: Como ela é voluntária em nós? Não por um ato pessoal de cada um de nós em particular, mas somente por um ato pessoal de Adão. Assim nos achamos em estado formal de culpa pela prevaricação do primeiro pai do gênero humano, que introduziu este estado de culpa em todos os homens, porque era a cabeça moral e física de todos os homens por ordenação divina. Em virtude desta ordenação todos os homens podem ser considerados como um só homem. Ora, assim como o ato dum membro corporal, p, ex., o ato dum mão ou dum pé não é voluntário pela vontade da mão ou do pé, mas pela vontade do homem todo, assim também toda a desordem, que pelo pecado original há no gênero humano, não é voluntária pela vontade de cada homem, mas pela vontade de Adão, que, pela geração, move todos os que d'ele nascem. E, assim como os atos dum membro corporal não são pecados deste membro, mas da alma que move

o corpo todo, assim também o pecado original não é pecado pessoal dos filhos de Adão, mas é culpa nossa pelo pecado pessoal de Adão. E' pois nosso pecado só enquanto nascemos do primeiro pecador que, pelo seu pecado, perdeu para si e para todos os seus descendentes a inocência original; e tôda nossa culpa consiste em estarmos destituídos da graça pela culpa pessoal de Adão.

Dai segue ainda que êste pecado, nos filhos de Adão, não será castigado com os suplicios do inferno, é, por isso, as crianças que morrem sem batismo, e, portanto, manchadas dêste pecado, não sofrerão castigos, bem ao contrário, gozarão na outra vida uma perfeita felicidade, porém, uma felicidade natural que nem de longe pode ser comparada com a felicidade do céu; sôbre êste ponto veja-se outro artigo sôbre os últimos do homem.

Convém observar ainda que não nos podemos arrepender do pecado original, porque o arrependimento se estende só aos nossos pecados pessoais, que foram cometidos pela nossa própria vontade; e, por isso a Igreja condenou a sentença dos Jansenistas que afirmavam: "O homem deve fazer penitência durante tôda sua vida pelo pecado original". Podemos apenas detestar o pecado original, e nada mais.

- 5) *Como poderemos defender a justiça de Deus e a misericórdia de Cristo que morreu para salvar todos os homens, ao presenciarmos a morte de muitas crianças inocentes que morrem sem batismo, manchadas do pecado original e por isso serão excluídas da glória do céu, sem culpa alguma de sua parte?*

Observamos primeiro que não será lícito dizer que estas crianças morrem sem culpa alguma, porque, como já dissemos em outro artigo, o pecado original que todo o homem contraiu, supõe uma culpa da parte do homem, culpa sua, porém, pelo pecado pessoal do primeiro homem. Há, pois, culpa em cada homem que nasce, embora não seja culpa pessoal. E' também certo que Jesus Cristo morreu para salvar todos os homens. Estamos aqui diante dum mistério que não poderemos compreender; será necessário, porém, afirmar que aqui não há injustiça alguma da parte de Deus, porque é certo que

em Deus não há nem pode haver injustiça. Embora as crianças nasçam sem culpa pessoal, têm todavia a culpa original, porque são descendentes de Adão, e por isso, morrendo neste estado de pecado original, perdem a felicidade do céu, porque não receberam o batismo, para elas o único meio para obter a eterna salvação.

Dizem alguns teólogos que estas crianças, antes de morrerem, receberão o uso da razão para poderem fazer um ato de contrição, e pelo desejo de receber o batismo se salvarão. Dizem outros que elas poderão receber a graça santificante pela fé e pela oração da mãe ou de outras pessoas. Esta doutrina, porém, não tem fundamento nem na S. Escritura nem na Tradição, nem tão pouco se pode conciliar com a necessidade universal do batismo de água. Aliás, a felicidade do céu é um bem sobrenatural, que excede tôda a natureza criada, e que Deus não deve à criatura alguma. Por isso também estas crianças não serão condenadas aos suplicios do inferno, mas gozarão uma felicidade natural e eterna.

Impôs Deus, porém, aos pais o grave dever de mandar batizar seus filhos, e quanto antes, o que muitos pais não fazem, e desta maneira grande número de crianças perdem o céu pelo descuido dos pais. E caso que os pais não tenham culpa, a falta do batismo daquelas crianças deve ser atribuída à intervenção de causas físicas, que Deus permite, porque não é obrigado a intervir continuamente com milagres para impedir essas causas, ou a negligência ou maldade do homem.

Há teólogos que afirmam, que todo o gênero humano constitui uma união, uma ordem, em virtude da qual ninguém pode ficar alheio à salvação do próximo. Esta ordem é instituída por Deus, de tal modo que nenhuma criança se perde sem um ou outro desleixo no cumprimento do dever da parte dos homens. Muitíssimas vêzes será impossível saber quem é responsável pela perda da salvação das crianças que não foram batizadas. Se, pois, todos os homens cumprissem seu dever, muitas crianças se salvariam. Ignoramos, porém, se esta solidariedade entre todos os homens foi constituída por Deus.

Seja como fôr, se estas crianças por falta de batismo, não podem entrar no céu, não deixarão de gozar uma felicidade eterna, mas natural, muito inferior à felicidade do céu. Louvarão eternamente a bondade de Deus que os preservou dos suplicios eternos do inferno, aos quais talvez tivessem sido condenados se honvessem passado mais tempo nesta terra. E não estarão com inveja

dos bem-aventurados do céu, porque sabem que Deus não lhes deve a felicidade sobrenatural. Seus pais, estando no céu, saberão com toda a certeza que seus filhinhos, que morreram sem batismo, vivem felizes sem jamais sofrerem coisa alguma durante toda a eternidade.

Para nós, resta-nos meditar nas palavras de S. Paulo: "Ó profundidade das riquezas da sabedoria e da ciência de Deus; quão incompreensíveis são seus juízos e imperscrutáveis seus caminhos! Porque quem conheceu o pensamento do Senhor? Ou quem foi seu conselheiro? Ou quem Lhe deu alguma coisa primeiro, para que tenha de receber em troca?" Blasfema que ousa increpar a justiça de Deus.

6) *Se o pecado original foi causa de tantos males espirituais e materiais no mundo, por que a Igreja pode dizer que foi uma feliz culpa?*

O pecado original teve, sem dúvida, conseqüências mais que tristes para todo o gênero humano, e nos ensina quão detestável mal é o pecado mortal. Bem disse, pois, o profeta Jeremias: "Sabe e vê que má e amarga coisa é haveres abandonado o Senhor teu Deus". E em outro lugar a S. Escritura diz: "Foge dos pecados como da vista de uma cobra; porque, se te chegares para eles, apoderar-se-ão de ti. Os seus dentes são dentes de leão, que matam as almas dos homens. Todo pecado é como uma espada de dois fios, e sua ferida não tem cura". Não há medicina humana nem médico humano que a possam curar. Só uma medicina divina é capaz de curar tão profunda ferida, e essa medicina nos foi oferecida no sangue de Cristo, que deu sua vida para nos curar.

Aqui, porém, se oferece aos nossos olhos um horizonte vasto e sublime de amor e misericórdia. Da triste queda do nosso primeiro pai a sabedoria e bondade de Deus soube tirar o maior bem para a humanidade. O Filho de Deus se tornou homem para tirar o pecado original, o pecado do mundo. A culpa, que deveria fazer uma separação eterna entre Deus e o homem, foi ocasião para que o mesmo Deus se aproximasse do homem pecador de tal modo, que Ele se tornou membro da família humana. O pecado, que abateu a natureza humana de sua altura excelsa, fez com que a mesma natureza caída, em virtude de sua união com o Filho de Deus, para

os Anjos se tornasse objeto de adoração. Por isso S. Paulo escreve: "Onde abundou o pecado, superabundou a graça".

Se Adão não tivesse pecado, todos seus descendentes teriam herdado seus bens sobrenaturais: mas é também provável, que muitos os perdessem por culpa pessoal. E qual teria sido a sorte desses infelizes, se o Filho de Deus não se tivesse incarnado? Por isso, quando a Igreja, no sábado de Aleluia, ao benzer o círio pascal, — que é uma imagem de Cristo, — então um cântico sublime para celebrar sua vitória sobre o inferno e a morte, parece se esquecer por alguns instantes das tristes conseqüências da queda de Adão, e, como arrebatada pela consideração da magnifica obra da Redenção, exclama: "Ó feliz culpa que mereceu tal e tão grande Redentor!"

Conforme a doutrina dos teólogos, os Anjos receberam uma medida maior de graça do que os homens. Nem por isso queremos negar, que alguns homens tenham recebido uma medida igual à dos Anjos, sobretudo as pessoas que estavam em mais íntima relação com a Incarnação de Cristo, ou que participaram dos sofrimentos do Redentor. E isso se deve admitir, sem dúvida alguma, a respeito de Mãe de Deus. Ora, tal abundância de graça e de glória não haveria para eles, se Adão não tivesse pecado. E' possível também que alguns Santos superem em graça santificante e glória aos Anjos, porque durante uma vida longa praticaram uma abnegação heróica, e fizeram sacrifícios sublimes, dos quais os Anjos não foram capazes, devido à sua natureza espiritual. E tudo isso os Santos puderam fazer só depois do pecado original. Foi, portanto, uma feliz culpa a de Adão.

- 7) *Tendo Deus condenado a mulher no paraíso a dar à luz com dor os filhos, — um dos castigos do primeiro pecado — não será ilícito procurar aliviar as dores do parto?*

Houve realmente médicos protestantes que da sentença lançada por Deus contra a mulher, concluíram que Deus proíbe procurar aliviar as dores do parto; mas esta conclusão é errônea e um verdadeiro absurdo. Em outro artigo já foi explicado o estado de felicidade dos nossos primeiros pais no paraíso terrestre; além de outros dons preternaturais, gozavam também o dom de

ficarem isentos de tôdas as dores corporais. Para castigar a desobediência de Adão e Eva, êles e todos seus descendentes perderam êsse estado de felicidade, e foram deixados no estado meramente natural. Ora, conforme o curso ordinário da natureza, a mulher havia de dar à luz, com dores, seus filhos. Como, porém, Deus deu ao homem inteligência, será lícito ao homem descobrir meios para aliviar suas dores, e em parte alguma da S. Escritura se encontra uma proibição a êste respeito; bem ao contrário a S. Escritura faz os elogios dos médicos, dizendo que Deus lhes deu a ciência para curar as enfermidades e que tôda a medicina vem de Deus. Não são também as enfermidades e a própria morte castigos do pecado original? Se não fôsse lícito aliviar as dores corporais, como poderia a Igreja rezar e pedir a Deus que nos livre de peste, fome e guerra? E não curou o Arcanjo Rafael o piedoso Tobias de sua cegueira, applicando-lhe remédios? Quantas curas milagrosas, feitas por Nosso Senhor e pelos Apóstolos, não nos refere a S. Escritura! Mas aos maiores absurdos como o dos médicos protestantes chega o homem quando pretende interpretar a Bíblia, sem consultar a autoridade que Deus instituiu em sua Igreja para conservar e defender a verdade divina.

- 8) *Como poderemos responder a um professor de sociologia, que, referindo-se às conseqüências do pecado original, afirmou que todos os animais ficaram comprometidos na culpa dos nossos primeiros pais?*

Conforme a opinião dêsse professor havia uma solidariedade dos animais no castigo dos primeiros homens, devido à queda de Adão; os animais teriam sido dóceis no princípio da criação, e obtinham com a maior facilidade, o necessário à sua conservação e vida. Daí concluiu o professor, que a selvageria e ferocidade dos animais e feras, em última análise, era uma conseqüência do pecado original, e que êste estado de alguns animais era mais um castigo impôsto ao homem pecador.

Mas a doutrina católica não sabe de culpabilidade alguma dos animais no pecado original, nem de maior ferocidade dos mesmos depois do pecado original, como sendo castigo impôsto aos homens. A doutrina católica ensina apenas que ao homem foi concedido, no

paraíso, um grande domínio sobre todos os animais e toda a criatura visível. Este domínio que tinha seu fundamento na natureza racional do homem, era mais perfeito no estado da primitiva inocência do homem, mas se perdeu pelo pecado. Este dom preternatural do homem sobre os animais não mudou em nada a natureza dos seres brutos e feras. Depois do pecado, o homem ficou sujeito aos males que os animais lhe pudessem causar. Como poderiam os animais ser solidários com a culpa do homem, se lhes faltava a razão, condição essencial para poder pecar ?

Além disso, após o primeiro pecado do homem, o demônio se apoderou injustamente do domínio do mundo, tornando-se, no dizer de S. Paulo, o príncipe deste mundo. Pode, pois, o demônio servir-se dos animais para prejudicar o homem, embora seja limitado esse domínio, e possa ser exercido somente dentro da esfera que Deus lhe permite. É por isso que a Igreja usa de orações e exorcismos para afugentar o espírito infernal, afim de que o homem não experimente dano algum no uso dos animais.

Assim se explica como os animais e feras podem atacar o homem, sem que a natureza dos primeiros tenha sido mudada, porque, depois do pecado original, não têm mais receio do homem, visto como este perdeu seu domínio perfeito sobre os animais.

V. O REDENTOR DO GÊNERO HUMANO

† Livros Católicos para Download



V. O REDENTOR DO GENERO HUMANO

1) *Como se explica que houve homens que ousaram negar a existência histórica de Jesus Cristo?*

Julgamos supérfluo demonstrar aqui a verdade histórica da vida e das obras de Cristo, para explicar apenas como alguns incrédulos se destacaram por sua incredulidade a ponto de pôr em dúvida a existência histórica do Nosso Senhor. É verdadeiramente uma tolice inqualificável.

Podéramos perguntar a êsses incrédulos porque admitem sem a menor dificuldade a existência histórica de Alexandre Magno ou de Maomé, e não admitem a existência de Jesus Cristo. E todo o mundo sabe que a vida e as obras de Cristo e também sua doutrina, assim como a Igreja, fundada por Ele, tiveram e têm ainda uma influência muito maior sobre a história do mundo de Alexandre Magno, Maomé e mil outros homens célebres e afamados. Com toda a razão podemos afirmar que homem algum teria duvidado da existência histórica de Cristo se êste fato não estivesse ligado a outro fato, isto é, que inúmeros homens, durante dezenove séculos, reconheceram o Cristo como o Filho de Deus e Redentor do gênero humano.

Certo é que não há homem algum que possa ficar indiferente diante duma figura como é o Cristo; preciso é tomar partido pró ou contra Ele. Se, pois, há alguns que negaram a existência histórica de Cristo, os historiadores sérios e científicos com todo o direito qualificaram esta negação como uma parvoíce e tolice incompreensível. Mas esta tolice explica-se psicologicamente: e, para isto, basta percorrer os escritos da crítica racionalista em relação à Bíblia. Nêstes escritos os autores se devoram mutuamente. Começaram a rejeitar a possibilidade da Revelação divina, apoiando-se em idéias filosóficas sem fundamento algum; e, daí, concluíram que os Evangelhos que narram a vida e as obras de Cristo, eram escritos humanos. A princípio, admitiam ainda a autenticidade dos Evangelhos e combatiam apenas seu valor histórico, dizendo que os Evange-

listas não eram escritores sinceros, autores sem critério, embusteiros, pessoas iludidas. Quando estas teorias foram rejeitadas pela parte mais clarividente da humanidade, os incrédulos começaram a dúvida da autenticidade dos Evangelhos, afirmando que êsses livros não tinham sido compostos no tempo apostólico, mas alguns séculos depois da morte dos Apóstolos; eram aquêles Evangelhos escritos legendários, nos quais seus autores colocaram, de propósito ou por acaso, uma pessoa histórica, a quem deram o nome de Jesús Cristo. Pouco a pouco, êsses incrédulos deslizaram mais baixo, e ousaram afirmar que a êste Cristo faltava a cerne histórica, que Cristo nunca tinha existido. Acrescentaram ainda que a existência de Cristo não tinha importância alguma; disseram ainda que, em questões religiosas um mito tem o mesmo efeito que uma pessoa histórica; e, portanto, os Evangelhos eram fábulas ou legendas dum sincretismo de considerações gregas e judaicas, de devaneios do Oriente que se tinham dado em roda duma figura legendária e mística, à qual se deu o nome de Cristo; e dêste modo chegaram afinal a afirmar que Jesús Cristo nunca tinha existido.

Certo é que, além do testemunho dos Evangelhos, também vários historiadores antigos dão testemunho acêrca da existência de Cristo; e, entre êles Flávio Josefo que, pelo fim do primeiro século da era cristã, escreveu duas vêzes sôbre Nosso Senhor, bem como os historiadores romanos Tácito, Plínio Júnior, Suetônio, que viveram na época em que o Imperador Nero desencadeou a primeira perseguição contra os cristãos.

Concluamos: O mundo incrédulo tem medo da pessoa de Cristo, porque não quer seguir sua doutrina, tão oposta à vida dos incrédulos. Mas todos os homens queiram ou não queiram hão de comparecer um dia diante do tribunal de Cristo para receberem, conforme suas obras, a recompensa ou o castigo.

2) *Não houve incrédulos que admiraram a grandeza incomparável da figura de Cristo?*

Em todos os tempos houve homens de grande ciência que se sentiram atraídos pela vida e doutrina de Jesus Cristo, embora não confessassem sua religião, por motivos que Deus sabe. Para que os católicos se con-

firmem mais em sua fé, não será supérfluo citar alguns testemunhos de homens incrédulos, dos últimos anos.

Morestan Chamberlain, representante do liberalismo moderno, escreveu em uma de suas obras:

“O nascimento de Cristo é a data principal de toda a história do gênero humano. Nenhuma batalha, nenhum começo de governo, nenhum fenômeno da natureza, nenhuma descoberta tem a significação que possa ser comparada com a vida breve do Galileu na terra: a história de quase dois mil anos o prova, e estamos apenas no limiar do Cristianismo. E', pois, bem compreensível que o ano do nascimento de Cristo seja o primeiro ano, e por êle regulemos o nosso tempo. Em certo sentido podemos dizer que a história, propriamente dita, começa com o nascimento de Cristo. Não é possível que alguns, depois de ter visto, só uma vez, com os olhos meio abertos o Cristo crucificado, se esqueça dêle porque não está em nosso poder afastar da imaginação o que nós mesmos temos vivido”.

Harnack, o chefe da nova teologia protestante racionalista, embora não confessasse a divindade de Cristo, não pôde deixar de escrever:

“Por detrás do tempo conhecido de Cristo, se nem tudo nos engana, não há crises ou agitações violentas, não há uma ruptura com o passado. Em parte alguma dos discursos ou sentenças de Cristo, quer Êle ameace ou castigue, quer convide ou atraia amorosamente, quer fale de sua relação com seu Pai ou com o mundo, descobre-se a vitória sôbre revoluções da alma ou as cicatrizes dum combate terrível. Dêle tudo procede, como se não pudesse ser de outro modo, como duma fonte clara que brota das entranhas da terra. Quem poderá apontar-nos um homem que, na idade de trinta anos, possa falar assim, se tiver passado por um terrível combate da alma em que, por fim, haja queimado o que até então tinha adorado, e haja adorado o que antes tinha queimado? Quem nos poderá apontar um homem que haja rompido com seu próprio passado para exortar os outros à penitência sem falar uma só palavra de sua própria penitência? Só esta consideração é suficiente para refutar a opinião dos que dizem que a vida de Cristo passou em contrariedades internas”.

Ricardo, o grande artista, tão elogiado pelo novo paganismo alemão, escreve:

“Poderíamos perguntar porque Cristo deve ser o divino entre os mártires e santos. Mas todos êsses ho-

mens e mulheres foram primeiro tocados pela graça de Deus, tocados por uma iluminação, por uma experiência, por uma conversão interior, pela qual, de homens pecadores, se tornaram homens purificados que nos parecem quase seres superiores. Também Buda era um príncipe voluptuoso em seu harem: antes que a iluminação viesse sobre ele, praticou um ato, moralmente grande e nobre, quando renunciou a todos os prazeres da carne: mas não era um ato divino. Em Jesus, porém, desde o princípio, há completa ausência de pecado sem a menor paixão, pureza divina como natural: é uma pessoa incomparavelmente única na história do gênero humano. Todos os outros precisam do Redentor, e Ele mesmo é o Redentor”.

Para pôr fim a estas considerações copiamos ainda as palavras do grande pensador e genial artista Dostojewsky que escreve:

“Creio que não há nada tão simpático, tão profundo, tão viril, tão perfeito como Cristo: e se alguém me provasse que Cristo está fora da verdade, eu preferia estar com Cristo a estar com a verdade”.

3) *Por que Jesus Cristo, conforme os Evangelhos, quase sempre se chama o Filho do Homem?*

A ninguém pode passar despercebido que Nosso Senhor muitas vezes, e sobretudo perante seus discipulos e Fariseus, se dizia “o Filho do homem”. O povo chamavam-Lhe o Filho de Deus, o Filho de Davi, e Cristo não rejeitava êstes títulos, e até reclamava os direitos e qualidades divinas. Mas seu nome predileto, de que se servia constantemente até perante o grande Conselho dos judeus, era o de Filho do homem.

Diremos que Nosso Senhor, com êste título, queria significar sua natureza humana, que estava unida a sua natureza divina, e para significar seu estado de pobreza e humilhação? Parece, que não, pois que todos o podiam vêr e convencer-se de que era homem. Com êste título, porém, dava a entender que reclamava o direito de ser chamado e considerado como o verdadeiro Messias, sem querer provocar com uma expressão direta de sua divindade a contradição dos fariseus, e ao mesmo tempo não queria excluir a humilhação que tomou sobre si pela Incarnação. Certo é que queria exprimir com êste nome

sua dignidade de Messias, porque assim se referia às palavras do profeta Daniel. Reza uma das profecias dêste profeta: “Eis que vi um (personagem) que parecia o Filho do homem, que vinha com as nuvens do céu, e chegou até ao Ancião dos dias (o Padre eterno); e Ele deu-Lhe o poder, a honra e o reino; e todos os povos, tribos e linguas o servirão; seu poder é um poder eterno que Lhe será tirado; e seu reino não será jamais destruído”. Foram quase literalmente as mesmas palavras que Cristo dirigiu ao grande Conselho dos judeus, quando êste condenou o Cristo à morte. “Vereis depois o Filho do homem, sentado à direita do poder de Deus, e vir sôbre as nuvens do céu”. Era esta uma declaração pública e solene de que Ele é o Filho do homem, a quem Daniel viu em visão profética. O sumo sacerdote Caifás e os demais juizes compreenderam perfeitamente o sentido das palavras de Cristo; mas em lugar de crerem nesta afirmação, O condenaram à morte como blasfemo de Deus.

Referindo-se, pois, à profecia de Daniel, Cristo declarou abertamente que era o verdadeiro Messias, que veio para fundar um reino eterno, que jamais seria destruído e não seria limitado ao povo judaico, mas que se estenderia a todos os homens e a todos os povos; seu reino não será o reino temporal de Davi, mas um reino eterno que deve abranger o mundo inteiro. Seu reino será espiritual, e, por isso, Cristo escondeu-se um dia, quando o povo, entusiasmado pelos milagres, o quis levar em triunfo para Jerusalém, afim de proclamá-lo rei.

4) *Qual a lingua em que Cristo falava durante sua vida terrestre?*

Como tudo que se refere a Nosso Senhor tem para o povo cristão alguma importância, parece justo o desejo de saber em que lingua Ele falou. Certo é que Jesus Menino aprendeu, na casa paterna, a falar em aramaico, que as primeiras palavras que balbuciou foram palavras aramaicas, e, neste idioma, conversava com os Apóstolos, com o povo e pregava o Evangelho.

Antigamente entre os povos semíticos estavam em uso quatro linguas, aparentadas uma com outra. Eram como quatro irmãs de uma e mesma mãe: a lingua he-

braica, a aramaica, a assírica e a arábica. Quando os primeiros israelitas, sob a direção de Abraão, chegaram à terra da promessa, cêrca de 1900 anos antes da vinda de Cristo, serviram-se da língua hebraica, pelo que a maior parte dos livros sagrados do Antigo Testamento foram escritos em hebraico. Em 587 antes da era cristã os judeus foram levados em cativeiro para Babilônia, onde se viram obrigados a falar à língua babilônica, isto é, a língua aramaica, e depois de terem voltado para a sua terra, continuaram a servir-se daquela mesma língua, ficando a língua hebraica a língua oficial para a leitura da Bíblia no templo e nas sinagogas; só os doutores da lei falavam o hebraico. Assim se explica como Nosso Senhor aprendeu na casa paterna o aramaico; e como o povo judaico falava nesta língua, Nosso Senhor pregava o Evangelho nessa mesma língua.

Acrescentamos que o Evangelista Mateus escreveu em aramaico, porque seu Evangelho era destinado para os cristãos judeus, ao passo que os outros Evangelistas escreveram seu Evangelho em grego, porque seu livro era destinado para os fiéis, convertidos do paganismo e que falavam o grego. Não obstante isso serviram-se êsses Evangelistas de palavras aramaicas, para nos deixar o original de certas palavras de Cristo. Assim, p. ex., a palavra "Abba" que quer dizer Pai; a palavra "Talitha cumi" que quer dizer: Menina, levanta-te; e estas palavras foram dirigidas à filha morta de Jairo; as palavras que Nosso Senhor exclamou na cruz: "Elói, Elói, lamma sabbachtani" que querem dizer: Meu Deus, meu Deus, por que me desamparaste?

Devemos admitir, porém, que Cristo falava o hebraico quando falava nas sinagogas, citando os textos dos livros sagrados, ou quando disputava com os doutores da lei. E, como naquele tempo o grego era falado também por grande número de judeus e pelos romanos, que dominavam na terra santa, era natural que Nosso Senhor falasse também em grego, p. ex., na ocasião em que se dirigiu à mulher gentia, sirofênica, e cuja filha foi libertada milagrosamente do poder do demônio; assim, podemos admitir também que Nosso Senhor falou a Pilatos em grego, pois que o governador romano provavelmente ignorava o hebraico e o aramaico. Podemos, pois, dizer que Nosso Senhor, durante sua vida terrestre, falou ao menos três línguas: o hebraico, o aramaico e o grego: Os judeus que não ignoravam a origem humilde de Cris-

to, ao ouvirem sua pregação, exclamaram sumamente admirados: "Como sabe êste letras, não as tendo estudado?"

5) *Se Jesus Cristo, sendo Deus, é onisciente, como pôde dizer que ignorava, quando virá o fim do mundo?*

O Evangelho refere que os Apóstolos interrogaram o divino Mestre, quando viria o último dia do mundo, e Cristo lhes respondeu: "A respeito daquele dia ou daquela hora, ninguém sabe, nem os Anjos, nem o Filho, mas só o Pai". É certo que Ele sabia tudo, não somente como Deus, mas também como homem.

A Igreja ensina que o Filho de Deus humanado possuía a ciência perfeitíssima de tôdas as coisas, ciência isenta de todo o êrro, e a possuía desde o primeiro instante de sua existência humana. Por isso escreve S. João: "O Verbo se fêz carne e habitou entre nós, e nós vimos sua glória, glória como de Filho Unigênito do Pai, cheio de graça e de verdade". E o próprio Cristo disse: "Eu digo o que vi em meu Pai". Também durante sua vida terrestre Nosso Senhor gozava a visão beatífica, em que conhecia tudo. Portanto, devemos dizer com S. Paulo, que em Cristo estavam encerrados todos os tesouros da sabedoria e da ciência, e, portanto, sabia a hora e o dia em que o mundo acabará.

Mas o Cristo conhecia êste dia não com conhecimento comunicável, isto é, não podia comunicar êste dia aos homens na terra. Como enviado pelo Pai, afim de cumprir sua missão de Messias, não lhe era lícito comunicar êste conhecimento. Nós também respondemos, às vôzes, a perguntas inconvenientes sôbre coisas que devem ficar ocultas, que não o sabemos. Assim também os Apóstolos fizeram uma pergunta inconveniente, à qual Cristo não quis responder, porque para êles era melhor que ignorassem o dia do juízo final, para que a cada momento estivessem preparados a comparecerem diante do tribunal do Juiz supremo.

6) *É doutrina católica que a alma de Cristo durante sua vida terrestre gozou a visão beatífica, e nunca mais a perdeu? Mas conciliar êste gozo contínuo com os sofrimentos de Cristo na terra?*

Sem dúvida é uma doutrina certa, admitida por todos os teólogos, que Jesus Cristo humanado, desde o mo-

mento em que sua alma foi criada no seio de sua Mãe, gozou a visão beatífica, sem jamais perdê-la, porque sua alma estava unida à pessoa divina do Verbo, que nem podia perder esta beatitude. O fundamento desta verdade está nas palavras do Evangelho: "Ninguém jamais viu Deus: mas o Filho Unigênito, que está no seio do Pai, êle mesmo é que o deu a conhecer. O que vem lá de cima, é superior a todos: e Êle testifica o que viu e ouviu. Eu digo o que vi em meu Pai".

Como conciliar agora os sofrimentos que Nosso Senhor padeceu em sua Paixão com a visão beatífica? É uma dificuldade que não se resolve facilmente. Êstes contrastes são realmente tão grandes, que podem existir unidos somente por um milagre não menos estupendo que o da união hipostática, isto é, a união da natureza divina e humana numa só pessoa, a Pessoa divina do Verbo. Possível é que êstes dois contrastes se unam de tal modo que o sofrimento se torna uma verdadeira delícia, embora sob diversos aspectos. Assim pode haver na alma de Cristo o gôzo da visão beatífica, e ao mesmo tempo os sofrimentos de sua Paixão, sendo êstes últimos suportados com suma satisfação por obediência ao Pai, e com o fim de salvar o mundo.

Se quisermos aprofundar êste mistério, vejamos o que escreve S. Tomás. Por um milagre do poder divino, diz o santo Doutor, a tendência expansiva da visão beatífica ou sua redundância ficou impedida sobre os demais atos de Cristo, de modo que o gôzo da visão beatífica ficou tolhido ou reduzido à parte mais alta da alma de Cristo. Quando, pois, Cristo na cruz, exclamou que estava abandonado de seu Pai, achava-se no auge de seus sofrimentos, com exclusão de todo o alívio que Lhe pudesse vir da visão beatífica, que Lhe não foi tirada, mas continuou na parte mais nobre de sua alma.

Mesmo depois desta explicação, estamos diante dum mistério, que supera tôda a inteligência criada, e que nos será revelado somente no gôzo da visão beatífica depois desta vida. Voltaremos a tratar dêste mistério em outro artigo.

7) *Como explicaremos as palavras que Cristo disse na hora de sua morte: "Deus meu, Deus meu, porque me desamparaste!"*

Observamos primeiro que estas palavras encontram-se no princípio do salmo 21, salmo messiânico, em que

o profeta Davi inspirado por Deus, põe nos lábios do futuro Messias a exposição de todos os seus suplícios corporais e as incompreensíveis aflições e angústias de sua alma no dia de sua morte. Nêste salmo o Messias se dirige em ardentes preces a seu Pai no céu para lhe pedir auxilio. Queixa-se de se vêr abandonado por Ele: mas no fim rompe em gritos de confiança e gratidão por serem ouvidas suas preces, e se rejubila pelo triunfo que alcançou pela sua morte, a salvação da humanidade. Ora, todo o conteúdo do salmo de Davi cumpriu-se no Cristo na Cruz.

Vários autores admitem que Nosso Senhor recitou todo êste salmo de Davi na cruz, embora os Evangelhos refiram apenas que Ele exclamou as primeiras palavras. Seja como fôr, certo é que esta primeira queixa não foi um grito de desespero, mas um grito de incompreensível dor e angústia. Houve hereges que o explicaram como um grito de desespero. Bem diferente é a explicação que nos dá o conhecido apóstata Loisy, quando escreve: "Esta queixa não é a dum revoltado ou dum desesperado, mas a dum justo, que está sofrendo e tem a plena convicção de gozar o amor e a proteção que o Deus de tóda a santidade lhe conserva até a morte".

Ao soltar êste grito, Cristo não diz que sua divindade está separada de sua humanidade; nem tão pouco suas palavras são de desespero, porque procura agarrar-se mais ainda a seu Pai, que o pode e quer auxiliá-lo; e por isso não tarda a chamar em voz alta: "Pai, em tuas mãos encomendo meu espírito".

O primeiro grito era um grito de suma dor, porque a alma de Cristo estava de tal modo privada de todo consôlo, que não havia, nada que Lhe fizesse sentir uma união com Deus. Escreve S. Lourenço Justiniano: "Este abandono não é a separação de Deus, mas a falta de auxilio e de consôlo, pois que a fé nos ensina que a alma de Cristo, separada do corpo pela morte, não estava separada da divindade; que continuou a estar unida a ambos. Queixa-se Nosso Senhor de estar abandonado de Deus, porque o Pai não o auxiliava a não ser por sustentá-lo e dar-lhe coragem no meio de seus sofrimentos e prolongar sua vida para sofrer os mais acerbos suplícios. Ah, que estava tão unido ao Pai!" E S. Cipriano escreve: "O Senhor ficou abandonado para que nós não fôssemos abandonados; ficou abandonado para que nós fôssemos libertados do pecado e da morte eterna. Ficou abandonado para nos demonstrar o amor que

nos tem e para nos dar um exemplo de paciência no meio de nossos sofrimentos. O caminho ao céu está aberto, mas é um caminho árduo e difícil; mas Cristo nos precede com seu exemplo, afim de que não tenhamos medo de entrar neste caminho, e este exemplo admirável de Deus nos incita a praticar a paciência”.

- 8) *Se os sofrimentos de Cristo foram determinados desde a eternidade, todos os que concorreram para a morte do Redentor, não terão sido instrumentos inconscientes daquele drama e portanto sem culpa? E se ninguém traisse e condenasse o Cristo, Ele salvaria o mundo de outro modo?*

• Como Deus está fora do tempo, conhece e age num só momento que não tem princípio nem fim, momento que não passa e não acaba e exclui tôda a sucessão de momentos. O homem, porém, está no tempo, começa a viver e age em momentos sucessivos. Deus vê todos os atos do homem em seu momento eterno, chamado pelos filósofos o “nunc stans”, isto é, o agora estável, sem sucessão. Foram, pois, determinados os sofrimentos de Cristo desde a eternidade, assim também a traição de Judas, a injustiça dos que condenaram o Redentor: foram, porém, determinados conforme os atos dos homens que Deus previa desde o eterno, mas sem desfazer a liberdade do homem. Por isso todos os que concorreram para a morte de Cristo foram culpados, e não são instrumentos inconscientes nas mãos de Deus. Por isso Cristo disse de seus inimigos: “Se eu não tivesse falado a eles, não teriam culpa; mas agora não têm desculpa de seus pecado”. E a Pilatos disse: “Os que me entregaram a ti, têm maior pecado”.

Confessemos que estamos aqui diante de dois mistérios, que superam a inteligência humana, e ao cristão que pretende penetrar estes abismos, o conhecimento de Deus e a liberdade do homem, respondemos com S. Paulo: “O’ profundeza das riquezas da sabedoria e ciência de Deus! Quão incompreensíveis são os seus juízos, e imperscrutáveis os seus caminhos! Porque quem conheceu o pensamento do Senhor, ou quem foi o seu conselheiro?” Resta-nos submeter nossa inteligência fraca à Revelação divina e ao ensino da Igreja infalível, sem compreender os mistérios da fé.

Sem dúvida, Deus tinha em sua infinita sabedoria mil outros meios para realizar a obra da Redenção do gênero humano, caso Judas não tivesse traído seu Mestre; não disse S. Tomáz em um de seus hinos eucarísticos que uma só gota do sangue de Cristo era suficiente para remir o mundo? Nem a Incarnação do Filho de Deus era absolutamente necessária para a redenção do gênero humano, por que Deus poderia restabelecer o homem na ordem sobrenatural sem exigir uma satisfação completa ou infinita pelo pecado do homem, dando-lhe a graça necessária para se arrepender do pecado, e deste modo a humanidade humana seria salva por mera bondade de Deus, que ficaria satisfeito com o ato de contrição do homem pecador.

- 9) *Se Jesus Cristo morreu para salvar todos os homens, como explicar o fato que grande número de homens rejeita os frutos da Redenção, e qual o meio mais eficaz para remediar esse mal?*

Já mais de uma vez explicamos que devemos admitir como doutrina certa que Cristo morreu para salvar todos os homens, conforme a palavra de S. Paulo:

“Deus não poupou seu próprio Filho, mas por todos o entregou à morte”. E o próprio Cristo disse: “Serei levantado (na cruz) afim de que todo o que crê nêle, tenha a vida eterna. Porque Deus não enviou seu Filho ao mundo para condenar o mundo, mas para que o mundo seja salvo por êle”. Esta verdade é repetida em muitos outros lugares da S. Escritura.

De outro lado, é certo também que os merecimentos de Cristo têm um valor infinito, porque foi o Filho de Deus que morreu na cruz pelo mundo. Sua morte, sendo a morte dum Deus, tem um valor divino, um valor infinito, e portanto, mais que suficiente para salvar todo o gênero humano. “Onde abundou o pecado, escreve S. Paulo, superabundou a graça de Cristo”.

Infelizmente grande parte da humanidade, mesmo daqueles que são filhos da Igreja de Cristo, rejeitam os frutos da paixão e morte de Cristo, a ponto de parecer ridicularizarem tanta bondade e amor do Redentor. Como explicar êste fato desconsolador? Deus chama todo o homem para a felicidade do céu, e a todo o homem oferece a graça necessária e suficiente para se

salvar. Deus, porém, quer que o homem procure sua salvação livremente, e livremente se sirva da graça e dos meios para se salvar. E', por isso que Deus nos deu uma vontade que não somente é livre na escolha do bem, mas que pode também rejeitar o bem e abraçar o mal. Abusando desta liberdade, o homem se perde por própria culpa.

Como remediar esse abuso? Em primeiro lugar pela oração. Escreve S. Paulo a seu discípulo Timóteo: "Recomendo-te, antes de tudo, que se façam súplicas, orações, petições por todos os homens, pelos reis e por todos que estão constituídos em dignidade, porque Deus quer que todos os homens se salvem e cheguem ao conhecimento da verdade". Pelo mesmo fim, a Igreja manda celebrar o santo sacrifício da Missa. Além disto, os livros litúrgicos estão repletos de orações pela conversão do mundo; e, na sexta-feira santa a Igreja faz orações públicas pelo povo cristão, pelos hereges sismáticos, pagãos e judeus para que Deus lhes conceda a graça de se converterem e se salvarem para a vida eterna. Quem não sabe que S. Agostinho deve sua conversão às orações e lágrimas de sua mãe? E quem poderá enumerar os pecadores, os hereges, pagãos e judeus que devem sua salvação às preces de pessoas piedosas que não os conheciam?

As nossas orações podemos unir nossas comunhões, penitências, sacrifícios e mortificações, que comovem o coração de Deus, para obtermos graças abundantes para os que vivem afastados do caminho do céu. Afinal, é o apostolado leigo sob mil formas, e de modo especial a Ação Católica, a arma poderosa com que os católicos podem estender o reino de Cristo aos confins da terra; a Boa Imprensa que espalha a semente da verdade por toda a parte. Se todos os verdadeiros servos de Deus se servissem destes meios de apostolado, quantas almas seriam salvas para cantarem eternamente a misericórdia de Deus!

- 10) *Como se explica que a data da morte de Nosso Senhor se celebra de ano para ano em dia diferente, quando devia ser fixada como a de seu nascimento?*

O ano litúrgico da Igreja se desenvolveu pouco a pouco, e chegou a seu completo desenvolvimento só no século sétimo. Quanto à data do nascimento de Cristo,

conforme a cronologia vulgar, ocorreu no dia 25 de dezembro. Mas, até hoje, ignoramos a sua verdadeira data. Os Evangelistas não se referem a ela, porque, no princípio da Igreja, era preciso tratar, antes de tudo, das provas da divindade de Cristo. Sabemos apenas que, no princípio da Igreja, não se celebrava o nascimento de Cristo, e só pelo meiado do quarto século, os fiés começaram a celebrar esta festa, primeira na Gália, depois em Roma, no dia 25 de dezembro. Naquele dia, o povo romano pagão celebrava uma festa em honra do deus do sol, e os cristãos mudaram esta festa em honra do verdadeiro Deus, da verdadeira Luz que veio ao mundo, para iluminar a todo o homem.

Mui complicada é a questão sôbre o ano da morte de Cristo. Assim como ignoramos o ano do nascimento de Cristo, também ignoramos a de sua morte. Certo é pelos Evangelhos que Ele morreu numa sexta feira, e provavelmente no dia 15 do mês judaico de nome Nisan, porque os judeus comiam no dia 14 de Nisan o cordeiro pascal, e porque Nosso Senhor observou êste ato de culto, na véspera de sua morte. Ora, no ano da morte de Cristo o dia 15 de Nisan correspondia provavelmente ao 7 de abril da éra cristã. Mas como os primeiros cristãos, que seguiam o Calendário Juliano, desejavam comemorar a morte de Cristo numa sexta-feira. Ora, na segunda metade do segundo século, o dia de Páscoa foi fixado para o primeiro domingo depois da primeira lua cheia, que segue ao equixónio da primavera. E, não obstante vários homens doutos terem insistido com a Santa Sé em fixar um dia determinado para comemorar a morte de Cristo, a Igreja continua sempre a observar a determinação dêste dia, conforme o uso do segundo século.

- 11) *Como S. Paulo pôde dizer que Deus Padre ressuscitou seu Filho dos mortos, pois que Cristo, sendo Deus, deve ter o mesmo poder ?*

Não foi por uma virtude ou poder criado que Cristo ressuscitou do sepulcro, porque não cabe nas forças da natureza, nem é dado a nenhum homem passar da morte à vida por própria virtude. Por isso escreve S. Paulo: "Juntis Cristo foi crucificado por fraqueza, (na natureza humana) mas vive pelo poder de Deus". Nós

também ressuscitaremos um dia, mas pelo poder de Deus. E como Jesus Cristo, sendo Filho de Deus, tem o poder do Pai, é claro que Ele pode ressuscitar pela sua própria virtude divina. “Tudo o que faz o Pai, disse Nosso Senhor, o faz igualmente o Filho; e assim como o Pai ressuscita os mortos e lhes dá a vida, assim também o Filho dá a vida àquêles que quer. Eu e o Pai somos um”.

Como o Pai e o Filho são um, devemos dizer que o Pai ressuscitou seu Filho, e que o Filho ressuscitou pela sua própria virtude. Assim, S. Paulo pôde escrever que o Pai fez ressuscitar o Filho, e Jesus Cristo pôde dizer: “Desfaizei êste templo (falava aos judeus e referia-se a seu corpo) e Eu o reconstruirei em três dias. Dou minha vida para outra vez a assumir; ninguém que tira a vida, mas Eu, por mim mesmo, a dou, e tenho poder de a dar, e tenho poder para a assumir”.

Como, pois, Jesus Cristo ressuscitou por própria virtude, sua ressurreição é a mais brilhante prova de sua divina missão, de sua divindade e da virtude divina de seus merecimentos e promessas, e, por isso, o fundamento essencial da fé em Cristo, da esperança que Nêle temos, de que um dia nós também ressuscitaremos. E daí conclui S. Paulo: “Se Cristo não ressuscitou, nossa fé é vã, e se nesta vida somente esperamos em Cristo, somos os mais miseráveis de todos os homens.

- 12) *Se Cristo morreu para todos os homens, por que na fórmula oficial da Igreja para a consagração se diz que o Sangue de Cristo será derramado por muitos, e não por todos?*

As palavras da consagração que o sacerdote fala para converter o vinho no Sangue de Cristo rezam: “Êste é o cálice de meu Sangue, do novo e eterno Testamento, — Mistério de fé — que será derramado por vós e por muitos em remissão dos pecados”. No Evangelho de S. Mateus lemos: “Isto é meu Sangue do novo Testamento, o qual será derramado por muitos para remissão dos pecados”. E no Evangelho de S. Marcos: “Isto é meu Sangue do novo Testamento que será derramado por muitos”.

Como conciliar estas palavras com aquelas em que a S. Escritura diz expressamente que Nosso Senhor deu

seu Sangue para salvar a todos? E de fato S. Paulo escreve: "Cristo morreu por todos, se deu a si mesmo pela redenção de todos". E S. João escreve: "Jesus Cristo é a vítima de propiciação pelos nossos pecados, e não somente pelos nossos, mas também pelos de todo o mundo". Impossível é que na S. Escritura haja contradição, portanto é preciso explicar em que sentido o Sangue de Cristo foi derramado por todos, e em que sentido foi derramado somente por muitos.

Por todos Cristo derramou seu Sangue, porque desejava ardentemente que todos aproveitassem a Redenção. Infelizmente muitos não a aproveitam e de veni a si mesmos sua condenação; mas efetivamente foi derramado o Sangue de Cristo *por muitos*, no pleno sentido em que a remissão dos pecados foi obtida verdadeiramente. Ora, para que os adultos obtenham a remissão dos pecados, exige-se que o homem coopere com sua livre vontade, porque Deus não quer salvar senão aquêles que desejam a salvação. E porque nem todos cooperam livremente para sua salvação, pode dizer-se, com toda a razão, que a remissão não será obtida *por todos*, e que o Sangue de Cristo foi derramado só para muitos e não para todos. E' também neste sentido que devem ser explicadas as palavras de Cristo: "O Filho do homem veio para dar sua vida em redenção *por muitos*". Esta verdade está expressa também nas palavras de S. Paulo, quando trata do abuso da Eucaristia: "Todo aquêles que comer êste Pão ou beber o cálice do Senhor indignamente, será réu do Corpo e Sangue do Senhor. Porque aquêles que o come e o bebe indignamente, como e bebe para si a condenação".

- 19) *Ao ler os Evangelhos sôbre os acontecimentos no dia da ressurreição de Cristo, lutamos com grandes dificuldades: as três Marias que foram ao sepulcro, parece que não acreditaram na ressurreição, nem os apóstolos, nem consta que sua Mãe acreditou na ressurreição de seu Filho.*

Certo é que até agora os escritores não resolveram o problema da ordem cronológica dêstes fatos. O douto escritor, Pe. Lagrange. O. P., admite que alguns Evangelistas não nos tenham dado a ordem cronológica, mas que S. João, autor do último Evangelho, tenha, mais tar-

de, conforme seu costume, referido exatam^{ente} os diferentes fatos que se deram no dia de Páscoa.

Sabemos que nesse dia as três Marias foram ao sepulcro para embalsamar o corpo de Cristo. Chegando, porém, ao sepulcro, encontraram-no vazio; cheias de medo, correram e voltaram à cidade, e não tiveram coragem de falar aos Apóstolos, afim de lhes comunicar o que tinham visto, à exeção de Maria Madalena que correu ao lugar onde se achavam Pedro e João. Podia, pois, parecer que as santas mulheres não viram o anjo e nem acreditaram na ressurreição do Mestre; plena certeza a êste respeito não há.

Quando, pois, Maria Madalena falou aos dois Apóstolos: "Levaram o Senhor do sepulcro, e não sabemos onde o puseram, êstes dois Apóstolos correram ao sepulcro, entraram nêle, e, vendo apenas os lençóis e o sudário, voltaram para casa. Acreditou Pedro naquele momento na ressurreição de Cristo? S. João disse somente que êle mesmo viu e creu. Depois de ter falado aos dois Apóstolos, Maria Madalena voltou novamente ao sepulcro, onde um Anjo lhe apareceu, dizendo: "Mulher, porque choras"? ao que ela respondeu: "Porque levaram o meu Senhor, e não sei onde o puseram". Logo depois, Maria, ouvindo passos, voltou-se para trás, e viu um homem, julgou ser o hortelão, e disse-lhe: "Senhor, se o tiraste, diz-me onde o puseste, e eu o levarei". Foi então que Jesus lhe disse: "Rabboni"! Logo em seguida ela voltou a dar a nova aos discípulos, dizendo: "Vi o Senhor, e Êle me disse estas coisas". Foi, pois, Maria Madalena quem, antes dos Apóstolos, viu o Mestre ressuscitado.

Do Evangelho não consta que Cristo tinha aparecido primeiro a sua Mãe; mas é uma tradição constante na Igreja que a Mãe de Cristo foi favorecida antes de todos, mesmo antes de Maria Madalena, com a aparição de seu Filho, ressuscitado. Como pertence ela à uma ordem transcendente, e foi associada como Mãe à paternidade do Pai Eterno, sem dúvida foi ela a primeira a gozar a alegria do dia de Páscoa. A Jesus consagrou trinta anos de sua vida oculta; e não teria Jesus concedido à sua Mãe o primeiro instante de sua vida escondida em Deus? Não há dúvida alguma; mas como isto não tinha interesse no princípio da Igreja para a pregação do Evangelho, os Evangelistas se calaram sôbre a aparição de Cristo ressuscitado à sua Mãe.

- 14) *Poderia haver mais de uma Incarnação do Filho de Deus, se existisse um outro mundo de seres racionais, caídos como nós, de sua primitiva dignidade?*

Certo é que a união hipostática, que consiste na união da natureza humana com a natureza divina na pessoa divino do Filho de Deus, durará sempre, conforme a declaração do Concílio Universal de Calcedônia. No dizer de S. Paulo, Jesus Cristo tem um sacerdócio eterno, que deve ser exercido em sua humanidade, porque Cristo é sacerdote em sua natureza humana. E Deus não desfaz esta obra sobrenatural tão excelente e sublime, conforme o princípio teológico: "O que o Verbo de Deus assumiu uma vez, jamais deixará". Devemos dizer, portanto, que uma nova Incarnação do Filho de Deus, caso fôsse possível, devia realizar-se ou no mesmo corpo e alma de Cristo, pelo qual nos remiu, ou em outro corpo e alma humana. Ora, conforme a palavra de S. Paulo, Cristo ressuscitado não pode mais morrer nem sofrer: portanto, seria necessário, que o Filho de Deus assumisse uma outra natureza humana, e assim haveria em Cristo dois homens, o que parece um absurdo. Se, p, e. houvesse um mundo, povoado de seres racionais, caídos em pecado como nós, poderia Deus recorrer a outro meio para os salvar, porque seu poder e sabedoria são infinitos. Poderia Deus, nesse caso, determinar que os merecimentos infinitos de Cristo, adquiridos nesta terra, fôsem aplicados aos habitantes daquele outro mundo, depois de terem êles recebido a revelação da Incarnação do Verbo; e então salvar-se-iam por um ato de fé no Redentor do nosso mundo, ato de fé unido a um ato de contrição, pois que também os homens da terra, que viveram antes da morte de Cristo, igualmente se salvaram por êste ato de fé e de contrição.

VI. A MÃE DE DEUS E S. JOSÉ

† Livros Católicos para Download



VI. A MÃE DE DEUS E S. JOSE'

- 1) *E' doutrina católica que Jesus Cristo veio ao mundo para remir a todos os homens. Se, porém, conforme a doutrina Católica, Maria Santissima ficou livre do pecado original, e durante tôda sua vida nunca cometeu pecado algum, como foi ela remida do pecado, e com que direito pôde dizer: "Meu espirito exulta em Deus, meu Salvador?"*

A Igreja Católica ensina e declarou que Maria foi preservada do pecado original por uma prerrogativa especial, que lhe foi concedida em causa de sua excelsa dignidade de Mãe de Deus. Esta doutrina baseia-se na S. Escritura e na Tradição e foi proclamada dogma de fé pelo Sumo Pontífice, em 1845, nas seguintes palavras: "Declaramos que a doutrina que professa que a Bemaventurada Virgem Maria, desde o primeiro instante de sua concepção, fôra por uma graça e um privilégio especial de Deus Todo-Poderoso, em vista dos merecimentos de Jesus Cristo, Salvador do gênero humano, preservada e isenta de tôda a mancha do pecado original, é revelada por Deus."

Portanto, conforme as palavras acima, Maria é realmente remida por Deus do pecado original, porque não contraiu este pecado. Como descendente de Adão, devia Maria contrair este pecado assim como todos os demais homens: mas ficou isenta d'ele por um privilégio de Deus que a remiu dum modo diferente dos demais homens. Impediu Deus que Maria contraísse o pecado original em vista dos merecimentos de Cristo. E por isso Maria fôi realmente resgatada por seu próprio Filho que afastou dela a dura necessidade da mancha original. Essa redenção não foi uma redenção libertadora, mas preservadora, que consistia em impedir as ruínas do pecado de Adão. Portanto os merecimentos de Cristo lhe foram aplicados antecipadamente, para que fôsse concebida sem pecado.

Acrescentamos que os demais homens que morreram

salvar antecipadamente pelos merecimentos de Cristo, depois de terem contraído o pecado original. E', pois com razão que Maria podia dizer que Deus é seu Salvador, porque ficou isenta do pecado original pelos merecimentos do Redentor do mundo.

Uma vez admitido que Maria ficou livre da mancha original, devemos admitir também que Maria conservou o equilíbrio entre as partes inferiores e superiores de sua alma, equilíbrio que em nós foi quebrado pelo pecado original. Ficou livre a Mãe de Deus das más inclinações, assim como das muitas tentações, quinhão inevitável dos pobres filhos de Eva. Sem dúvida podia ela sofrer também tentações nas faculdades superiores da alma, em sua inteligência e vontade, assim como Cristo sofreu tentações da parte do demônio. Mas a doutrina católica ensina que a Mãe de Deus, por um privilégio de Deus, ficou isenta de todos os pecados pessoais, até da menor falta venial, e se tornou impecável. Tudo isto convinha à excelsa criatura humana que tinha sido destinada para Mãe do Filho de Deus humanado e para dar ao mundo o Redentor.

2) *Como provar contra os protestantes a perpétua virgindade de Maria Santíssima?*

E' um dogma de fé, definido pelo Concílio de La-trão, que Maria foi virgem antes do parto, no parto e depois do parto. Esta virgindade perpétua foi combatida por todos os hereges que negavam a divindade de Cristo, entre os quais os protestantes racionalistas. Os protestantes que confessam a divindade de Nosso Senhor, combatem igualmente a perpétua virgindade de Maria, rebaixado, deprimindo a atividade viva da divindade de seu Filho, e procurando, assim destruir o ideal da virgindade, consagrada a Deus.

Certo é que tôda a maternidade humana é incompatível com a virgindade, ao menos conforme a lei da natureza. Mas como Maria se tornou Mãe virginal e conservou em sua maternidade e em tôda sua vida a integridade corporal, sua maternidade é bem diferente das outras, maternidade única e incomparável.

A maior perfeição da virgindade abrange três elementos: 1) a virgindade do corpo ou a integridade carnal e a pureza corporal; 2) a virgindade de espí-

rito ou a virtude da virgindade, com o propósito de evitar tudo que possa ser contrário à virgindade; 3) a virgindade de sentido, isto é, estar isento de todos os movimentos e sentimentos carnaes.

Ora, a virgindade de Maria tem tôda esta perfeição. Quanto à sua virgindade corporal antes do parto, ela está expressa nas palavras que Maria disse ao anjo S. Gabriel: “Como será possível isso, (dar à luz um filho) pois eu não conheço varão?”

Esta confissão corresponde perfeitamente à profecia de Isaías quando disse que Deus daria um sinal, um sinal portentoso: “A Virgem conceberá e dará à luz um filho, e seu nome será Emanuel”. O Evangelho afirma expressamente que estas palavras proféticas se referem à Mãria.

A mesma profecia e o Evangelho confirmam que Maria conservou-se virgem também no parto. Com efeito o profeta Isaías diz que Deus fará um milagre: a Virgem (não uma virgem) conceberá e dará à luz um filho que será o Emanuel, isto é, Deus conosco. O portentoso que Deus operou, consistiu em que Maria, ficando virgem, deu à luz um filho. E, S. Mateus, depois de ter relatado que Maria achou ter concebido por obra do Espírito Santo, refere-se à profecia de Isaías que se cumprira: “Eis que a virgem conceberá e dará à luz um filho.”

Quanto à virgindade corporal de Maria depois do parto, a S. Escritura ensina esta verdade só com indícios: refere-se ao voto de virgindade de Maria, e lhe dá sempre o nome de Mãe de Jesús, fazendo compreender que Maria nunca teve outros filhos. Cristo moribundo deu-lhe um filho adotivo na pessoa de S. João, escolhido entre os Apóstolos para esta honra, por ser um discípulo virginal. Mas a Tradição é mais expressa. A Igreja sempre deu à Maria o nome de Virgem, e S. Epifânio apelava para esta Tradição na Igreja para combater os hereges que negavam a virgindade de Maria.

Os santos Padres sempre protestaram com santa indignação contra os hereges que combatiam a virgindade corporal de Maria depois do parto, dizendo que negá-la era um absurdo, porque a sublime dignidade e vocação de Maria exigia a perpétua virgindade da Mãe de Cristo. Acrescentam os santos Padres que a visão de Ezequias se refere à Maria. Nesta visão Deus falou ao profeta: “A porta do templo que olha para o oriente, estará fe-

chada, não se abrirá e ninguém passará por ela, porque o Senhor Deus de Israel entrou por esta porta, e ela estará fechada, mesmo para o príncipe". Esta porta, conforme os santos Padres, é figura de Maria, que em seu seio virginal recebeu por obra do Espírito Santo o Filho de Deus humanado, e por isso este seio sempre ficou virginal.

S. Tomás, defendendo a virgindade de Maria antes do parto, no parto e depois do parto, diz que combater a virgindade corporal da Mãe de Deus é uma verdadeira loucura, se a considerarmos em relação às pessoas que estão em conexão com Maria Santíssima.

1) O Cristo como Filho de Maria: assim como Ele é Filho único e Ungênito do Padre Eterno, assim também devia ser o Filho único e Ungênito de Maria; 2) o Espírito Santo, Espôso de Maria, devia conservar o seio da Mãe de Cristo como seu santuário absoluto, que não podia ser profanado por homem algum; 3) a própria Virgem teria cometido a maior ingratidão se tivesse sacrificado sua virgindade; 4) e S. José, sendo espôso humano de Maria, teria cometido o maior atrevimento se tivesse profanado o santuário do Espírito Santo. Por tanto Maria conservou sempre a virgindade corporal.

3) *Há certos textos na S. Escritura que, conforme os protestantes, negam a virgindade perpétua corporal de Maria: como refutar os hereges?*

Estas objeções dos hereges já foram pulverizadas pelo incomparável defensor e Doutor da Igreja, S. Jerônimo. A primeira objeção é tirada das palavras do Evangelho: "José não a conhecia até que ela deu à luz seu Filho primogênito". Daí, conforme os protestantes, se deve concluir que Maria deixou de ser virgem depois do nascimento de Cristo. Mas o Evangelho, conforme o uso da linguagem daquele tempo, se refere somente ao estado de Maria antes e no momento do parto, sem se referir ao que sucedeu depois. Diz S. Jerônimo que estas palavras têm muitas vezes o valor dum tempo indefinido, e sem tempo, como provam vários textos da S. Escritura. Assim Cristo disse a seus Apóstolos: "Eis que Eu estou convosco até a consumação dos séculos". Diz ainda a S. Escritura: "E' necessário que Cristo reine até que ponha todos os seus inimigos debaixo dos pés".

Ora, argumenta S. Jerônimo, ninguém inferirá destas palavras que Cristo cessará de estar com seus discípulos após a consumação dos séculos, como também que Ele não reinará mais depois que os inimigos forem calcados aos pés do Redentor.

Quanto às palavras: “Maria deu à luz seu Filho primogênito”, elas significam apenas que Cristo é o primeiro filho, quer tenha outros irmãos quer não. O filho primogênito é o filho que tem direitos e deveres, isto é, tem superioridade sobre os outros irmãos.

Pela lei mosaica o varão primogênito devia ser consagrado a Deus, e para o remir, os pais deviam oferecer um sacrifício de duas rôlas ou dois pombinhos, como Maria e José fizeram depois que foram concluídos os dias da purificação da Mãe. Assim também S. Paulo diz que Jesus Cristo é o Filho primogênito de Deus Padre. Poderemos concluir destas palavras que o Padre Eterno tem mais que um Filho natural?

A segunda dificuldade é tirada das palavras do Evangelho que se referem aos irmãos de Cristo.

Na linguagem hebraica, a palavra irmão nem sempre significa filho do mesmo pai ou mãe, mas tem um sentido mais lato; estende-se também aos primos e outros parentes de qualquer grau. Assim, p. ex., Abraão disse a seu primo Lot: “Nós somos irmãos”. Ora, Jacob, José, Simão e Judas Tadeu, que são chamados irmãos de Jesus, eram filhos de outros pais e primos de Maria, como diz expressamente o Evangelho. Não foram eles irmãos carnis de Jesus, ou filhos carnis de Maria, nem de outro casamento de José, antes de desposar Maria, pois é mais provável que José, assim como Maria, tenha feito o voto de perpétua virgindade, sem dúvida inspirado por Deus para poder corresponder dignamente a sua alta vocação.

Este voto tem sua razão de ser, análogamente ao que se passou com S. João, o discípulo virginal, admitido à semelhante familiaridade com Maria e José. Afinal o casamento virginal de José com Maria parece exigir o voto de virgindade do espôso, mas um voto para tôda a vida.

4) *Como poderemos defender a virgindade de espírito de Maria Santíssima?*

Além de ter conservado a virgindade perpétua corporal, Maria conservou sempre a virgindade de espírito,

como virtude, mantendo essa integridade em honra de Deus. Para o tempo depois da concepção de Cristo, no seio de sua Mãe, a virgindade é a consequência necessária, porque se a Mãe de Deus não possuísse essa virtude, seria falta de perfeição espiritual, e até um pecado grave. O mesmo não se pode dizer a respeito do tempo antes da concepção de Cristo, porque Maria não conhecia ainda, ao menos explícita e diretamente, sua sublime vocação. Todavia devemos admitir que Deus tenha inspirado a Maria a virgindade de espírito para prepará-la para sua vocação. Na S. Escritura há um ponto de apóio para afirmar que Maria teve esta intenção e de modo perfeito. De fato, a resposta que ela deu ao Anjo: "Como se fará isto, porque não conheço varão" não admite outro sentido razoável a não ser que Maria se comprometera a conservar sua virgindade.

Como a Igreja considera a Maria como o exemplo de tôdas as virgens, em razão do seu destino de ser Mãe do Filho de Deus e Espôsa do Espírito Santo, destino que desde o princípio lhe ficou estabelecido, poderemos, pois, admitir que seu voto de virgindade perpétua tenha sido perfeito e incondicional, sem diminuir ou prejudicar sua decisão moral: e êste voto foi feito muito cedo, quando o problema de seu estado de vida lhe assomou o espírito pela primeira vez.

O voto de virgindade decorre das palavras já citadas: "Eu não conheço varão", e de modo tão evidente, que os protestantes, para o combater, viram-se obrigados a recorrer aos mais inéptos e contraditórios subterfúgios. Apelando para as palavras, acima citadas, os Santos Padres, como Santo Agostinho e S. Gregório de Nazianza afirmam a existência dêste voto de Maria.

A possibilidade dêste voto pode ser negada sòmente por aquêles que não admitem Maria tenha sido preparada para sua vocação por uma direção e iluminação especial do Espírito Santo, ou negam que a virgindade possa ser objeto de voto: são homens verdadeiramente carnis que o negam. Aliás o exemplo de antigos israelitas, os Essênios, prova que já antes de Cristo a idéia da virgindade voluntária e perpétua não era desconhecida entre os judeus. Não se pode provar, porém, com certeza que algum israelita tenha tido tão sòmente o propósito, mas também o voto formal de virgindade antes de Maria.

Os hereges recorrem a alguns textos do Antigo Testamento para provar que o casamento era obrigatório para todos os judeus. Êstes textos, porém, falam apenas

da tendência de assegurar ao casamento uma grande fecundidade entre os judeus e também do casamento de Levirato. Este último se refere ao casamento obrigatório da mulher judia, enviuvada, que devia casar-se com seu cunhado, caso o primeiro marido não tivesse deixado filho, para que a herança do marido defunto passasse para o futuro filho que nascesse do segundo casamento: esta obrigação havia também entre outros povos não-cristãos.

E' de se presumir que aos israelitas não estava inculcado o grande valor da virgindade, porque as mulheres judias desejavam ter uma prole, ao se lembrarem que, do povo judaico, devia nascer o Messias prometido. A mulher, porém, que fizera o voto de virgindade perpétua, tinha sido eleita para dar ao mundo o Salvador.

5) *Sendo destinada a Virgem Maria a ser a Mãe de Deus, não devia ela desistir do voto de virgindade perpétua?*

De forma alguma; uma vez que admitimos este voto de Maria, devemos concluir que não havia perigo de que a qualquer dia ser obrigada a desistir de seu voto, caso fôsse chamada por Deus a concluir o casamento. Se este voto, feito geralmente com a consciência, é aceito com agrado por Deus, com muita mais razão em se tratando de Maria, destinada desde o princípio a ser a Mãe do Filho de Deus e Espôsa do Espírito Santo. Quando o anjo S. Gabriel lhe anunciou que ela havia de dar à luz a um filho, devia Maria concluir destas palavras que seria obrigada a sacrificar sua virgindade, porque já antes de seus esponsais podia saber com toda a certeza, que sua virgindade jamais seria prejudicada: bem ao contrário, não obstante seus esponsais, seria respeitada e protegida. Por inspiração divina fêz o voto, certa de que Deus a escolhera para ser a Mãe de Cristo, e que Deus aceitara tal voto incondicionalmente. Se pois alguns autores afirmam que Maria estava pronta a renunciar à dignidade de Mãe de Deus, digamos franca-

mente que não compreenderam tôda a perfeição do voto de Maria. Bem disse, pois, S. Bernardo que Deus conhecia tôda a perfeição do voto de sua serva, assim como também ela sabia que para Deus nada é impossível, e portanto podia ser Mãe e ficar virgem ao mesmo tempo. De que modo? Respondeu o Anjo que ela havia de conceber por obra do Espírito Santo. Podia, pois, concluir os esponsais com S. José, que, iluminado ou inspirado por Deus, fêz também o voto de virgindade perpétua.

Conforme a idéia da Igreja sôbre a perfeita virgindade de Maria, devemos dizer que ela abrangia igualmente a virgindade de sentido, isto é, o estar isenta de todos os movimentos e sentimentos impuros, o que corresponde à perfeição moral e santidade da vontade. Ora, assim como Deus, por decreto eterno de sua sabedoria e em virtude dos merecimentos previstos do Redentor, preservou Maria da culpa original, no momento de sua concepção, para que ela correspondesse à sua sublime maternidade, assim também era mais que conveniente que Maria ficasse isenta do aguilhão da má concupiscência, como declarou o Concílio de Trento. Este mesmo Concílio acrescenta que Maria nunca cometeu pecado algum, por mais leve que seja. Tão sublime pureza convinha a Mãe de Deus, porque qualquer ignomínia havia de redundar em seu Filho, o que Deus não podia permitir. Por isso, Maria possuía a impecabilidade, isto é, não sòmente nunca cometeu pecado algum, mas também não podia pecar; estava confirmada na graça santificante.

Podemos concluir que Maria é chamada com todo o direito a Virgem das virgens, o ideal da virgindade, e é merecedora dêste nome, porque o amor que ela tinha à virgindade estava em perfeita proporção com a eminente plenitude da graça e de amor para com Deus, superando a todos os Santos. Além disto, sua virgindade consistia, não sòmente em uma real integridade e pureza sem mácula, defendida por sua vontade, mas também era uma integridade de pureza, a qual Deus se comprometera a preservar de tôda violação e mácula, como fêz também para que Maria nunca cometesse pecado algum e nem pudesse pecar. Maria desde o princípio foi destinada a ser a Mãe de Deus, e portanto devemos admitir que esta perfeição de virgindade já se encontrasse nela, pelo menos, desde o momento em que concebeu em seu seio maternal o Filho Unigênito de Deus Padre.

6) *Se admitirmos a virgindade perpétua em Maria, como pôde haver um casamento de Maria com S. José?*

Em aparente opposição à mais perfeita virgindade está o fato de que Maria, a mulher consagrada a Deus, é a espôsa de José. Ora, assim como a virgindade de Maria foi negada pelos hereges, assim também podia parecer que essa virgindade não admite que a união de Maria com José seja verdadeiro matrimônio. Este casamento, porém, não somente não está em contradição com a virgindade, mas se encontra até na mais bela harmonia com a virgindade. É um casamento de particular espécie, e não é um ato imperfeito: bem ao contrário, deve ser considerado como a forma ideal do matrimônio.

É um verdadeiro casamento, porque no Evangelho José é chamado mais uma vez o espôso de Maria, o varão desposado por Maria, e as palavras do Evangelho: "José recebeu Maria como sua espôsa" devem ser entendidas no sentido de que, entre ambos, havia uma relação de verdadeiro casamento, e não uma relação apenas de amizade ou proteção.

A possibilidade de verdadeiro casamento não está excluída pela virgindade de Maria, porque a virgindade o corpo exclui apenas a real consumação carnal do casamento. Os esposos já estão casados antes dessa consumação; e se resolveram continuar este estado de virgindade, não deixam de ser realmente pessoas casadas. Verdade é que a virgindade de intenção e de voto de Maria afasta a intenção de excluir a consumação do casamento, mas não a de garantir e obter o direito mútuo sobre o próprio corpo, intenção que pode existir juridicamente no casamento em que a vontade dos esposos se dirige aos outros bens do matrimônio que a ambos pertencem.

A virgindade de estado de Maria, por ser ela Virgem consagrada a Deus, após a concepção de Cristo, era incomparavelmente mais perfeita do que sua virgindade, constituída pelo voto, e por isso excluía, assim como a virgindade de voto, a possibilidade jurídica de transferir para outro o direito sobre o próprio corpo. Deste modo foi suprimida a qualidade específica da união matrimonial. Podemos, pois, afirmar que o direito mútuo sobre o corpo do consorte não estava incluído no casamento de Maria com José como direito radical e formal, como acontece nos demais casamentos. É que o laço

do casamento na união de Maria com José era de outra espécie, bem diferente dos demais casamentos. Mesmo assim o casamento de Maria, embora tão diferente dos demais, era um verdadeiro casamento, não só conforme a idéia universal da união dos esposos com direitos e deveres recíprocos e comunhão indivisível de vida, mas também conforme a idéia especial de direito sôbre o corpo do consorte: porque êste direito não ficou excluído no casamento de Maria com José, sob qualquer forma. Tal direito pode existir não sòmente sob a forma de poder um consorte dispôr do outro para a geração dum filho, como também sob a forma de gozar e possuir um filho, gerado de modo extraordinário por uma disposição especial de Deus, como se deu realmente no casamento de Maria. Ora, no casamento natural o último direito é dependente do primeiro; mas quando se trata do casamento de Maria, casamento de ordem sobrenatural por causa do Filho de Deus que foi o fruto dessa união, o último direito ficou independente do primeiro.

Era necessário que o casamento de Maria fôsse contraído nessas últimas condições, isto é, devia ser um casamento virginal, porque a mulher, destinada por Deus a dar à luz o Filho de Deus, devia conservar sua virgindade e ao mesmo tempo aparecer aos olhos do mundo como mulher casada. Dêste modo se explica como Maria concebeu do Espírito Santo, e ao mesmo tempo se tornou José espôso de Maria, para que êste, protegendo os direitos de Deus sôbre a santa Virgem, conservasse a virgindade de sua espôsa. Recebeu José sòmente os direitos que o tornassem capaz de cumprir seus graves e santos deveres; mas nem por isso deixou S. José de ser verdadeiro pai de Jesus Cristo.

7) *Pode-se dizer que S. José é verdadeiro pai de Jesus Cristo?*

Sem dúvida alguma, porque, como já temos demonstrado em outro artigo, a união de Maria com José tinha o caráter de um verdadeiro matrimônio, não de um matrimônio meramente externo e acidental, mas interno e orgânico. Supera, porém, todos os outros casamentos humanos, porque, conservando a espôsa a virgindade, êle participa da fecundidade, pois ao espôso humano, José, foi concedido e confiado um fruto divino, para ser edu-

cado. Este fruto não foi produzido pelo uso carnal do matrimônio dos esposos, mas em virtude da união espiritual de ambos, e portanto fruto que pertence a ambos não menos do que o fruto natural de qualquer outro matrimônio natural. Além disso, este casamento virginal supera a todos os outros, porque recebeu um fruto absoluta e essencialmente santo; e, porque ambos os esposos cooperaram com sua comum dedicação virginal a Deus, para ganhar este fruto, este lhes pertence realmente. Daí as palavras que Maria disse um dia a Jesus: "Filho, teu pai e eu te buscávamos cheios de aflição".

Quanto ao bem do sacramento que transforma o laço matrimonial dos esposos cristãos, faz também que este laço se torne indissolúvel para o serviço de Deus; e tanto mais perfeito será esse laço, quanto mais santo o serviço de Deus, para o qual os esposos se uniram pelo matrimônio. Ora, a relação matrimonial de Maria a José supera incomparavelmente toda a relação matrimonial do casamento humano, porque o fim da geração e educação de Cristo é um fim infinitamente superior ao fim da geração e educação de qualquer outra criatura humana, embora esta seja membro do Corpo Místico de Cristo.

A superioridade do casamento de Maria não foi prejudicada de modo algum por lhe faltar o caráter do sacramento do matrimônio cristão. Assim devemos dizer que Maria e José não foram santificados e consagrados a Deus, um pelo outro, como acontece nos casamentos cristãos. A falta desta consagração mútua procede do fato de Maria não poder ser consagrada Mãe de Deus pelo matrimônio com um espôso humano; seu matrimônio foi consagrado pela mais alta consagração da parte de Deus, completamente independente do espôso humano.

Daí podemos concluir que é muito provável, para não dizer certo, que José tenha feito o voto de virgindade para toda a vida, afim de cooperar dignamente para ser o verdadeiro espôso de Maria e pai de Jesus Cristo, embora de modo diferente e mais sublime do que qualquer outro espôso e pai. E', pois, incomparável a glória que circunda a cabeça do santo patriarca e protetor da Igreja.

8) *E' certo que a Mãe de Deus após sua morte foi levada ao céu em corpo e alma?*

A festa da Assunção de Maria é celebrada anualmente no dia 15 de agosto. E' dogma da Igreja que a alma

de Maria é glorificada no céu, e é doutrina certa e crença universal na Igreja que Maria logo após sua morte, foi levada ao céu em corpo e alma.

Como se deu a morte corporal de Maria? Certo é que ninguém pode duvidar desta morte, porque não há razão suficiente para afirmar que Maria tenha sido isenta da morte, pois o estado natural do homem abrange necessariamente a dissolução do corpo. Verdade é que nossos primeiros pais gozavam no paraíso terrestre o dom preternatural da imortalidade. Cristo Nosso Senhor reparou o estado sobrenatural da graça, mas não reparou os dons preternaturais do primeiro homem. Daí se segue que Maria, embora isenta do pecado original, durante sua vida, teve que sofrer e morrer, assim como seu Filho, o Filho de Deus. Aliás a profecia de Simeão no templo de Jerusalém falou de uma espada de dor que havia de traspassar a alma de Maria. Não obstante isso, conforme uma opinião bem provável, Maria não morreu de alguma enfermidade nem de velhice, mas consumida lentamente pela veemência de seu amor para com Deus e pelo desejo imenso de estar com seu Filho no céu.

Se, porém, admitirmos como muitos teólogos que Maria, em virtude de sua Imaculada Conceição, foi enriquecida pela graça santificante, mas ficou também isenta das misérias do estado natural do homem após o pecado original, e portanto isenta da necessidade de morrer, seria todavia conveniente que Maria fôsse igual a seu Filho pela morte corporal, para que não parecesse ser ela superior a seu Filho que morreu na cruz. Accitou, pois, a Mãe de Deus a morte de mui boa vontade, em espírito de humildade e obediência.

É certo também que Maria, logo após sua morte, ressuscitou do sepulcro sem que seu corpo virginal soffresse a corrupção. A morte em si nada tem de indigno, e em certas circunstâncias pode ser até honrosa e salutar. Assim, porém, não se dá com a corrupção do corpo: esta é realmente uma deformação, e em caso algum pode ser honrosa e salutar, porque será sempre o resto da maldição que o pecado original atraiu sobre o gênero humano. Portanto este mal é incompatível com a santificação e dignidade da Mãe de Deus, com sua graça de Imaculada Conceição, e sua união virginal e materna com o Filho de Deus humanado, assim, pois como seu Filho não podia estar sujeito à corrupção do sepulcro, do mesmo modo sua Mãe Imaculada. É a doutrina universal da Igreja e a crença de todo o povo fiel que Ma-

ria logo depois de sua morte, foi levada ao céu em corpo e alma; e conforme uma tradição sua ressurreição e assunção ao céu se deu ao terceiro dia depois de sua morte. Comemorando êstes dois acontecimentos, a Igreja durante séculos celebra a festa da Assunção de Maria.

Muitos teólogos afirmaram durante séculos que a Assunção de Maria também, quanto ao corpo, podia ser dogma de fé; e no Concílio do Vaticano em 1871 grande número de Bispos apresentaram um pedido em que suplicaram ao Sumo Pontífice que declarasse dogma de fé a Assunção de Maria ao céu em corpo e alma. As circunstâncias do tempo, porém, impediram que o Concílio pudesse tratar dêsse ponto de doutrina católica. Seria, pois, uma temeridade negar a Assunção da Maria também quanto ao corpo.

Uma vez admitida esta doutrina, conforme alguns teólogos, podemos aplicar à Assunção de Maria ao céu as palavras do Apocalipse: "Abriu-se o céu, e apareceu a arca do testamento de Deus: apareceu no céu um grande sinal: uma mulher, vestida do sol, e a lua debaixo de seus pés, e uma corôa de doze estrêlas sôbre sua cabeça".

9) *Os protestantes continuam sempre a combater o culto que os católicos prestam a santa Virgem: e como poderemos responder às objeções que fazem, apoiando-se em vários textos da Biblia?*

O lugar que Maria Santíssima ocupa no plano divino da salvação do gênero humano, está expresso nas palavras conhecidas que datam do século oitavo:

"Vós, ó Maria, vencestes tôdas as heresias pelo mundo inteiro", palavras que se referem igualmente ao protestantismo. Diz S. Cirilo, que tôdas as heresias que atacaram a obra salvadora de Cristo, também combateram o lugar de Maria na obra da salvação, como veremos.

Objetam os protestantes que nos livros do Novo Testamento quase não se menciona a pessoa de Maria, e que nem o Cristo nem os Apóstolos falaram sôbre o lugar que a Igreja Católica dá a Maria na obra da salvação da humanidade. Acrescentam ainda que no Evangelho encontram-se trechos que não se podem conciliar com o lugar que os católicos reservam a Maria.

Sem dúvida há expressões que, consideradas superficialmente, parecem assombrar a grandeza de Maria. Esta obscuridade a respeito da Virgem nos livros do Novo Testamento tem seu fundamento, mas não prova que Cristo e os Apóstolos não tivessem reconhecido a dignidade incomparável da Mãe de Deus; e as palavras aparentemente humilhantes para Maria, têm apenas o fim de combater e excluir uma idéia falsa, demasiadamente humana de sua maternidade, como provaremos.

Certo é que os elogios com que o Arcanjo S. Gabriel, embaixador do céu, e Santa Isabel, inspirada por Deus, exaltaram a maternidade de Maria, contêm de modo resumido tudo o que a Igreja apregôa para glorificar a Mãe de Deus. Além disso, os traços com que S. João no Apocalipse nos descreve a imagem da Igreja de Cristo, foram tomados da grandeza de Maria e reproduzidos em linguagem tão sublime como a fantasia humana nunca pôde excogitar. Escreve S. João: "Eis que no céu apareceu um grande sinal: uma mulher, vestida do sol, e a lua debaixo de seus pés, e uma corôa de doze estrélas sôbre sua cabeça. Em seguida o Apóstolo nos descreve o combate do dragão infernal com a mulher e seu filho e a derrota completa do inferno.

As notícias históricas do Novo Testamento falam de Maria de modo altamente significativo naqueles momentos em que ela manifesta e deve manifestar seu lugar na obra da Redenção do gênero humano. Na apresentação de seu Filho no templo, duas pessoas, inspiradas por Deus, o santo velho Simeão e a profetisa Ana, anunciaram públicamente a divindade de Cristo e a glória de sua Mãe. No momento em que Cristo operou seu primeiro milagre nas bodas de Canaã se pôde observar o mesmo; assim também na descida do Espírito Santo sôbre os Apóstolos, reunidos no cenáculo com Maria, Mãe de Jesus. Se, pois, os protestantes querem aprofundar a altíssima dignidade de Maria, estudem os primeiros capítulos do Evangelho de S. Mateus e de S. Lucas, em que se relatam a preparação de Maria para seu ofício sublime e a infância de Cristo. O leitor imparcial e isento de preconceitos há de forçosamente se convencer de que o Evangelho exalta dignamente a grandeza de Maria.

Verdade é que Cristo e os Apóstolos não pregaram públicamente a dignidade de Maria, mas também não a negaram. Este fato, porém, se explica facilmente. Durante a vida pública de Cristo, assim como nos primeiros tempos da pregação do Evangelho depois da morte

de Cristo, era necessário fazer convergir tôda a atenção dos fiéis para Jesus Cristo, para sua superioridade pessoal acima de sua Mãe antes que se falasse da grandeza dessa Mãe humana, grandeza que resultava da divindade de seu Filho. Aliás, era natural que durante a vida terrestre de Maria fôsse poupada e respeitada sua profunda humildade, como exemplo para os fiéis. Tratava-se da prática dessa virtude de Maria, porque também Cristo durante o curso de sua vida terrestre a praticou com tôda a perfeição.

Além disto, quis Nosso Senhor mostrar de modo especial em todo seu procedimento, não sòmente à sua Mãe, mas também e sobretudo aos outros homens, que Ele não tinha com ela a mesma relação que qualquer homem tem com sua mãe natural.

Nosso Senhor, procedendo assim, manifestou sua divindade, ao mesmo tempo a verdadeira forma e caráter da maternidade de Maria como sendo uma maternidade divina.

Segue-se daí que é um absurdo ver certo desdém ou negação da dignidade maternal de Maria nas palavras com que Nosso Senhor algumas vêzes se dirigiu a sua Mãe, não com o nome de mãe, mas com o de mulher, como fêz nas bodas de Canaã e na cruz. Estas palavras, aparentemente humilhantes para Maria, dão a entender apenas que Cristo, naquelas ocasiões, não estava mais sujeito aos cuidados e autoridade de sua Mãe, como em Nazaré, e por isso quis insistir em sua divina missão. Aliás na cruz Cristo, recomendando sua Mãe a seu discípulo João, deu prova de seu amor filial.

As palavras que Cristo lhe dirigiu nas bodas de Canaã: "Mulher, que importa isto a Mim e a ti? A minha hora ainda não chegou" devem ser explicadas em seu verdadeiro sentido. Ora, os doutos que estudaram os usos judáicos, afirmam que a palavra "mulher" entre os judeus é antes mais solene que demasiadamente familiar, e que as palavras: "Que importa isso a Mim e a ti?" querem dizer: não estejamos aflitos, porque a hora não tardará a chegar. E Cristo disse estas palavras em presença de muitas pessoas, para significar que havia de deferir o pedido de sua Mãe, não como filho sujeito ainda à autoridade de uma Mãe humana, mas como Filho de Deus. A resposta de Cristo não excluiu a concessão do favor ou do milagre, como prova o que se seguiu, e por isso Maria disse aos que serviam à mesa: "Fazei tudo o que Ele vos disser". E êste milagre que

Nosso Senhor fêz a pedido de sua Mãe, abriu aquela séria inumerável de prodígios que Cristo operou em favor dos infelizes, levando S. Pedro a dizer aos judeus: “Jesus andou de lugar em lugar fazendo o bem.”

Os protestantes se referem ainda às palavras que Cristo, no exercício de sua divina missão, dirigiu a seus parentes: “Minha mãe e meus irmãos são os que fazem a vontade de meu Pai que está nos céus”, assim como às perguntas com que em outra ocasião respondeu a tado.” Respondeu Cristo: “Antes bem-aventurados o ventre que Te trouxe e os peitos em que foste amamentado.” Respondeu Cristo: “Antes bem-aventurados aquêles que ouvem a palavra de Deus e a põem em prática.”

Em ambas estas ocasiões Cristo não teve a mínima intenção de desmerecer sua Mãe, mas antes de levantar-se contra uma idéia demasiadamente humana e carnal da relação entre Ele e Maria, porque esta idéia fundava-se numa compreensão imperfeita e falsa de sua natureza divina. Por isso mostrando o verdadeiro caráter desta relação, Cristo deu ao mesmo tempo uma lição bem prática a seus ouvintes.

No primeiro caso que se refere aos parentes de Cristo, seu verdadeiro caráter de Filho de Deus era falsificado: ora o verdadeiro caráter importa em que Maria era Mãe de Cristo de modo bem diferente das outras mães, isto é, que ela era Mãe, não pela vontade do homem, como disse S. João, mas pela sua obediência à vontade do Pai celestial, e por isso a relação de Maria com Cristo tinha a marca duma perfeita consagração a Deus.

No segundo caso que se refere à mulher do povo, os elogios que ela fêz de Maria, não excluíam a divindade de Cristo, mas também não exprimiam claramente que a maternidade de Maria se distinguia de tôda outra maternidade, a não ser pela confissão que o fruto daquela maternidade era apenas um homem que operava milagre. Por isso, Cristo, respondendo a êstes elogios, deu a entender que a sublimidade da maternidade de Maria se fundamentava no fato de ter ela, não um filho meramente natural, mas o verdadeiro Verbo de Deus. E Maria concebeu o Filho de Deus, não somente em seu seio puríssimo, mas sobretudo em seu espírito e em seu amor espiritual, ou melhor o concebeu pelo seu espírito e amor espiritual.

Concluamos esta exposição com as palavras de S. Bernardo em que nos descreve o lugar eminente de Maria na obra da salvação do gênero humano: “Desde o princípio Cristo começou a realizar a salvação no meio da terra, como disse o profeta Davi, isto é, no seio de Maria, que com todo o direito é chamada o meio da terra, porque para Maria como para o centro da terra, como para a causa de tôdas as coisas, como para o grande negócio dos séculos, todos se voltam, os que estão no céu e os que estão debaixo da terra: os que nos precederam e nós que estamos ainda na terra; os que estão no céu para receberem sua glorificação, os que estão debaixo da terra para receberem a libertação, e nós para que sejamos salvos.

Por isso, tôdas as gerações vos chamarão bem-aventurada, ó Maria, Mãe de Deus, Senhora do mundo, Rainha do céu. Sois vós que gerastes a vida e a glória para tôdas as gerações. Em vós os Anjos encontram a alegria, os justos a graça, os pecadores a remissão para eterno. Com razão, pois, os olhos de tôda a criatura se voltam para vós, porque por vós, em vós e de vós a mão benévola do Todo-Poderoso reparou tudo o que tinha sido criado.”

- 10) *Embora os protestantes geralmente combatam o culto de Maria na Igreja Católica, não há protestantes que o defendem?*

Sem dúvida alguma. O professor de teologia protestante na Universidade de Munich, dr. Leonardo Hendt defende em seu livro “As forças religiosas do dogma católico” a devoção da Igreja Católica à Mãe de Deus contra seus correligionários, e escreve:

“A religião procura sempre apoderar-se dum novo campo sob pena de ter uma existência raquítica, porque a religião é como um fogo que espalha suas chamas para tôda a parte afim de abrasar tudo. A princípio a religião cristã abrangia só o Cristo e chegou ao ápice de seu ardor. Para ser vivo, êste ardor deve estender sua ação, e por isso abrangeu pouco e pouco também a Mãe daquelo que deu a medula à Cristandade. Êste ardor abrangeu pouco a pouco os Mártires que morreram por Cristo, depois os Santos que fazem resplandecer a medula de Deus: eis a verdadeira religião de primeira classe em alto ardor.

“Jamais a religião cristã julgou ter abandonado o Cristo por ter abrangido a Maria: bem ao contrário, as forças religiosas em relação ao Cristo se tornaram mais íntimas à medida que também a Mãe de Deus se tornou objeto de devoção. Não é verdade que a religião se dirige mais ao Cristo quanto mais se afasta de tudo em redor do Senhor: é certo que, quanto mais a religião entra em contacto com as pessoas que estão junto de Cristo, com tanta maior intimidade ela alcançará a Jesus. Nos meios católicos a religião se dirige com todo o ardor para Cristo, ao passo que nos meios protestantes, que excluem a devoção à Mãe de Deus, se apaga pouco a pouco. Por isso há entre alguns protestantes um veemente desejo de restabelecer a devoção à Maria. Infelizmente os teólogos protestantes querem repelir êste desejo, porque vêm na devoção à Mãe de Deus uma minoração de Cristo. Mas é certo que, repelindo-se a devoção à Maria, haverá uma diminuição de Cristo, e tôda a religiosidade ficará enfraquecida”.

Com estas palavras está de acôrdo um jornal protestante de Berlim que há pouco tempo disse com tôda a franqueza: “A Igreja protestante é fria: e como poderemos dar-lhe algum calor? Devemos reconduzir a Mãe de Deus para nossas igrejas. A Mãe deve voltar. Queremos rezar a ela, cantar seus louvores, colocar sua celeste pureza em nosso catecismo. Sim, a Mãe nos falta, e a queremos novamente em nosso culto”. Pobres protestantes que baniram da religião a Mãe de Cristo.

11) *Será licito defender a perpétua virgindade de S. José, espôso de Maria?*

E' um dogma da Igreja que Nosso Senhor nasceu da Virgem Maria. Mas é também sentença geralmente admitida e que deve ser admitida pelo povo cristão, que S. José conservou sempre sua virgindade até a morte.

Houve alguns autores católicos nos tempos antigos, que afirmaram que S. José contraíra casamento com uma mulher antes de seu casamento com Maria. A crítica moderna, porém, provou que êsses autores se apoiavam em documentos que não merecem fé alguma. Entre êsses documentos há o proto-evangelho de Tiago, mas que nunca foi admitido pela Igreja como livro inspirado. Êsse evangelho apócrifo relata fatos que não correspondem ao que lemos nos Evangelhos inspirados. Por isso,

vários Padres da Igreja, entre êles S. Jerônimo e S. João Crisóstomo, combateram essa opinião acêrca do primeiro casamento de S. José. S. Beda diz que se deve confessar sem escrúpulos que não somente a Santa Virgem, mas também S. José, o defensor da virgindade de Maria, conservou sempre a sua virgindade. S. João Damasceno escreve: "Ignoras tu que o Filho de Deus escolheu a pureza da carne de tal modo, que nasceu não somente duma Virgem, mas que também seu pai, conforme a fé da Igreja, foi sempre virgem?" E S. Jerônimo responde ao herege Helvídio: "Tu dizes que Maria não permaneceu Virgem; mas eu digo que também José foi virgem por causa de Maria". Afinal S. Tomás diz: "Nós cremos que, assim como a Mãe de Jesus foi Virgem, assim também José, porque Aquêle que sôbre a cruz recomendou a santa Virgem a João, virgem, para o resto de sua vida, também recomendou a Santa Virgem desde o princípio a um homem virgem, S. José". E', pois, com direito que Leão XIII diz em uma de suas encíclicas: "As donzelas têm em S. José um espelho e um tutor da virginal inteireza".

Assim a virgindade dá ao mundo o Redentor, e êste lirio virginal procede do matrimônio de duas criaturas virginais. Nasce o Cristo da Virgem Maria, e embora não seja filho de José segundo a carne, é todavia seu filho pelo espírito, pela aliança virginal que uniu José à Mãe de Deus. A virgindade de Maria foi defendida e conservada pelos cuidados de S. José, e portanto tem êste os direitos de pai sôbre o Filho de Maria.

12) *Como e quando se introduziu a devoção do Rosário, e como deve ser recitado o Rosário.*

Explicaremos o Rosário de S. Domingos. Já no quarto ou quinto século os monges leigos do Oriente, que não tinham obrigação de recitar os 150 salmos de Davi, substituíam esta oração de todos os dias pela recitação do 150 Padre Nossos. E para não errar quanto ao número, serviam-se de pequenas sementes com que marcavam o número dos Padre Nossos já recitados, e para facilitar êsse trabalho uniam as sementes por um cordão, no qual deram o nome de cordel do Padre Nosso. Este cordel espalhou-se mais tarde no Ocidente, e no tempo de S. Domingos os fiéis recitavam apenas os 150 Padre Nossos, e não tardou que alguns acrescentassem

150 Ave Marias. Há autores que afirmam que S. Domingos foi o primeiro a divulgar desta forma o Rosário. Embora nos faltem as provas históricas para admitir essa opinião, todavia possível é é provável que S. Domingos, conforme uma tradição, tenha sido exortado pela Mãe de Deus a pregar aos povos o Rosário como arma poderosa contra as heresias e vícios. De modo especial recomendou o Santo a recitação do Rosário aos soldados cristãos que marchavam contra os Albigenses para os derrotarem.

Naquele tempo, porém, a Ave Maria abrangia apenas a primeira parte da saudação angélica. A segunda parte, ao que parece, foi introduzida por Santo Antonino no princípio do século XV, e em 1566 o Catecismo Romano recomendou a fórmula de hoje. Já em 1479 o Papa Xisto IV declarou que a recitação do Rosário consiste em rezar 150 Ave Marias, sendo cada dezena separada por um Padre Nosso. Mais tarde os fiéis começaram a rezar após cada dezena um Glória Patri, costume que não foi aceito na Itália. Como nosso Episcopado aprovou a recitação do Glória etc., será bom seguir esse costume. Quanto à recitação do Credo, dum Padre Nosso e de três Ave Marias no princípio, assim como a recitação da Salve Rainha depois do têrço, dizemos apenas que estas orações podem ser recitadas antes e depois do têrço, embora não façam parte do Rosário.

Conforme a Igreja nas lições do Breviário, na festa de Nossa Senhora do Rosário, êste deve ser rezado do modo seguinte: 150 Ave Marias, formando três partes ou têrços, sendo cada dezena separada por um Padre Nosso, e nada mais. Pelo catecismo oficial de nossos Bispos, o Rosário se divide em três têrços, e cada um consta de cinco mistérios ou dezenas, que se rematam com um Glória Patri, etc.

A meditação dos mistérios da vida de Nosso Senhor foi recomendada no princípio do século XV, e em 1569 o Papa S. Pio V a prescreveu como sendo parte do Rosário, embora desnecessária para ganhar as indulgências.

13) *E' aprovada a invocação de "Santa Maria eterna"?*

Esta invocação não se encontra em parte alguma, na liturgia da Igreja. Possível é que ela se refira às palavras da S. Escritura sôbre a Sabedoria divina, "Eu

fui criada desde o principio e antes dos séculos, e não deixarei de existir em tôda a sucessão das idades, e exerci diante de Deus o meu ministério na morada santa”. E em outro lugar: “O Senhor me possuía no principio de seus caminhos, desde o principio, antes que Deus criasse cousa alguma. Desde a eternidade fui constituída, e desde o principio, antes que a terra fôsse criada. Ainda não havia os abismos e eu estava já conhecida; ainda as fontes das águas não tinham brotado; ainda não se tinham assentado os montes sôbre a sua pesada massa; antes de haver outeiros eu tinha nascido. Ainda Ele não tinha criado a terra, nem os rios, nem os eixos do mundo. Quando Ele preparava os céus, eu estava presente; quando por uma lei inviolável encerrava os abismos dentro de seus limites, quando firmava lá no alto a rotação eterna, quando equilibrava as fontes das águas; quando circumferencia no mar seu termo e punha lei às águas para que não passassem os seus limites; quando assentava os fundamentos da terra, eu estava com Ele, regulando tôdas as coisas”.

Nestas palavras a Sabedoria divina louva sua origem de Deus, como existindo desde tôda a eternidade. Ela é, pois, mais que sabedoria criada: é sabedoria incriada, que se tornou visível e audível no Filho de Deus humanado, como disse S. Paulo: “Deus, tendo falado outrora muitas vêzes e de muitos modos a nossos pais pelos profetas, últimamente falou-nos por meio de seu Filho”.

Os Santos Padres applicam as palavras da S. Escri-tura, acima citadas, isto é, as palavras da Sabedoria divina e incriada à Mãe de Deus, não em sentido literal, mas em sentido acomodaticio, e Pio IX em sua encíclica sôbre o dogma da Imaculada Conceição de Maria diz expressamente que estas palavras em que a S. Escri-tura fala da Sabedoria incriada e faz referência à sua origem divina e terna, são empregadas e transferidas nos officios da Igreja, isto é, na liturgia, à origem da S. Virgem, origem que por um e mesmo decreto foi determinada com a Incarnação da Sabedoria divina, o Filho de Deus humanado. A razão é que a Santa Virgem, desde tôda a eternidade, foi escolhida a receber em seu seio purissimo o Filho de Deus, e a efundir dêste modo sôbre o mundo a Sabedoria divina. Por isso a S. Escri-tura nos descreve a Mãe de Deus como a mulher, vestida do Sol eterno, isto é, o Filho de Deus humanado. E, pois, Maria uma imagem da Sabedoria pessoal, e em virtude de sua única comunhão com o protótipo, que é o

Cristo, e ela também tão semelhante a êste protótipo, que as excelências da Sabedoria divina se lhe aplicam de modo proporcionado. Não nos é lícito concluir, porém, que tôdas as excelências da Sabedoria se apliquem a Maria, porque ela será sempre criatura, ser finito, e seria blasfêmia dizer que ela possui a eternidade de Deus. Por isso, a Igreja não conhece a invocação: “Santa Maria eterna”, isto é, eterna no sentido de ser eterna como Deus.

14) *E' lícito dar à Maria o titulo de Nossa Senhora do Santissimo Sacramento?*

‘Sem dúvida alguma, e êste titulo foi aprovado pela Igreja. Já nos tempos mais remotos da Igreja a liturgia etiópica conhecia êste titulo, e alguns Santos Padres explicaram como Maria nos deu a santa Eucaristia. Belíssimas são as palavras de Bossuet: “De Maria, a primeira origem do Sangue de Jesus, êste magnífico rio de graças, começou o seu curso, rio que corre em nossas veias e que dá os impulsos vitais por todo o Corpo da Igreja”.

Mais profunda é a explicação de Santo Agostinho: “O Verbo de Deus é o alimento dos Anjos, dos espíritos celestiais, e Deus os alimenta com êste alimento eterno, os alimenta e os leitifica. Que homem, porém, pode comer êste alimento? Aonde encontrar um coração capaz de receber êste alimento divino? Preciso é que êste alimento se torne leite afim de que as crianças, que são os homens mortais, o possam receber. E como o alimento se torna leite se não passar primeiro pela carne? Eis o que faz a mãe. O que a mãe come primeiro, a criança o come depois na forma de leite, porque a criança não está nas condições de comer o pão se a mãe não encarna o pão; depois a criança o suga como leite do peito da mãe”. Eis uma imagem do que a santa Virgem fez para nós. O Pão dos Anjos, o Verbo Eterno de Deus, é ela que o fez comestível para nós, o transformou em carne e sangue para o Verbo de Deus nos seja administrado no banquete eucarístico.

Lícito nos é dizer que a Eucaristia é de algum modo a carne de Maria. Em que sentido? O Corpo de Jesus é distinto do corpo de Maria, e Jesus e Maria são duas pessoas distintas. Ora, assim como Judá, filho do pa-

triarca Jacob pode dizer a seus irmãos a respeito de José, seu irmão mais jovem: "E' nosso irmão e nossa carne", no mesmo sentido e com maior direito podemos dizer que a carne de Jesus é a carne de Maria, como de seu princípio substancial. E como Maria supera tôdas as mães terrestres, com muito mais direito lícito nos é dizer que a carne de Jesus é a carne de Maria, porque como Mãe virginal é ela revestida, e ela só, ela unicamente, daquela dignidade incompreensível de ter dado a natureza humana ao Filho de Deus. Nenhum pai está ao lado de Maria a não ser o Todo-Poderoso que a criou. Esta maternidade produz uma relação entre Jesus e Maria, da qual não participa nenhum outro ser humano. Jesus é o fruto exclusivo do seio maternal de Maria, e nenhuma mãe tem sôbre seu filho tão grande influência como Maria sôbre Jesus.

Este título de Nossa Senhora do S. S. Sacramento foi propagado sobretudo pelo Bem-aventurado Julião Eymard, fundador da Congregação dos Padres Sacramentinos. Foi a própria Santa Virgem que o exortou a fundar essa Congregação, dizendo-lhe: "Todos os mistérios de meu Filho têm sua Ordem, menos o S. S. Sacramento". Em 1868 o pe. Eymard deu pela primeira vez publicamente à Mãe de Deus o título significativo ao qual nos referimos, e não tardou que vários Prelados, e em 1905 o Sumo Pontífice Pio X, aprovassem êsse título.

VII. A IGREJA CATÓLICA

† Livros Católicos para Download



VII. A IGREJA CATÓLICA

1) *Quem fundou a Igreja católica?*

Jesus Cristo lançou os fundamentos da Igreja, reunindo em sua vida pública certo número de discípulos entre os quais separou os doze Apóstolos, e a um dêles escolheu para Chefe, dirigindo-lhe estas palavras: "Tu és Pedro, e sôbre esta pedra edificarei a minha Igreja". Embora a Igreja naquele momento não existisse ainda, Nosso Senhor já preparava os elementos necessários para a hora da fundação de sua obra.

A Igreja de Cristo apareceu como pronta e edificada no dia de Pentecostes, quando os Apóstolos começaram a pregação do Evangelho afim de reunir os primeiros fiéis. Naquele dia três mil judeus foram batizados, entrando na Igreja de Cristo. No dia seguinte nela ingressaram cinco mil. Devemos pois dizer que a Igreja foi fundada após a morte de Cristo; existe há cêrca de vinte séculos.

Mas não será lícito dizer que a Igreja de Deus existe há dois mil séculos antes da vinda de Cristo na terra? Se tomarmos a palavra Igreja em sentido mais lato, podemos dizer que não foi o Filho de Deus humanado que fundou a Igreja, mas deu à antiga Igreja de Deus uma forma mais determinada, mais perfeita no Novo Testamento. Em certo sentido, lícito é afirmar que a Igreja de Deus é tão antiga como a humanidade, isto é, enquanto a palavra Igreja significa a comunidade religiosa de todos os homens que antes de Cristo adoravam o verdadeiro Deus e cumpriam os deveres religiosos; era pois a comunidade religiosa de todos os mortais que professavam a fé no futuro Redentor e procuravam o perdão de seus pecados pelos merecimentos do mesmo Redentor. Esta verdade está expressa nas epístolas de S. Paulo aos fiéis da Galácia e aos hebreus. Escreve o Apóstolo: "Antes que a fé viesse, (a fé em Cristo na terra) estávamos encerrados sob a guarda da lei (mosaica), na expectação daquela fé (em Cristo), que havia de ser revelada (por Cristo). A lei pois (a lei mosaica) foi nosso

pedagogo, para nos conduzir a Cristo, afim de sermos justificados pela fé”.

Também os Santos Padres estão de acôrdo com esta doutrina, pelo que S. Agostinho escreve: “A Igreja pertencem não somente os que após a vinda do Senhor se tornaram santos, mas também todos que em qualquer tempo se santificaram”. E S. Tomás disse: “O corpo da Igreja é constituído dos homens que vieram desde o princípio do mundo até seu fim”.

No tempo dos antigos patriarcas a Igreja de Deus se achava ainda num estado de imperfeição, em uma forma menos determinada, mas os elementos essenciaes da verdadeira Igreja já estavam constituídos, isto é, a verdadeira fé, a fé no futuro Redentor, um culto externo, os sacerdotes do Altíssimo Deus e os sacrificios em honra de Deus. E como o período dos patriarcas se iniciou com Abraão, cêrca de dois mil anos, lícito é afirmar que a Igreja de Deus já existia naquele período: e conforme a palavra de S. Tomás, podemos dizer que a Igreja de Deus já data do tempo de nossos primeiros pais no paraíso, embora num estado de embrião. O germe, lançado no paraíso, passou por vários obstáculos até o tempo patriarcal. Veio depois o grande profeta Moisés, e a Igreja de Deus no Antigo Testamento pôde desenvolver-se mais. Mesmo assim a Igreja se achava em estado de imperfeição, porque a Igreja mosaica ou a Sinagoga se relaciona com a Igreja de Cristo como a sombra com a luz. Este estado de imperfeição da primitiva Igreja de Deus, foi suprimido afinal por Cristo que lhe deu uma forma definitiva, fundando a Igreja cristã ou católica. Assim, esta Igreja é o desenvolvimento completo da Igreja judaica, e que não poucos judeus nos tempos apostólicos e ainda em nossos dias, compreenderam, e passaram para o Cristianismo.

2) *Por que a Igreja de Cristo se apresenta em nossos dias com o nome de Igreja Católica apostólica romana, e não com o nome de Igreja cristã?*

Sabemos dos Atos dos Apóstolos que na cidade de Antióquia seus habitantes deram aos que seguiam a doutrina de Cristo o nome de cristãos, porque foi ali que uma grande multidão de pagãos se converteram para a fé cristã. Desde então os fiéis em tôda a parte foram

chamados cristãos. Mas como no curso dos séculos nasceram várias heresias que se arvoraram em igrejas cristãs, sobretudo com a aparição do protestantismo e este conta um sem número de igrejas que se chamam igrejas cristãs, pouco a pouco a verdadeira Igreja de Cristo tomou o nome de Igreja Católica, isto é, Igreja Universal para distinguir das igrejas heréticas que insistem em chamar-se igrejas cristãs. De fato, a universalidade é uma das notas essenciais da verdadeira Igreja de Cristo, e nenhuma outra igreja cristã pode arrogar esta nota. Se pois falarmos da Igreja Católica, todo o mundo sabe de que Igreja se trata.

Em nossos dias, sobretudo nos Estados Unidos, nascem tais igrejas cristãs como cogumelos, e como escreveu um autor protestante, no protestantismo se encontram, ao lado dum pequeno número de crentes, muitos racionalistas modernos, pantelistas, deístas e teístas sem que haja possibilidade de os expulsar. E', pois, com razão que a Igreja de Cristo se chama Igreja Católica. Já no tempo de Santos Agostinho os escritores eclesiásticos e o próprio Santo Agostinho insistiram em dar à Igreja de Cristo o nome de Católica.

3) *Com que direito a Igreja de Cristo pode ser chamada a Igreja sempre nova e sempre antiga?*

E' sabido que a Igreja Católica defende a Tradição como portadora da verdade divina. Para resolver os problemas de doutrina dogmática e moral, o argumento da Tradição é decisivo, uma vez que outras razões são insuficientes para provar qualquer ponto de doutrina cristã e admiti-lo como sendo revelado por Deus.

A Igreja Católica, porém, não está entorpecida na Tradição de tal modo que não possa ser uma força viva no mundo, ou que não seja capaz de manter o antigo sem perder sua força juvenil. Conforme as leis da história uma instituição tão antiga como a Igreja Católica, teria de desaparecer mais cedo ou mais tarde da face da terra: e sem dúvida assim teria acontecido há vários séculos, se fôsse uma instituição humana. Tôdas as instituições humanas conheceram um período de florescimento e depois de decadência e de morte. Mas a história ensina coisa bem diferente a respeito da Igreja Católica: só ela possui uma admirável elasticidade, uma força vital intensíssima através de todos os séculos. A

ela se podem aplicar as palavras de S. Paulo: "Como desconhecida, embora conhecida por tôda a parte; como moribunda, e eis que está viva, como castigada, mas não amortecida".

A Igreja Católica é um fenômeno histórico que merece e chama a atenção do mundo, pois que a antiga Igreja Católica, sempre após tempos de opressão, perseguição ou enfraquecimento interior, ressuscita para uma nova vida. Sempre tem sido combatida de todos os lados, sobretudo pelas correntes de espírito que se apresentavam como sendo as mais modernas; e após algum tempo a Igreja era a única potência espiritual que ficara impassível e vencedora no campo de batalha. Os sistemas mais modernos quase sempre devem ser abandonados como antiquados, para depois passar para o campo da história como mortos. E' prova que êsses sistemas foram teorias meramente humanas, que talvez correspondessem durante algum tempo a certas necessidades momentâneas. Como, porém, foram falsas ou parciais, não possuíam fôrça vital permanente, e desapareceram.

A história da Igreja, porém, manifesta uma renovação contínua, um desabrochar continuo de nova florescência no antigo tronco da Tradição. Lembramos apenas o magnífico desabrochar da vida de piedade no século XIII e de sua fôrça renovada com que a Igreja, após a tal reforma protestante, seguiu seu caminho, e do florescimento da vida católica, tanto religiosa como cultural, que em nossos dias causa admiração aos próprios inimigos do Catolicismo.

Ora, êstes fenômenos extraordinários na História não se podem explicar se não admitirmos na Igreja Católica um princípio divino, cuja essência não admite decadência no tempo. A Igreja de Cristo deve sua fôrça, inquebrantável e sempre nova à mais íntima comunhão com o divino Redentor que disse: "Eis que Eu renovo tôdas as coisas".

4) *Como S. Paulo pode dizer que a Igreja de Cristo é sem mácula, pois que na Igreja há tantos escândalos?*

São bem significativas as palavras que S. Paulo escreve a respeito da Igreja de Cristo. "Jesus Cristo amou a Igreja e por ela se entregou a si mesmo para a santificar, purificando-a no batismo da água pela palavra de

vida, para apresentar a si mesmo esta Igreja gloriosa, sem mácula, sem ruga ou coisa semelhante, mas santa e imaculada”.

Como, pois, conciliar esta pureza e santidade com os pecados, cometidos pelos seus filhos? É sabido que os inimigos da Igreja Católica não se cansam de caluniar esta instituição de Cristo, condenando como pecaminosos grande número de atos na Igreja Católica, que não têm nem a sombra de pecado. O próprio Cristo viu-se obrigado a defender seus discípulos quando os fariseus os censuravam como profanadores do sábado, porque naquele dia os Apóstolos, estando com fome, colheram algumas espigas para comê-las, o que era lícito, conforme a lei mosaica.

Certo é também que os nossos inimigos têm sempre os olhos abertos para qualquer queda ou fraqueza dos católicos, e daí deduzem as mais injustas acusações e as mais lógicas conclusões não olhando, entretanto, para as virtudes e santidade extraordinária de muitos filhos da Igreja. Quanta injustiça da parte dos inimigos! A nós poderíamos aplicar as palavras de Cristo: “Por que vêdes a aresta no olho de outros, e não vêdes a trave nos vossos olhos? Hipócritas, tirai primeiro a trave dos vossos olhos, e então vereis para tirar a aresta do olho dos outros”.

Observamos ainda que o homem nesta vida não pode ter a inocência dos Anjos, e as faltas leves do cristão são devidas à fraqueza que é a sorte de todos os filhos de Adão. Estas faltas, porém, não desfazem a graça santificante e a pureza de coração. Quanto aos pecados graves de seus filhos, a Igreja recebeu de seu divino Fundador os meios de purificá-los de tôdas as suas manchas. O sacramento da penitência apaga o pecado mortal sem deixar vestígio algum, porque é como um seundo batismo que reitui à vida espiritual e sobrenatural, a pureza e a santidade. Quem nos objeta os pecados do povo católico sem se referir a sua penitência e contrição, procede como o espírito das trevas que, conforme a palavra do Espírito Santo, acusa os filhos da Igreja dia e noite diante de nosso Deus. Mas os céus se alegram ao ver que o falso acusador foi lançado no abismo.

Pode pois a Igreja conservar sempre a pureza porque lava sempre suas vestes no Sangue do Cordeiro de Deus. Pela fé que nunca enfraquece, a Igreja sempre procura o rio purificador de Cristo que tira o pecado do mundo. A pureza que a Igreja renova a cada instante, é pois a mesma que ela recebeu no dia em que nasceu

do lado de Cristo, aberto na cruz, e a atividade incessante da graça divina contém êste resultado. Não permitirá Cristo que sua Igreja envelheça, que receba alguma mancha ou alguma ruga, porque nunca ela verá a corrupção ou a decomposição, mesmo quando seus filhos cometem o pecado grave. Essa impureza logo é purificada pelo sacramento. A justiça dos Santos é a veste da Igreja, e os esforços continuos das almas para se livrarem do pecado e para alcançarem a santidade, reparam todo o mal que o pecado causou.

- 5) *Com que direito a Igreja de Roma arroga a si o nome de Igreja Católica, isto é, de Igreja Universal, pois que a maioria da humanidade não professa a religião católica?*

E' sem dúvida a universalidade uma das notas essenciais da Igreja de Cristo, porque foi fundada para abranger todos os homens. Podemos dizer também que a Igreja Católica já se espalhou pelo mundo inteiro. Mas que catolicidade Cristo prometeu à sua Igreja? Mandou que todos os homens entrassem em sua Igreja. E' claro, porém, que todos os povos seriam chamados gradativamente, para sua Igreja, e isto devido às condições geográficas e históricas, pois que Cristo disse a seus Apóstolos: "Recebereis a virtude do Espírito Santo, que descerá sôbre vós, e me sereis testemunhas em Jerusalém e na Samaria, e até às extremidades da terra". Profetizou ainda que a catolicidade da Igreja não seria absoluta de modo que cada membro da humanidade fôsse obrigado a entrar na Igreja Católica.

A universalidade da Igreja deve ser concebida moral e relativamente: pois a Igreja é, no dizer de Cristo, o "pequenino rebanho", ao passo que a grande multidão é o mundo que não quis receber o Redentor, como êle mesmo o disse na véspera de sua morte.

A Igreja é universal, porque recebeu a missão de pregar o Evangelho a todos os povos da terra, quando as circunstâncias o permitissem. A Igreja penetrou, pouco a pouco, em tôdas as partes do mundo, e em seu seio se encontra maior número de súditos do que em qualquer outra religião. A celeridade admirável com que ela se espalhou nos primeiros séculos, é um fato maravilhoso, que os sábios até hoje não puderam explicar, se admitirem apenas fatores naturais.

Consultemos as estatísticas. Em 1932 havia cerca de 239 milhões de maometanos. Mas poderemos comparar o maometismo, o Islamismo com o Catolicismo? De forma alguma. Maomé ganhou seus adeptos com a espada, não com a cruz: concedeu-lhes o divórcio, a poligamia e prometeu-lhes o paraíso, se com armas estendessem o Islã. Este Islã está dividido em mais de 70 seitas e nunca tentou pregar sua fé no Ocidente.

Quanto aos Ortodoxos, estes estão igualmente divididos, e nunca pretenderam missionar os outros povos para que sua religião seja universal. A divisão no protestantismo é proverbial, mesmo nos países em que há igrejas nacionais, e há apenas um século que se deram ao trabalho de converter os povos pagãos.

Como, porém, explicar que a Igreja após quase vinte séculos não tenha convertido tão grande multidão de pagãos? Mas que são mil anos para Deus? Não disse o Apóstolo que mil anos são para Deus como um só dia? E quem sabe o que o futuro pode trazer? Além disso, as forças humanas contra a Igreja Católica são poderosas, as paixões do homem tolhem a ação católica, e são muitas as exigências que a religião católica faz.

Diremos agora que o Sangue de Cristo tenha sido derramado em vão para a maioria da humanidade? Não, porque fora da Igreja visível este Sangue chama a todo e qualquer homem. Todo o homem recebe a graça suficiente para se salvar, e esta graça corre por canais que ignoramos. Uma multidão de criaturas humanas ouve o eco da mensagem católica, e grande parte da doutrina católica é observada por homens que abandonaram a comunhão com a Igreja Católica. Além disso são inúmeras as massas que estão unidas à Igreja pela boa fé. E Nosso Senhor ama também essas "outras ovelhas" que não serão condenadas por sua ignorância inculpável. A sorte dessas almas está nas mãos de Deus que quer a salvação de todos. Mas os que já entraram na Igreja de Cristo devem fazer todos os esforços para estender o seu reino e reconduzir as ovelhas desgarradas ao aprisco de Deus.

6) *Tem a Igreja, além da pregação, outros meios para ganhar os povos para Cristo?*

Sem dúvida. No santo Sacrifício da Missa o sacerdote reza antes da comunhão em nome da Igreja a bela

oração: “Senhor Jesus Cristo, que dissestes a vossos Apóstolos: Eu vos deixo a paz, Eu vos dou a minha paz, não olheis para os meus pecados mas para a fé de vossa Igreja, e concedei-lhe a paz e a união, segundo Vossa Vontade”.

Há no mundo outra Igreja que reza todos os dias pela paz e união de todos os homens? As seitas protestantes já tantas vezes repetiram que a Igreja Católica não quer unir-se às outras Igrejas cristãs. Mas ela não pode unir-se às Igrejas dissidentes, porque não pode sacrificar a verdade cristã que recebeu dos Apóstolos. No entanto reza todos os dias pela voz de milhares de sacerdotes, na Missa, apoiando-se na fé, e pede a paz e a união que Cristo prometeu em primeiro lugar aos católicos, e depois também para todos os que estão separados de nós, para as ovelhas desgarradas. É a fé um tesouro que o sacerdote pode haurir sem cessar: esta fé confessa o reino de paz de seu Mestre, quando éste vier com glória para julgar os vivos e os mortos. Eis o consôlo dos fiéis: Cristo virá, e seu reino é paz. Para obter esta paz a Igreja reza continuamente, porque deseja ansiosamente que a palavra de Cristo, que prometeu a paz e a união, se cumpra quanto antes, pois que, conforme as palavras de S. Paulo, há um só Senhor, uma só fé, um só batismo, uma só esperança, para a qual todos são chamados.

Um professor luterano de história repetia continuamente a seus alunos, que desprezassem os demais povos. Mas não podia deixar de apontar a união que deve haver entre os povos. Certo dia disse: “Meus amigos, vejo em todos os movimentos para a união das Igrejas uma tendência e inclinação para a de Roma. Vejo na história uma linha que, pouco e pouco, e com toda a certeza, terminará em Roma: e se não me engano, após algum tempo, talvez após cem anos, tudo estará unido novamente em Roma. Roma trabalha com uma força que a inteligência humana não pode compreender; e Roma é a única potência de “esperar”. Sim, a Igreja pode esperar, porque tem a promessa de não ser destruída, a promessa da imortalidade, e por isso reza todos os dias para que se realize o que Cristo pediu a seu Pai na véspera de sua morte: “Pai Santo, guarda em teu nome aqueles que Tu me deste, para que sejam um, assim como Nós”.

7) *Por que a Igreja Católica é perseguida em todos os tempos?*

São conhecidas as palavras de Caifás quando condenou Jesus Cristo: "Que necessidade temos de testemunha?" Escreve o célebre convertido Jorgerson: "A Igreja Católica tem o privilégio de possuir a verdade; mas todos os ataques que se dirigem contra ela sem cessar, provam também que ela tem o privilégio de ser perseguida". A Igreja é a esposa de Cristo, e assim como Cristo em sua vida terrestre foi objeto de perseguições até a morte, assim também a Igreja Católica será perseguida até o fim dos séculos. Por isso disse Nosso Senhor a seus discípulos: "Se êles (os judeus) chamaram Belzebug ao pai de família, quanto mais a seu domésticos". E ainda: "Se êles me perseguiram a Mim, também vos hão de perseguir a vós". E ainda: "Porque (meus discípulos) não são do mundo, o mundo os odiou". As perseguições incessantes que o mundo desencadeia continuamente contra a Igreja Católica provam que ela é a Igreja de Cristo.

Mas a Igreja sobreviveu a todos os seus perseguidores, e jamais será vencida nem destruída porque contra ela as portas do inferno, como disse Cristo, não prevalecerão. A Igreja Católica é a verdadeira Igreja de Cristo, e a verdade sempre triunfará. Escreveu José de Maistre: "A sorte da Igreja Católica é semelhante à da arca de Noé: foi elevada acima das águas do dilúvio de todos os tempos. Nos dias que correm o mundo está coberto de ruínas e de morte, mas a Igreja se eleva acima destas ruínas para cumprir sua divina missão".

8) *Será lícito dizer que, conforme a palavra da S. Escritura, a Igreja de Cristo gozará uma paz duradoura de mil anos antes do fim do mundo?*

Durante a vida terrestre de Cristo os judeus esperavam a vinda do Messias que reinaria entre êles com glória e para os cumular de felicidade material, ao mesmo tempo que subjugaria os demais povos da terra. Por isso não admitem alguns cristãos, convertidos do judaísmo, um reino glorioso de Cristo na terra antes do fim do mundo, e uma dupla ressurreição dos justos, sendo a primeira para êles gozarem, durante mil anos, sob o reino de Cristo na terra, uma felicidade temporal.

Esta doutrina é conhecida sob o nome de quiliasmo, palavra grega "chili" que significa mil. Apareceu sob duas formas: a primeira ensinava que os justos gozariam, naquele reino, durante mil anos, todos os prazeres sensuais; a segunda que gozariam prazeres lícitos. No princípio houve alguns autores cristãos que admitiram o quiliasmo moderado, mas desde o quarto século foi rejeitado pelos Santos Padres. Em nossos dias os Mormones, Batistas e Adventistas admitem ainda um quiliasmo crasso, e alguns protestantes modernos são de opinião que, antes do fim do mundo, a Igreja de Cristo gozará, durante séculos, um estado de paz e de felicidade, mais ou menos igual ao estado de nossos primeiros pais no paraíso terrestre. E' claro que esta doutrina, sob qualquer forma, contradiz a palavra de Cristo quando disse que sua Igreja será perseguida até o fim.

Para nós católicos, não pode haver a mínima dúvida a respeito da falsidade do quiliasmo depois da resposta que a Congregação do S. Offício deu, em 2 de julho de 1941, ao Arcebispo de Santiago (Chile): "O sistema do quiliasmo, ainda que mitigado, quer dizer, o que ensina que, segundo a revelação católica, Cristo Nosso Senhor, antes do juízo final, há de vir corporalmente a esta terra para reinar, seja com a ressurreição anterior de muitos justos, ou sem ela, não pode ser ensinada com segurança (*tuto doceri non potest*)".

Restu-nos desluzer o fundamento em que se apoiava esta doutrina. S. João escreve no Apocalipse: "Reinarão com Ele durante mil anos. E quando se completar êsse tempo, Satanás será solto de sua prisão, e sairá e seduzirá as nações", etc. Observamos que quase todo o Apocalipse é um livro simbólico, e portanto não é admissível que as palavras em que se apoia o quiliasmo possam ser explicadas em sentido próprio e literal. S. João quer dizer que Cristo, tendo vencido o poder do inferno pela sua morte na cruz, ligou Satanás, em outras palavras, limitou seu domínio sobre o gênero humano, durante mil anos, isto é, durante longo tempo, até o fim do mundo, e quando terminado êsse tempo, virão a ressurreição e o juízo final.

9) *Como responderemos a um folheto protestante "Modificações e acréscimos na religião cristã" dirigido sobretudo contra a Igreja Católica?*

Como são várias as objeções feitas neste folheto, nossa defesa será bem extensa.

1/Diz o folheto que tôda a doutrina de Cristo está registrada nos Evangelhos, escritos por S. Mateus, S. Marcos, S. Lucas, S. João e S. Paulo.

E' uma nova descoberta do compositor do folheto, pois até agora nada sabíamos dum Evangelho de S. Paulo, sabemos sim que êste Apóstolo escreveu várias Epístolas.

Outra inverdade é que tôda a doutrina de Cristo se acha nos Evangelhos. Certo é que o divino Redentor nunca escreveu nem mandou a seus discípulos que escrevessem a doutrina que Ele lhes prégara: mandou-lhes somente que ensinassem e prégassem sua doutrina por tôda a parte, acrescentando que todos os homens deviam acobardar-se sob pena de condenação eterna. Por isso os Apóstolos nunca escreveram "ex-professo" como executando um officio próprio e especial, e nem todos os Apóstolos escreveram o Evangelho, embora todos tenham cumprido fielmente o officio que receberam do divino Mestre. Os outros Apóstolos que nos deixaram alguns escritos, o fizeram quase por acaso, não com a intenção de escrever tôda a doutrina de Cristo, mas somente com o fim de inculcar e explicar alguma verdade ou para satisfazer aos pedidos e instâncias dos fiéis de algumas Igrejas, como referem os antigos escritores eclesiásticos. Ora, todo êsse proceder de Cristo e dos Apóstolos dá a entender que muitas verdades reveladas de Cristo foram transmitidas só oralmente, o que aliás a própria S. Escritura diz expressamente.

Os próprios Apóstolos testemunham, mais de uma vez em seus escritos, tradições orais que não se encontram nos Evangelhos, e que merecem igualmente tôda a fé, todo o respeito e veneração, e que portanto devem ser admitidas como verdades divinas. Escreve S. Paulo aos fiéis de Tessalônica: "Conservai as tradições que aprendestes ou por nossas palavras ou por nossa carta". A seu discípulo o mesmo Apóstolo escreve: "O que ouviste de mim, diante de muitas testemunhas, confia-o a homens fiéis que sejam capazes de instruir os outros".

Os mais antigos Concílios da Cristandade apoiavam-se na Tradição, e todos os Santos Padres e Doutores da Igreja admitiam-na como absolutamente necessária. Por isso declara S. Agostinho: "Da Tradição Apóstolica nos chegaram muitas verdades que não se encontram na S. Escritura, mas devemos admiti-las porque nos foram transmitidas desde os tempos apostólicos".

Mas, comentando o folheto protestante, a que nos referimos, se os Evangelhos têm a doutrina completa de Cristo, segue-se que também essa afirmação protestante deve se encontrar neles. Ora, em parte alguma dos Evangelhos ou dos outros livros inspirados da Bíblia se encontra tal afirmação: como então aceitar uma coisa que não está na Bíblia? Não é estar em contradição com o que afirma? Há mais ainda.

O folheto protestante acusa a S. Escritura que recomenda a conservação das Tradições orais. E por isso S. Paulo exhortou seu discípulo Timóteo que conservasse o depósito da Tradição afim de evitar novidades profanas de palavras e as contradições duma ciência de falso nome, pela qual alguns se desviaram da verdadeira fé. E S. Pedro, prevendo esse perigo, queixava-se igualmente daqueles que, por serem indoutos e inconstantes na fé, adulteram a palavra inspirada da Bíblia para sua própria condenação. Eis a razão por que o protestantismo deu à luz centenas de seitas.

2/Diz o folheto protestante que a religião pura e santa de Jesus Cristo foi ensinada durante dois séculos, mais ou menos, sem modificação nem acréscimo, tal qual como se acha nos Evangelhos; mas daí por diante muitas doutrinas novas e cerimônias foram aparecendo na Igreja Católica, ao passo que a Igreja Evangélica conserva inalterável a doutrina.

Para refutarmos o que afirma o folheto protestante, faremos primeiro das cerimônias que foram mudadas pela Igreja Católica. Quem compôs este folheto parece ter sido um homem de muita ignorância e de má-fé. Para ele a verdade revelada e as cerimônias do culto estão no mesmo plano, e o valor de ambas é o mesmo. Esqueceu-se de que a verdade revelada é essencialmente imutável, ao passo que as cerimônias são atos externos com que se celebra o culto, e por isso podem ser modificados ou substituídos por outros, conforme o tempo, os costumes dos povos, a necessidade etc. Afirma o autor do folheto que nos primeiros dois séculos as cerimônias da Igreja não foram modificadas. Poderá ele provar o que afirma? Leia os historiadores que escreveram sobre esses séculos, e verá que as cerimônias pelas quais foram administrados os sacramentos e celebrado o santo sacrifício da Missa, foram mudadas, aumentadas, etc.

Poderia o nosso adversário ler com grande fruto as obras do erudito historiador francês Batifol, cuja argumentação cerrada sobre este ponto mais de uma vez in-

pôs silêncio ao mais douto teólogo protestante Dr. Harnack que afirmava o mesmo que diz o folheto protestante.

Perguntamos-lhe: Referem-nos os Evangelhos as cerimônias com que devem ser administrados os sacramentos do batismo, da confissão, e deve ser celebrado o santo sacrificio da Missa? Sobre estas cerimônias os Evangelhos guardam um silêncio absoluto, porque Cristo deixou à sua Igreja, conforme a palavra do Evangelho de S. João, todo o poder que Cristo recebeu de seu Pai, e por isso também o poder de instituir e modificar as cerimônias do culto.

O protestantismo combate tôdas as cerimônias do culto, dizendo que Deus deve ser adorado em espirito e em verdade, e por isso devem elas ser abolidas. É pena que o protestantismo não tenha aparecido mais cedo, antes de Cristo, para avisar o profeta Moisés que por ordem divina publicou as cerimônias do culto do Antigo Testamento! Este espirito e esta verdade com que as seitas protestantes adoram a Deus, se manifesta por tôda a parte pela frieza de seus templos e casas de oração, templos e casas sem altares, sem ornamentos, sem obras de arte, sem imagens: daí também tantas queixas de inúmeros protestantes, e tantas conversões de protestantes para a Igreja Católica.

Outra afirmação falsa do folheto é que a Igreja Católica após dois séculos do cristianismo tenha alterado a doutrina de Cristo em muitos pontos e a tenha substituído por outra, ao passo que a Igreja Evangélica seguiu sempre a antiga religião de Cristo sem modificação ou acréscimo.

É preciso ser homem de cara dura e de extremo atrevimento para publicar esta inverdade, pois é sabido de todos que o protestantismo data apenas do século XVI, e já logo nos primeiros tempos de sua aparição na Europa começou a cindir-se em várias seitas, e até hoje continua êste mesmo processo de divisão dentro das próprias seitas, ao passo que a unidade da Igreja Católica, quanto à sua doutrina, causa admiração aos que estão fora dela, e isso tem sido um estímulo para grande número de protestantes a voltar à Igreja Católica, à Igreja-Mãe.

Nós, porém, afirmamos e provaremos que a Igreja Católica nunca, durante os dezenove séculos de sua existência, modificou a sua doutrina religiosa, mas conservou sempre a verdadeira religião de Cristo. Observamos, porém, primeiro que embora o dogma de fé, como

qualquer outra verdade, seja imutável, todavia esta imutabilidade não é incompatível com algum progresso. Este progresso nos dogmas é o desenvolvimento dos princípios que foram ensinados por Cristo. Um exemplo: A Igreja definiu em três Concílios ecumênicos sucessivos que “em Cristo há uma só pessoa com duas naturezas e duas vontades”. Ora estas definições são apenas o desenvolvimento lógico de uma e mesma verdade — Cristo é Deus e homem — que na sua forma primitiva foi conhecida e ensinada desde o princípio da Igreja.

Pelos Concílios foi declarado que em Cristo há duas naturezas e duas vontades, divina e humana, o que não estava declarado expressamente nos Evangelhos, mas somente indiretamente.

De fato, na Revelação divina há várias verdades que desde o princípio do Cristianismo foram expressa e formalmente propostas à crença dos fiéis: há outras, porém, não tão explicitamente propostas, mas que segundo os desígnios de Deus, tornaram-se mais claras no correr dos tempos. Geralmente passam elas por três fases

Na primeira fase passam como despercebidas, ou porque são em si profundas, escapando sua conexão com as verdades reveladas já bem conhecidas, ou devido à natural incapacidade do espírito humano de cuidar de muitas coisas ao mesmo tempo. Na segunda fase, porém, começam a despertar a atenção, e então são pregadas e ensinadas como novo alimento aos fiéis, até que na terceira fase sejam elevadas a dogmas de fé pela autoridade da Igreja, a coluna da verdade, que declara, desde o princípio, encerradas na Revelação. Assim se explica como os dogmas da Imaculada Conceição da Mãe de Deus e a Infalibilidade do Sumo Pontífice foram declarados como verdades de fé cristã, verdades reveladas, embora já antes se encontrassem na S. Escritura e na Tradição.

E', pois, claro que neste caso não se pode falar de modificação ou alteração da verdade revelada, nem de acréscimo de algum ponto de Fé cristã; nem se pode dizer que a Igreja deixou a antiga fé ou religião de Cristo; é simplesmente um desenvolvimento natural da verdade que nos foi revelada por Cristo. Por isso, todos os teólogos seguem a doutrina de S. Vicente de Lerins, que escreve: “E' mister que a religião das almas se assemelhe à vida dos corpos, que com o correr dos anos se desenvolvem e dilatam seus membros, sem, contudo, deixarem de ser os mesmos corpos. Convém que o

dogma da religião cristã siga as leis do progresso, que se robusteça com os anos, que se dilate com o tempo, que melhore com a idade, conservando-se contudo, refratário à tóda a corrupção e impureza. E' preciso que se complete e aperfeiçoe em tódas as proporções de suas partes, e para assim dizer, em todos os seus membros e órgãos particulares. Além disso é preciso que não se introduza qualquer modificação ou mudança, que nada se perca do que lhe pertence, nem se dê lugar a qualquer modificação do que foi determinado". Após esta explicação será mais fácil compreender a falsidade de tudo que o folheto protestante nos objeta contra a imutabilidade da doutrina católica.

1/Alega o folheto protestante, que o officio da Missa foi composto pelo Papa Gregório alguns séculos depois de Cristo. E a Missa em latim, afirma o mesmo folheto, foi ordenada pelo Papa Vitálio mais de seis séculos depois de Cristo.

Mas os evangelhos nos referem que na Quinta-feira Santa Nosso Senhor celebrou o sacrificio da Missa, e os Apóstolos, obedientes à ordem de Cristo, começaram a celebrar este mesmo sacrificio depois de Pentecostes. O exemplo do Cristo era para elles a regra que deviam seguir. Observamos, pois, fielmente tudo o que Cristo tinha feito na celebração do sacrificio do novo Testamento. Mas observamos ainda outras cerimônias, conforme a vontade divina, e inspirados pelo Espirito Santo: essas cerimônias eram leituras, instruções, orações conforme as circunstâncias do tempo e do lugar, e aos Apóstolos competia fazê-las, porque estavam revestidos do poder de Cristo. E como elles estavam espalhados pelo mundo, longe um do outro, cada um d'elles organizou o officio da Missa conforme as necessidades dos fiéis. Desta forma nasceram várias liturgias, mas que, quanto aos pontos essenciaes, concordavam plenamente.

No Occidente o número das liturgias foi bem menor do que no Oriente. Entre as liturgias do Occidente destacava-se, desde o principio, a liturgia romana, que pouco a pouco foi preferida às outras, e hoje é observada quase no mundo inteiro. Já o Papa Inocência (402-417) disse que esta liturgia foi introduzida por S. Pedro. Com que direito, pois o protestante pode dizer que o Papa Gregório I compôs o officio da Missa 600 anos depois de Cristo? E se a Missa desde o principio foi celebrada em Roma em latim, como o protestante pode dizer que o Papa Vitálio mandou que a Missa fôsse celebrada nessa

língua? Nesse folheto há uma confusão indizível. A Igreja não conhece um Papa de nome Vitálio, mas sim de nome Vitaliano. Quanto ao Papa S. Gregório I, êste não compôs o officio da Missa, mas um dos sacramentários, em que se encontram as cerimônias mais antigas para a celebração da Missa.

2/Alega ainda o folheto protestante que a invocação da Virgem Maria e dos Santos foi estabelecida pelo Concilio de Constantinopla, 754 anos depois de Cristo.

Para refutar esta afirmação, poderíamos remeter ao leitor o artigo sôbre o culto de Maria na Igreja Católica, no capítulo sôbre Maria Santissima, pág. E' o próprio Deus que nos exhorta a venerar a S. virgem, pois que mandou o Arcanjo Gabriel saudá-la com as palavras: "Ave, cheia de graça". S. Isabel, prima de Maria, cheia do Espírito Santo, como diz o Evangelho, recebeu a santa Virgem em sua casa com tôda a veneração e exclamou: "Benditda sois entre as mulheres". O próprio Filho de Deus humanado prestou a Maria obediência filial durante trinta anos, a seu pedido fêz o primeiro milagre, e na cruz a proclamou Mae espiritual de todo gênero humano regenerado.

Além disto, os mais antigos monumentos que nos foram conservados, provam que o culto a S. Virgem foi celebrado públicamente já nos primeiros séculos, e que em sua honra foram feitas preces litúrgicas. Nas catacumbas de Roma que datam do segundo e terceiro século, Maria é representada em várias pinturas, ela sentada e as demais pessoas de pé em redor. Havia inúmeros templos que lhe eram dedicados, como a igreja chamada Santa Maria Antiga, construída por ordem do Papa S. Silvestre (314-135) e a igreja de Santa Maria Maior, construída sob o pontificado de Sixto II em 440 Desde o quarto século foram celebradas festas em honra de Maria, assim como os Santos Padres e Doutores da Igreja antiga louvaram em seus escritos e sermões a Mãe de Deus, dirigindo a ela suas preces.

Afinal no Concilio Ecumênico de Efeso foi declarado como dogma de fé que Maria deve ser chamada Mãe de Deus; desde então todo o mundo cristão celebra os louvores de Maria e invoca a sua intercessão. Que resta pois da afirmação do folheto protestante sôbre a invocação da santa Virgem, estabelecida 754 anos depois de Cristo?

O mesmo se deve dizer da afirmação que o culto dos Santos data de 754 depois de Cristo. E' um fato his-

tórico que desde os primeiros séculos havia na Igreja o culto dos Mártires. Julgamos supérfluo dar as provas dêste fato, porque só quem não quer ler ou compreender, pode negar esta verdade. Se o protestante quer convencer-se disto, procure as antigas catacumbas de Roma, onde a cada passo encontrará os vestígios do culto dos Santos Mártires desde o primeiro século do Cristianismo.

3) Afirma o folheto protestante que o culto das imagens dos Santos foi decretado pelo segundo Concílio de Nicéia, 1074 anos depois de Cristo.

Já sabemos que nas catacumbas de Roma desde os tempos mais remotos havia pinturas de Maria, dos Mártires e de outros Santos. Ao que parece, o protestante se refere a um sínodo ilegítimo, celebrado em 754. Vejamos a história.

No Oriente, o Imperador Leão III, homem bárbaro, iniciou em 724 a luta contra o culto das imagens dos Santos nas igrejas, culto que já existia, havia vários séculos. Levantaram-se contra o Imperador o Papa Gregório II e S. João Damasceno, Doutor da Igreja. Coprônimo, filho do Imperador e mais cruel do que seu pai, convocou em Constantinopla um sínodo que se reuniu em 754, e bom número de Prelados, por medo de serem condenados à morte, compareceram a êste sínodo, convocado contra todos os direitos da Igreja. Ora, nêste sínodo, ao qual se refere o protestante, aliás ilegítimo, convocado por um leigo, por um tirano, foi declarado que o culto das imagens é obra diabólica.

Alguns anos depois a Imperatriz Irene, com aprovação do Papa Adriano I, convocou o segundo Concílio de Nicéia, e neste Concílio foram condenadas tôdas as decisões ímpias do ilegítimo sínodo de Constantinopla, declarando ainda que sua intenção era restabelecer a antiga prática que desde o princípio se observou na Igreja e foi aprovada pelos Santos Padres. Portanto foram declarados culpados os inovadores que condenavam o culto das imagens. Como, pois, explicar que o folheto protestante ousa referir-se a tal fato histórico que prova o culto das imagens dos Santos? Será ignorância ou malícia? Certo é que geralmente os protestantes combatem a Igreja Católica com inverdades e mentiras.

4) Citam ainda o folheto que o casamento dos padres foi proibido pelo Papa S. Gregório VII em 1074.

Aqui há outra vêz uma inverdade histórica ou uma completa ignorância da história. Nos primeiros séculos

da Igreja o celibato dos sacerdotes não era exigido, embora fôsse observado pela maioria dos ministros do altar. Nem todos os Apóstolos observaram o estado de virgindade, embora S. Paulo desejasse que todos fôsem virgens como êle. Nem Nosso Senhor nem a Igreja exigiram desde o princípio que o sacerdote fôsse celibatário, porque era impossível encontrar naquele tempo número suficiente de solteiros para o ministério sacerdotal. Não obstante isso, a maioria do clero renunciava voluntariamente à vida conjugal. Só em 300 foi promulgado pela primeira vêz, no Sínodo de Elvira, o preceito formal do celibato para o sacerdote, preceito que pouco a pouco se estendeu a tôda a Igreja Ocidental. Infelizmente o século XI foi um período de relaxamento universal quanto ao celibato do sacerdote, sendo violado por grande número dêles, como no tempo de Lutero. Dessa situação o protestantismo soube tirar proveito, constituindo-os como propagandistas de tal reforma protestante. Mas voltemos para o século XI, ao qual se refere o folheto protestante. Naquela época de relaxamento Deus suscitou o imortal Papa Gregório VII que, com energia invencível, soube reformar o clero, reconduzindo-o a respeitar a antiga lei do celibato.

5) Diz mais o folheto protestante que foi definitivamente estabelecida como doutrina pelo quarto Concílio de Latrão a confissão ao padre, em Roma, 1215 anos depois de Cristo.

Já inúmeras vêzes esta inverdade tem sido refutada, e não obstante isso alguns protestantes continuam a repetir esta mentira, convencidos de que ela não deixará de iludir algumas pessoas ingênuas. Desde o princípio a Igreja ensinou que todos os fiéis que cometessem um pecado grave, seriam obrigados a confessá-lo ao sacerdote em virtude do preceito divino, impôsto pelo próprio Cristo. O preceito da confissão é tão antigo como a Igreja. Cristo, porém, não determinou o tempo em que os fiéis devem confessar-se, nem a Igreja o determinou nos primeiros séculos, o que não era necessário, porque os fiéis depois da queda procuravam logo confessar-se.

Nos séculos posteriores, porém, começaram os fiéis a descuidar-se do preceito divino da confissão, e para pôr fim a êsse relaxamento, a Igreja resolveu usar o poder

que recebeu de seu Fundador, promulgando no Concílio de Latrão em 1215 o preceito que obrigava os fiéis a se confessar ao menos uma vez por ano. Não instituiu o preceito da confissão, mas inculcou e explicou de modo claro a obrigação dêsse sacramento ao menos uma vez por ano.

Para bem explicar o preceito do Concílio de Latrão sirva o seguinte: Suponhamos que o governo federal decreta o seguinte: "Todos os impostos federais devem ser pagos doravante no primeiro dia de Maio".

Será licito dizer que por causa dêsse decreto o governo federal do Brasil introduziu em 1944 o impôsto? Assim também a Igreja, mandando a todos os fiéis que se confessem uma vez por ano, não instituiu nessa ocasião a confissão; pelo contrário, êste preceito supõe já a sua existência.

6) Diz o folheto protestante que o uso dos rosários appareceu com Pedro Eremita, 1090 depois de Cristo, que a doutrina da Nôssa transformada no Corpo de Cristo foi estabelecida em Roma, 1215 depois de Cristo; que a prohibição da leitura da Bíblia foi feita 1229 depois de Cristo; que a oração da Ave Maria foi ordenada pelo Papa João XXII, 1217 depois de Cristo; que a procissão S.S. Sacramento começou 1300 anos depois de Cristo; que Nosso Senhor deixou só dois sacramentos, e que os outros cinco foram confirmados pelo Concílio de Trento, 1563 anos depois de Cristo; e afinal que o Concílio do Vaticano declarou que o Papa é infalível, 1870 anos depois de Cristo.

Responderemos à esta longa série de disparates e inverdades históricas e calúnias? O leitor já sabe quanta falta de bom senso, de sinceridade e honestidade há em nossos adversários quando tratam de nos combater. Deixaremos de responder aos últimos disparates do folheto protestante, porque o leitor poderá encontrar a resposta em outros artigos. Com tais inverdades e disparates o nosso adversário procurou provar que a Igreja Católica tem admitido sempre alterações na doutrina e nas cerimônias! Quantos protestantes se converteram para a Igreja Católica, porque ficaram convencidos por estudo sério que a Igreja Católica sempre ensinou a mesma doutrina, revelada por Jesus Cristo.

As Igrejas protestantes sempre mudam a cada instante de doutrina, e por isso elas se desdobram continuamente em novas seitas, como o leitor poderá ver quando tratarmos do protestantismo.

10) *E' um dogma de nossa fé que fora da Igreja Católica o homem não se pode salvar; daí devemos concluir que os não-católicos se perderão infalivelmente?*

De forma alguma. Certo é que fora da Igreja de Cristo, isto é, fora da Igreja Católica ninguém se pode salvar. Esta verdade é consequência necessária de duas outras que a Igreja Católica definiu e professa. Se o homem, para se salvar, deve confessar a verdadeira religião, isto é, a religião de Cristo, a única verdadeira, e de outro lado esta religião é professada exclusivamente na Igreja Católica, devemos concluir que fora da Igreja Católica o homem não se pode salvar.

Estes princípios são tão claros e certos que várias confissões protestantes os admitiram. A confissão protestante helvética reza: "Não há salvação fora da Igreja, assim como não houve salvação fora da arca de Noé; se quisermos obter a vida eterna, não nos podemos separar da verdadeira Igreja de Jesus Cristo". Do mesmo modo falam as confissões protestantes saxônia, belga e escocesa. E o catecismo calvinista do século XVI reza: "Fora da Igreja há só condenados; todos os que se separam da comunhão dos fiéis, para formar uma seita desligada, não podem esperar a salvação enquanto ficarem separados". Com que direito, pois, podem os protestantes objetar contra a Igreja Católica o que eles mesmos devem admitir e foi declarado pelas suas antigas confissões?

Como a Igreja é verdadeiramente a Igreja de Cristo, segue-se disto que fora da Igreja Católica ninguém se pode salvar. Mas daí não segue que os não-católicos não se podem salvar. Porque o homem pode ser membro da Igreja de Cristo de vários modos: ou "em re", isto é, de fato, ou "in voto", isto é, pelo desejo. Se alguém de fato entrou na Igreja Católica, reconhecendo-a como a verdadeira Igreja de Cristo e submetendo-se a ela, é filho da Igreja Católica e se pode salvar. Mais ainda, se alguém tem o desejo explícito de reconhecer a Igreja de Cristo como a verdadeira, e se vê impedido de modo invencível de entrar nela, ou se tem o desejo implícito de entrar na verdadeira, mas ignora, sem culpa sua, qual seja ela, e não sabe distingui-la das seitas religiosas, poderá salvar-se.

Portanto o dogma da fé católica: "fora da Igreja Católica não há salvação", quer dizer: ninguém se pode sal-

var se por própria culpa morrer fora da Igreja Católica. Esta doutrina é defendida pela Igreja Católica, pelos Santos Padres e por todos os teólogos católicos. Por isso declarou o Pápio Pio IX: “Devemos admitir como verdade certa que os que sem culpa grave ignoram qual a verdadeira religião, não terão culpa perante Deus”, e portanto se podem salvar; condenar-se-ão somente os que por própria culpa grave morrem fora da verdadeira Igreja. Vejamos as razões.

E' certo que nenhuma lei obriga a consciência se não fôr promulgada, e a consciência está isenta de culpa se por ignorância inculpável ignora a lei. Por isso disse Cristo: “Quem não crê, será condenado”. A incredulidade, que traz consigo a condenação, supõe a lei já conhecida. Escreve S. Paulo: “Como invocarão, pois, Aquêlê em quem não creram (ainda)? Ou como crerão naquele de quem não ouviram falar? E como ouvirão, sem haver quem lhes pregue? E como pregarão êles se não forem enviados? Logo, a fé é pelo ouvido, e o ouvido, pela palavra de Cristo”. Portanto, o homem que segue a luz de sua razão e vive conforme o que julga de boa fé ser a verdade de Deus, não pode ser condenado, porque ao homem que faz o que pode fazer para se salvar, Deus não nega sua graça para que se salve. Portanto, todos os homens, os cismáticos, os protestantes, os judeus, os pagãos que não conhecem a verdadeira Igreja por ignorância inculpável, e que vivem conforme a luz da razão, observam a lei divina, ou a lei natural, adoram o verdadeiro Deus, fazem boas obras e, caso tenham caído em pecado mortal, têm contrição perfeita de seu pecado, podem salvar-se, porque têm a intenção de fazer tudo que Deus dêles exige para obter a salvação eterna.

Por isso os teólogos falam do corpo e da alma da Igreja. Fazem parte do corpo da Igreja Católica os que explicitamente confessam a religião católica; e fazem parte da alma da Igreja Católica os que não confessam explicitamente a religião católica por ignorância inculpável, contanto que tenham o desejo explícito ou implícito de fazer tudo o que Deus dêles exige; e dêste modo podem salvar-se, porque não morrem fora da Igreja Católica.

Pertencer, porém, ao corpo da Igreja é o meio normal ordenado por Deus para ser filho da Igreja, pois que o homem na Igreja Católica professa a verdadeira religião, recebe os sacramentos, instituídos por Cristo, e dêste modo sua salvação será mais fácil. Mas pela mi-

sericórdia de Deus qualquer outro homem pode chegar à salvação por um rodeio, se sem culpa grave ignora o caminho normal: e neste caso a boa fé o salvará. E', pois, bem fundamentada a doutrina da Igreja Católica, quando define que fora dela não há salvação.

Que diferença há entre os católicos e os protestantes?

Já sabemos do artigo precedente que o católico pode salvar-se mais facilmente. Mas há outra diferença entre o católico e o protestante. Quem vai responder a esta pergunta é um professor protestante que, há pouco tempo, escreveu num jornal: "A diferença entre os católicos e os protestantes não consiste em que aquêles tenham um culto mais desenvolvido do que nós, — e eu desejaria que os protestantes não tivessem rejeitado tão grandes tesouros; não consiste em que os católicos tenham em suas igrejas imagens e quadros que nos faltam, e eu desejaria que tivéssemos também artistas para os fabricar; não consiste em que os católicos tenham também a confissão que nós não temos, — e nosso tempo clama bem alto pela confissão; e se nós venerássemos mais os homens e as mulheres que se dedicaram a Deus, esta veneração nos poderia santificar a nós também. Não, tudo isto não é motivo para protestar, muito menos para os pastores mais instruídos. Ansiámos por um cristianismo católico, reconhecemos que no tesouro da Igreja Católica há muitas coisas de grande valor, muitas coisas que nós temos rejeitado numa reação compreensível, porém, lamentável. Digamos, pois, como disse também Goethe, que não protestamos com prazer".

VIII. O PAPADO

† Livros Católicos para Download



VIII. O PAPADO

1) *Quem instituiu o Papado ?*

O Papado está firme e inabalável, não obstante mil dificuldades e perseguições durante quase vinte séculos, pelo que devemos concluir que é de instituição divina. Uma sociedade que tantos séculos pôde resistir a tôdas as potências do mundo, que no dizer do historiador inglês Macaulay, sobreviveu e sobreviverá à derrocada de tantos reinos, e desafia todos os golpes do tempo que abate tudo, deve ser necessariamente uma obra divina. Ele possui a promessa da immortalidade, porque ao primeiro Papa, Cristo disse: "Tu és Pedro, e sôbre esta pedra edificarei minha Igreja, e as portas do inferno não prevalecerão contra ela." E como a Igreja de Cristo é imortal e está fundada sôbre seu Chefe, o Papado é igualmente imortal: ora só o que é divino na terra é imortal.

O Papado, é, portanto, de origem divina. Declarou o Concílio do Vaticano: "Ensinamos e declaramos que, conforme os testemunhos do Evangelho, o Primado de jurisdição, faculdade de aplicar leis e de corrigir os que as quebrantarem, sôbre a Igreja universal de Deus, foi prometido e conferido imediata e diretamente por Cristo, o Senhor, ao Bemaventurado Apóstolo Pedro. Ao mesmo Simão, a quem dissera Cristo: "Tu serás chamado Cefas" (o que quer dizer Pedro), depois que êste fêz sua confissão: "Tu és o Cristo, o Filho de Deus vivo", o Senhor lhe dirigiu estas palavras solenes: "Bemaventurado és Simão, filho de João; porque não foi a carne nem o sangue que t'o revelou, mas meu Pai que estás nos céus. E Eu te digo que tu és Pedro, e sôbre esta pedra edificarei a minha Igreja, e as portas do inferno não prevalecerão contra ela. E Eu te darei as chaves do reino dos céus; e tudo que ligares sôbre a terra, será ligado também nos céus, e tudo o que desligares na terra, será desligado também nos céus."

Ora, a êste mesmo Pedro o Senhor conferiu após sua ressurreição a jurisdição de Sumo Pastor e Chefe

sôbre seu rebanho, dizendo: "Apascenta os meus cordeiros, apascenta as minhas ovelhas."

Esta é a doutrina clara da S. Escritura, como a Igreja sempre entendeu. Se pois alguém disser que o Bemaventurado Apóstolo Pedro não foi constituído por Nosso Senhor como príncipe de todos os Apóstolos e chefe visível de tôda a Igreja milibante, que êste Apóstolo recebeu de Nosso Senhor Jesus Cristo direta e imediatamente apenas o principado de honra, mas não de verdadeira jurisdição, seja anátema."

Acrescenta a Constituição dogmática do mesmo Concílio:

"O Apostólico Primado (conferido a S. Pedro), que o Pontífice Romano como sucessor de Pedro, príncipe dos Apóstolos, obtém sôbre a Igreja univensal, abrange também o supremo poder de magistério, como sempre afirmou esta Santa Sé, como comprova o perpétuo uso da Igreja e como os Concílios universais declararam, de modo especial os Concílios, nos quais o Oriente concordou com o Ocidente na união da fé e da caridade." Após ter citado várias declarações dêsses Concílios a Constituição dogmática do Concílio do Vaticano conclui: "Também os veneráveis Padres abraçaram esta doutrina apostólica, assim como os Santos Doutores ortodoxos (no verdadeiro sentido da palavra) a veneraram e seguiram, porque sabiam plenamente que esta Sé de S. Pedro ficou sempre ilibada de todo o êrro, conforme a divina promessa que o Senhor Salvador Nosso fêz ao príncipe de seus discípulos: "Eu roguei por ti, Pedro, para que tua fé não falte; e tu, uma vez convertido, confirma os teus irmãos."

"Por isso, Nós, inerindo à Tradição, que foi recebida desde o princípio da fé cristã, com a aprovação do Concílio, ensinamos e definimos como doutrina por Deus revelada, que o Romano Pontífice, quando fala ex-cátedra, isto é, quando, desempenhando seu cargo de pastor e de doutor de todos os cristãos, em virtude de sua suprema autoridade apostólica, define que uma doutrina relativa à fé ou aos costumes, deve ser seguida pela Igreja universal, goza plenamente, pela assistência divina, a êle prometida na pessoa do Bemaventurado Pedro, dessa infabilidade com que o Salvador quis dotar a sua Igreja a respeito da fé e dos costumes. Por conseguinte, estas doutrinas são imutáveis em si mesmas, e não por causa do consentimento da Igreja. Se alguém — queira

Deus que tal não suceda — tiver o atrevimento de contradizer esta nossa definição, seja anátema”.

Copiamos aqui as palavras do Catecismo Romano, publicado por um decreto do Concílio de Trento, que contém, sem a menor sombra de êrro, a doutrina comum da Igreja: “Acima de todos os Bispos, a Igreja Católica sempre colocou e venerou como supremo pastor o Pontífice Romano, a quem S. Cirilo de Alexandria, no Concílio de Efeso, chamava arcebispo, pai e patriarca de todo o mundo. Pois é sabido que êle ocupa a cadeira de S. Pedro, príncipe dos Apóstolos, que nela permanecerá até à morte. Por essa razão a Igreja reconhece nêle o primado de honra e uma jurisdição universal, que não lhe foi outorgado, nem pelos Concílios, nem por deliberações humanas, mas comunicada por Deus. Pertence-lhe o govêrno de tôda a Igreja, como sucessor de S. Pedro, como verdadeiro e legítimo vigário de Jesus Cristo.”

Veremos agora que as objeções dos protestantes contra o Primado do Sumo Pontífice não têm valor algum.

- 2) *Se S. Pedro foi constituído príncipe dos Apóstolos e Chefe da Igreja, como Nosso Senhor pôde dar aos demais Apóstolos o mesmo poder que conferiu a S. Pedro ?*

Sem dúvida, Cristo disse também aos demais Apóstolos as palavras que dirigira a Pedro: “Tudo que vós ligardes na terra será ligado nos céus, e tudo que vós desligardes na terra será desligado nos céus.” Mas Cristo escolheu a Pedro também para ser a pedra, o fundamento de sua Igreja, deu-lhe as chaves do reino dos céus, o que não deu aos demais Apóstolos. Daí segue que os demais Apóstolos receberam o poder de ligar e desligar, porém, não do mesmo modo que Pedro. Êle foi o primeiro e único que recebeu o poder pleno e sem restrição, e exercerá seu poder também sôbre os demais. Apóstolos, ao passo que êstes poderão exercer seu poder secundariamente e sob a direção de Pedro. Escreve Bossuet: “Era intenção evidente de Cristo dar primeiro a um só o que depois havia de estender a vários outros: mas o posterior não invalida o primeiro, e o primeiro não perde seu lugar.”

As promessas assim como os dons de Cristo não sofrem revogação, e o que foi concedido de vez e universalmente, é de natureza irrevogável; além disso o poder, dado a vários, importa restrição, originada da partilha; não assim o poder outorgado a um só sobre todos e sem restrição, o qual supõe plenitude. Se, pois, Cristo se dirigiu só a Pedro em presença dos outros Apóstolos, prometendo-lhe ser o fundamento da Igreja e dar-lhe as chaves dos céus, como os protestantes podem afirmar que Cristo jamais falou que Pedro não era mais elevado do que os outros Apóstolos?

Dizem ainda alguns protestantes que Cristo se dirigiu aos Apóstolos na última cêia, quando entre êles se levantou a questão qual dêles se devia considerar o maior. Repreendeu-os Cristo, dizendo que o maior perante Deus seria quem se fizesse o menor pela humildade. O Cristo mesmo estava no meio dêles como o que serve. Mas por que Cristo estava no meio dêles como o servo dos Apóstolos, Ele deixava de ter o maior poder sobre êles? Assim também, embora Pedro tivesse a promessa do Principado na Igreja, devia, não obstante isso, a exemplo do divino Mestre praticar a humildade.

Não será possível que os superiores, os pais, os reis, pratiquem a humildade, virtude necessária para entrar no céu? Também os Papas, lembrando-se desta advertência de Cristo, em vários documentos se intitulam o "Servo dos servos."

— Referem-se ainda os protestantes às palavras de S. Paulo que a grande família de Deus está edificada sobre o fundamento dos Apóstolos e dos Profetas, sendo Cristo a pedra angular. Observamos, porém, que o Apóstolo trata dos dois Testamentos, o Antigo, a Igreja de Deus e preparação, e o Novo, a nova Igreja perfeita.

Os profetas prepararam o mundo para o Evangelho, para a nossa Igreja perfeita, e os Apóstolos fundaram a nova Igreja pela pregação, sendo êles, porém, subordinados ao primado de Pedro, e êste por sua vez subordinado a Cristo; porque após sua ascensão ao céu, o Chefe da Igreja se tornou invisível na terra, pelo que Pedro e seus sucessores deviam ser os Chefes visíveis da Igreja militante. Não há portanto nas palavras de S. Paulo nenhuma contradição com a doutrina da Igreja que afirma que Pedro e todos seus sucessores são a pedra sobre a qual Cristo construiu sua Igreja, dando-lhes o primado sobre os demais Apóstolos e sobre todos os Bispos.

Para completar esta exposição sôbre o primado do Sumo Pontífice observamos aqui que, embora os demais Apóstolos estivessem subordinados ao seu Chefe, S. Pedro, todavia após a vinda do Espírito Santo, no dia de Pentecostes, receberam com Pedro não sômente o dom de impecabilidade, mas também o da infalibilidade no ensino e pregação da Revelação, conforme a promessa de Cristo: “Eu rogarei ao Pai, e Ele vos dará o Espírito de verdade, que estará em vós, e Ele vos ensinará tôda a verdade.” Ambos êstes dons, porém, não passarão para os Bispos que são os sucessores dos demais Apóstolos, exceto o dom da infalibilidade quando êles ensinam a doutrina cristã, unidos com o Papa em Concílio Universal, ou quando espalhados pelo mundo, ensinam uma doutrina de fé ou moral, desde que estejam unidos ao Bispo universal, o Sumo Pontífice Romano.

- 3) *Será verdade o que dizem alguns protestantes, que o Papado foi criado em 607 por Bonifácio III, e que S. Gregório Magno rejeitou o título de Bispo universal?*

Quanto à primeira afirmação, é uma falsidade histórica e contrária à doutrina da Igreja que desde o princípio declarou que o sucessor de S. Pedro na sede episcopal de Roma é o Chefe universal da Cristandade. Diz ainda a história que Bonifácio III foi eleito Papa após uma vacância de poucos meses da Sé Apostólica, governou a Igreja com sabedoria e relativa paz e num sínodo de Roma publicou algumas determinações acêrca da eleição dos Bispos. Mas não é ilógico concluir que duma vacância de alguns mêses estivesse criado o Papado?

Quanto a S. Gregório Magno, é verdade que rejeitou o título de Bispo Universal, não para negar o seu primado na Igreja, mas por ser título novo e insólito naquela época, e para com seu exemplo de humildade reprimir o orgulho do Bispo de Constantinopla que arrogava êste mesmo título. Por isso houve da parte de S. Gregório um engano, porque julgava que tal título pudesse excluir a dignidade dos demais Bispos. Aqui, pois, não houve êrro de doutrina, porque em várias cartas declarou que S. Pedro tinha sido incumbido por Nosso Senhor do govêrno de tôda a Igreja, e que êle

mesmo, Gregório, estava incumbido dêsse mesmo governo. “Minha honra, escreve, é a honra da Igreja universal; minha honra é o sólido vigor de meus Irmãos no Episcopado. Sou pois honrado verdadeiramente se a todos os Bispos e a cada um dêles em particular não se nega a honra que lhes é devida”.

- 4) *Como poderemos refutar a carta dum Bispo católico, que alguns protestantes nos objetam, e em que êste Bispo combate o supremo poder do Papa na Igreja e o dogma de sua infalibilidade?*

Nossa refutação será bem extensa, mas o leitor poderá ver nela com que calúnias e inverdades os inimigos combatem nossa doutrina católica. Primeiro algumas noticias a respeito dêsste Prelado. Trata-se de D. José Strossmeier, bispo de Diakovar na Hungria. Durante seu longo episcopado deu êste Prelado provas de grande zêlo e de ardente amor ao Papa. Fundou muitas escolas católicas, publicou muitos artigos e escritos para promover a antiga liturgia eslava, e gastou tôda a sua fortuna na construção de sua nova catedral, que é um monumento de arte e beleza. Em 1879 trabalhou muito para restabelecer a harmonia entre o governo russo e a Igreja, e para combater o nihilismo que naquele tempo grassava no Império russo. Tomou parte ativa no Concílio do Vaticano, convocado em 1869, e ao qual assistiram 774 Prelados de tôdas as partes do mundo.

Foi neste Concílio universal, como já temos observado em outro artigo, que se deliberou a questão importante da infalibilidade do Sumo Pontífice Romano. Apenas o mundo soube que o Concílio ia tratar dêsste assunto, manifestou-se uma explosão terrível de raiva contra a Igreja. Houve Prelados no Concílio que julgavam ser inoportuna a definição da infalibilidade pontificia, embora êstes poucos dissidentes estivessem convencidos desta verdade católica. Temiam que a definição desta verdade, como dogma de fé, pudesse provocar uma opposição geral do mundo, da parte dos governos e dos adversários da Igreja, e que, além disso, afastasse mais ainda os protestantes da fé católica. Não obstante essa opposição, a infalibilidade pontificia foi declarada dogma da Igreja, e todos os Bispos que a julgaram inoportuna submeteram-se com tôda a docilidade, inclusive D. Stross-

meier. Este exortou todo seu clero a submeter-se à definição do Concílio, mandou publicá-la em sua fôlha diocesana, e entregou esta fôlha pessoalmente ao Papa Pio IX. Após a morte dêste Pontífice, D. Strossmeier correu com grande soma para o monumento que se erigiu sôbre o sepulcro do Papa.

Infelizmente a opposição de alguns governos continuou, sobretudo na Alemanha, onde o chancelier Bismarck desencadeou o Kulturkampf, a perseguição contra a Igreja Católica, e um sacerdote que não quis submeter-se procurou fundar uma Igreja a parte, que felizmente está agonizante. Os adversários da infalibilidade pontificia cometeram a baixeza de publicar uma carta em que reuniram um acervo de mentiras e calúnias para combater o dogma da infalibilidade do Papa, e atribuíram esta carta a D. Strossmeier. Mas imediatamente levantaram-se vários autores católicos para provar a falsidade da carta.

Ora, desta carta falsificada alguns protestantes tiraram vários argumentos para combater o dogma da infalibilidade do Sumo Pontífice Romano, argumentos que desfaremos um por um. Alguns já foram refutados em artigo precedente; um dêles foi tirado das palavras de S. Paulo que escreveu que a Igreja cristã está edificada sôbre o fundamento dos Apóstolos e dos Profetas, sendo Cristo a pedra angular. O sentido destas palavras já foi explicado. Mas há mais ainda.

Os protestantes ignoram a importância da visita que o Apóstolo Paulo fez a Pedro em Jerusalém, visita que nos é relatada por Paulo. Após sua conversão, o Apóstolo partiu para a Arábia, e no fim de três anos "fui a Jerusalém para ver Pedro, e estive com êle quinze dias". Não era uma simples visita de cerimônia ou de amizade, mas, como o texto grego dá a entender, quis Paulo conversar com Pedro e fazer-lhe várias perguntas sôbre a pregação do Evangelho. Não esteve naquela ocasião com nenhum outro Apóstolo a não ser com Tiago, que naquele tempo era Bispo de Jerusalém. E após a visita a Pedro partiu para pregar o Evangelho na Siria e na Sicília. Porque o Apóstolo Paulo que de Cristo recebeu as mais sublimes revelações, como êle mesmo confessa, que foi incumbido pelo próprio Cristo de levar o nome do Filho de Deus humnando diante das gentes, dos reis e dos judeus, que converteu mais pagãos do que Pedro, por que se dirigiu primeiro a Pedro? Porque compreendeu que não podia exercer seu apostolado sem submeter-se ao Chefe da Igreja. Quis dêste modo reconhecer

a autoridade, instituída por Cristo, e por isso foi a Jerusalém para entender-se com Pedro, portador daquela autoridade suprema, tomar conselho com êle, hipotecar-lhe inteira adesão, e exercer seu apostolado de acôrdo com êle, dando, assim, a todos os cristãos o bellissimo exemplo de plena submissão ao Chefe da Igreja.

Outro argumento que os protestantes tiram da carta falsificada de D. Strossmeier é que S. Pedro nunca procedeu como Supremo Chefe da Igreja, seja no dia de Pentecostes, ou no Concílio de Jerusalém, em Antióquia onde trabalhou algum tempo, ou nas Epístolas que dirigiu às Igrejas; bem ao contrário, permitiu que seus subordinados o enviassem a Samaria para pregar.

Parece que os protestantes não sabem ler, porque os fatos aos quais êles se referem nada provam, ou provam o contrário. Senão, vejamos. Conforme os Atos dos Apóstolos, foi Pedro que, depois da Ascensão do Senhor ao céu, convocou, presidiu e dirigiu a assembléia na qual S. Matias foi eleito Apóstolo em lugar do traidor Judas. Foi Pedro quem primeiro pregou o Evangelho aos judeus no dia de Pentecostes, quem recebeu de Deus por uma visão maravilhosa a ordem de ir batizar o centurião romano Cornélio e de abrir as portas da Igreja à gentildade; quem castigou Ananias e Safira e confundiu a Simão Mago; quem ante o tribunal dos judeus atestou seu direito e sua missão de pregar a religião de Cristo; foi êle ainda quem falou no Concílio de Jerusalém, tendo-se calado tôda a assembléia perante a sua decisão. Pôsto na cadeia, atraiu as atenções da Igreja que não cessou de orar por êle até que o visse livre por um portentoso milagre.

Escreveu Pedro duas epístolas aos fiéis, espalhados por tôda a parte, nas quais se intitulava apenas "Servo e Apóstolo", lembrando-se da advertência de Cristo, feita aos Apóstolos, de proceder com tôda a humildade. Até hoje os Papas, dirigindo-se aos fiéis, se intitulam "servo dos servos de Deus", mas por isso não perdem a sua dignidade de Chefes da Igreja.

Quanto ao fato de terem os Apóstolos de Jerusalém mandado Pedro e João a Samaria para administrar aos neoconvertidos o sacramento da confirmação, devemos entender que foram para aquela cidade a pedido e conselho dos outros. Do mesmo modo lemos nos Atos dos Apóstolos que os fiéis de Antióquia mandaram Paulo e Barnabé a Jerusalém, sem dúvida porque lhes pediram com instância que se incumbissem daquela missão. Devemos concluir disso que os fiéis fôsem superiores a

êstes dois Apóstolos? Assim lemos também no livro de Josué, que os judeus mandaram à Galada o sumo pontífice Finéias e dez príncipes das tribos. Devemos concluir daí que o Sumo Sacerdote e os príncipes fôsem subordinados a seus súditos? E com tais argumentos os protestantes querem combater os dogmas da Igreja!

Na carta falsificada de D. Strossmeier afirma-se ainda que o Papa Marcelino entrou num templo pagão para oferecer incenso aos ídolos, e, portanto, errou contra a fé.

Esta afirmação não passa de mentira e calúnia, como os autores católicos já mais de uma vez provaram. Sabemos pela história da Igreja que os hereges donatistas espalharam esta pecha para manchar a meimória de Marcelino, e Santo Agostinho rejeitou com indignação e energia tal calúnia.

Outra calúnia, repetida naquela carta, é que o Papa Libório, por ter tido uma questão com S. Atanásio, passou para o Arianismo; é sabido que o Papa declarou expressamente excluídos da comunhão com a Igreja todos os que não admitiam a definição do Concílio de Nicéia e confessam o Arianismo. E' calúnia afirmar que o Papa Honório aderiu ao Monotelismo, heresia que negava as duas vontades em Cristo, a divina e a humana; ora, a fórmula que Honório subscreveu, diz expressamente que em Cristo havia uma união moral das duas vontades, porque sua vontade humana estava sempre de pleno acôrdo com sua vontade divina. E' calúnia dizer que o Papa Bonifácio II conseguiu o título de Bispo Universal do parrecida Imperador Focas em 607, porque êste insistiu apenas com o Papa declarasse que êste título competia sòmente ao Bispo de Roma. E' calúnia dizer que os Papas Pascoal II e Eugênio III autorizaram os duelos, porque ambos deram prova de grande zêlo pela moral cristã, continuando o grande combate de seus antecessores contra a investidura dos Imperadores do Ocidente. E' calúnia afirmar que o Papa Adriano II em 872 declarou válido o casamento civil, porque rejeitou sempre os motivos do Imperador Romano Lotário para obter a nulidade de seu casamento. E' calúnia ainda concluir que o Papa Pio VII condenou a edição da S. Escritura, chamada "Vulgata" que tinha sido publicada pelo Papa Xisto V, quando até hoje esta edição é oficial na Igreja. Tôdas estas calúnias foram repetidas na carta falsificada de D. Strossmeier.

Restam duas falsidades, repetidas naquela carta. Ela afirma que o Papa Clemente XIV aboliu a Compa-

nhia de Jesus, aprovada por Paulo III, e restabelecida por Pio VII, e daí conclui que os Papas não são infalíveis. Certo é que a Companhia de Jesus foi suprimida, não por uma sentença condenatória, mas por uma medida administrativa, porque devido às circunstâncias do tempo aquela Ordem parecia uma ocasião de discórdias nos Estados em que os Jesuitas exerciam seu ministério, e porque a paz da Igreja, devido à impiedade dos governos civis, não podia ser restabelecida a não ser pela supressão da Companhia. E o Papa como o supremo legislador na Igreja, tem o direito de aprovar, suprimir e restabelecer novamente as Ordens e Congregações religiosas.

Tem o Papa também o direito de abrogar, promulgar as leis eclesiásticas para o bem da Igreja. Fazemos esta observação para desfazer a última falsidade da carta de D. Strossmeier, afirmando que o Papa Pio IX, na bula do Concílio do Vaticano, revogou tudo quanto se havia decidido em contrário ao que foi determinado naquele Concílio, ainda mesmo tratando-se de decisões dos Papas anteriores. Sem dúvida, podia o Concílio do Vaticano, sob a presidência do Sumo Pontífice, retratar tudo o que tinha sido determinado em outros Concílios referentes a pontos de disciplina, mas não quanto às decisões sobre a fé e moral cristã; e neste Concílio nenhuma decisão anterior sobre a fé e a moral cristã foi revogada.

Da refutação de todos êsses argumentos falsos, citados na carta falsificada de D. Strossmeier, concluiremos que nós, católicos, devemos desconfiar sempre das objeções que os protestantes costumam fazer contra a doutrina católica, pois é certo que os leigos nem sempre podem descobrir a falsidade dos argumentos dos hereges; e de outro lado é certo também que os hereges não têm medo de se servir de mentiras e calúnias quando se trata de combater a Igreja Católica repetem sempre as mesmas objeções, embora tenham sido refutadas mil e mil vêzes. Aprenderam os protestantes êste mau costume e esta falta de lealdade e sinceridade de seu mestre Lutero.

5) *Como poderemos defender S. Paulo, que em certa ocasião reprovou o procedimento de S. Pedro?*

Explicaremos êste fato e provaremos que isto não tem nada com a infalibilidade pontifícia. O fato se

deu no tempo em que S. Paulo exercia seu apostolado em Antióquia após o Concílio, celebrado em Jerusalém. Neste Concílio foi determinado que os convertidos do paganismo não eram obrigados a observar a lei mosaica, que, além de muitas outras coisas, impunha também a circuncisão. Mas para que as consciências fracas dos convertidos do judaísmo não ficassem ofendidas, os Apóstolos exigiram dos cristãos do paganismo, que se abstivessem de certos alimentos, proibidos aos judeus. Dêste modo esperavam os Apóstolos que estes se aproximassem mais daqueles. Não era uma decisão de doutrina cristã, mas apenas uma medida de disciplina, e porque aquelas determinações eram provisórias, cessaram por completo depois da pregação geral do Evangelho.

As resoluções do Concílio de Jerusalém foram publicadas e observadas por S. Paulo na cidade de Antióquia. Quando, pois, S. Pedro visitou aquela cidade, a convite dos cristãos do paganismo, não hesitou em comer com eles. Na mesma mesa foram apresentadas comidas vedadas pela lei mosaica, mas não as que eram proibidas pelo Concílio de Jerusalém. Não tardou porém, que em Antióquia aparecessem cristãos judaizantes, que com veemência insistiam sobre a observação da lei mosaica. Quiz S. Pedro poupar as consciências fracas daqueles cristãos do judaísmo, e por isso resolveu afastar-se algum tempo da mesa dos cristãos do paganismo. Nisto como já dissemos, não havia erro de doutrina, mas apenas uma divergência de ação entre Pedro e Paulo, divergência de prática na circunstância em que ambos se encontraram. Mais tarde Paulo também, achando-se em semelhante circunstância, não hesitou em exigir de seu discípulo Timóteo que fôsse circuncidado.

Paulo, porém, era de caráter ardente, e desta vez julgou que Pedro, cujo exemplo tinha um valor particular em Antióquia, pudesse levar os cristãos do paganismo a crer que a lei mosaica era ainda obrigatória, e não facultativa para os cristãos do judaísmo. Movido pois, por seu zêlo ardente, e ao mesmo tempo reconhecendo a preeminência de Pedro sobre todos os Apóstolos (como prova o contexto de Epístola de Paulo aos Gálatas) e querendo abater os cristãos judaizantes, recorreu Paulo à uma correção fraterna e mostrou a Pedro publicamente os inconvenientes de seu proceder.

A epístola aos Gálatas não diz qual o efeito das palavras de Paulo, mas o contexto dá a entender que a

advertência teve efeito sobre Pedro que se declara abertamente a favor da ab-rogação total da lei mosaica. Pedro reconheceu humildemente a conveniência das reclamações de Paulo e compreendeu as conseqüências perigosas que poderia ter sua conduta, manifestando doravante por atos e palavras, que a todos os cristãos convertidos quer do paganismo quer do judaísmo, era lícito romper com as observâncias da lei mosaica. Sobre este ponto faremos mais algumas observações quando tratarmos da mudança do sábado para o domingo.

6) *Que podemos responder aos inimigos da Igreja que combatem a infalibilidade pontifícia, alegando que houve maus Papas?*

Devemos confessar que na longa série dos Papas, — até hoje houve 263 Papas, — alguns, cuja vida particular nem sempre correspondeu à alta dignidade a que foram elevados. Certo é que o Papado, que no mundo ocupa um lugar preponderante e está associado aos grandes acontecimentos da terra, não pode escapar às censuras e aos ataques dos adversários da Igreja. O Papado, pois, conforme a profecia de Cristo, será sempre alvo da hostilidade, da injúria e da calúnia. Assim se explica como vários historiadores falam de certo número de maus Papas, exagerando este número com o fim de combater a Igreja Católica. Confessamos que naquela longa série de 263 Papas houve alguns, mas muito poucos, cuja vida particular não foi sempre conforme sua dignidade: e estes poucos desaparecem por entre a grande multidão dos Sumos Pontífices que brilharam por virtudes eminentes. Mais ou menos sete ou oito exceções numa dinastia de 263 Papas. Eis um fenômeno único na história do mundo. Qual a família real no mundo, desde o princípio dos tempos, que pode mostrar tão poucas sombras no quadro de tanta grandeza e de tantas virtudes?

E' falso e falsissimo concluir da vida particular menos digna de certos Papas que elles não são infalíveis, porque este privilégio de infalibilidade não preserva o Sumo Pontífice de pecado e de culpas pessoais, pois que elle não deixa de ser homem fraco. Quantos reis e imperadores, não obstante sua alta dignidade foram monstros de crime e barbaridade! O privilégio da infalibilidade preserva o Sumo Pontífice de todo o erro dogmático e moral, e nada mais.

Copiamos aqui as palavras do Sumo Pontífice S. Leão Magno, dirigidas ao povo romano no dia do aniversário de sua eleição: "Na Igreja universal Pedro confessa todos os dias: Tu és o Cristo, o Filho de Deus vivo, e toda a língua que confessa o Senhor, é imbuida pelo magistério desta voz. Esta fé vence o demônio e desata as cadeias de seus cativos. Ela coloca no céu os que deixam o mundo, e as portas do inferno não podem prevalecer contra ela. Pois é munida por Deus de tanta solidez que nem a gravidade herética, nem a perfídia pagã nunca a puderam dominar. Assim na minha humilde pessoa seja honrado aquêlê em que a solicitude de todos os pastores e a custódia de tôdas as ovelhas persevera e cuja dignidade não se extingue no indigno herdeiro".

7) *Que há de verdade na afirmação de alguns protestantes que houve uma mulher que ocupou a cadeira de S. Pedro, chamada a Papisa Joana?*

Esta afirmação dos protestantes não passa de uma ficção oriental. Parece ter vindo de Constantinopla, e se refere a uma jovem que nunca existiu, mas dizem ter vindo de Mogúncia. Vestida de homem, foi levada por seu namorado para a capital da Grécia, onde se dedicou ao estudo com tão brilhante êxito que em breve tempo superou todos seus condiscípulos. Depois de algum tempo partiu para Roma, onde deu aulas de gramática, retórica e dialética, e não tardou vêr-se rodeada por professores célebres. Com sua ciência e bom procedimento soube ganhar a estima de todo o povo romano, que, após a morte de Leão IV, a elegeu para o sólido pontifício. Mais tarde, porém, descobriram a fraude que provocou um imenso escândalo. Eis a fábula. Vejamos agora as razões que provam que tudo isso não passa de ficção monstruosa.

Não há lugar para Joana no sólio pontifício entre o Pontificado de Leão IV e Bento III, porque êste último foi eleito no mesmo mês de julho de 855 em que morreu Leão IV. Estes fatos constam de um diploma de Bento III, datado de setembro daquele mesmo ano e concedido à abadia de Córbia. Além disso, há ainda moedas e medalhas feitas em setembro do mesmo ano com os nomes do Imperador Lotário e do Sumo Pontífice Bento III.

No mesmo ano ainda o célebre Bispo de Reims D. Hincmaro mandou um requerimento ao Papa Leão IV, e a pessoa encarregada de apresentar esta petição, estava ainda em viagem, quando teve notícia da morte de Leão IV, e chegando a Roma, já estava eleito o Papa Bento III. Como poderia ter lugar para a eleição de Joana?

Há mais ainda. Nenhum contemporâneo sabe da eleição de Joana, e durante três séculos nunca se falou dela, apenas Leão IX, que subiu ao sólio pontifício em 1605, disse que esta fábula corria em Constantinopla, mas era ignorada no Ocidente. Encontra-se a fábula na crônica de Martinho Polono, falecido em 1278: mas os autores críticos provaram que a parte que se refere a Joana, foi acrescentada mais tarde por um autor pouco escrupuloso. Os mais antigos livros pontificais ignoram completamente o nome de Joana, e colocam o nome de Bento III imediatamente após o nome de Leão IV.

Foram os protestantes que espalharam no século XVI tal ficção para combater a Igreja Católica. Certo é que nenhum historiador sério e crítico, quer católico quer protestante, admite a papisa Joana. Houve até vários escritores protestantes que combateram esta fábula, entre elles o célebre Leibnitz. O protestante Davi Blondel, professor na universidade de Amsterdam, publicou em 1647 uma obra para refutar os autores protestantes que não se envergonharam de espalhar a fábula; sua obra teve várias edições e foi traduzida até em latim. Também o mestre da escola de Tubingen, Dr. Bauer declarou que a crença nessa fábula, deve ser atribuída ao interesse dos protestantes para combater a Igreja Católica com todos os meios lícitos e ilícitos. Em nossos dias só algum protestante ignorante e fanático será capaz de falar da papisa Joana.

- 8) *Que poderemos responder aos inimigos da Igreja que afirmam que o luxo deslunbrante do Vaticano é o resultado das somas elevadíssimas que as nações católicas são obrigadas a enviar ao Papa para manutenção de seu fausto: não seria mais justo que esse dinheiro fôsse empregado em obras pias nos próprios países?*

Estas afirmações são em parte calúnias, em parte inverdades, e em parte hipocrisia oculta. E' hipocrisia oculta, porque é o éco das palavras de Judas, que re-

provou o proceder de Maria Madalena, quando poucos dias antes da morte de Cristo, esta pecadora convertida derramou sobre a cabeça do Senhor, conforme uso oriental, uma libra de bálsamo, feito de nardo puro e de grande preço. Desejava Judas apoderar-se do preço daquele bálsamo, e por isso exclamou:

“Por que não se vendeu este bálsamo por trezentos dinheiros e se não deu aos pobres?” Respondeu Jesus: “Porque molestais esta mulher Ela fez uma boa obra, e em toda a parte do mundo publicar-se-á para sua memória o que ela fez”.

Tal é a hipocrisia dos inimigos da Igreja.

Parece que elles ignoram a verdade, isto é que toda a magnificência da Côrte pontificia do Vaticano se refere ao representante de Jesus Cristo na terra, portanto, em primeiro lugar, ao Cristo glorificado no céu, a quem o Papa representa. O Papa o compreende muito bem, e por isso costuma se chamar “o servo dos servos de Deus”, e assim attribui toda aquella magnificência ao próprio Filho de Deus. Ora, haverá magnificência demasiada quando se trata de glorificar a Deus em seu representante?

Além disso, o Papa deve governar uma sociedade ou um reino espiritual, porém, visível, de mais de 400 milhões de súditos, espalhados pelo mundo inteiro, e tem relações diplomáticas com muitos Estados afim de defender os interesses da religião de Cristo. Que restaria do respeito e da veneração que os povos e os governos devem ao representante de Cristo, se elle residisse numa casa modesta, se de lá saísse, vestido como qualquer pessoa de classe inferior da sociedade, se naquele estado devesse receber os embaixadores dos governos civis? Talvez corresse risco de ser apupado, injuriado publicamente pelos incrédulos. Só a ignorância ou o ódio à religião cristã pode inspirar aos inimigos do Papado tal censura.

Se bem que o Papa no governo da Igreja seja inspirado e dirigido por Deus, deve todavia recorrer aos meios humanos, porque a Igreja é composta de homens. Tem pois seus auxiliares e muitos, que devem residir em moradas convenientes, trabalhar em grandes edificios, porque o governo da Igreja abrange até os confins da terra. Para este governo universal o Papa deve ter os necessários recursos financeiros, e por isso recorre à generosidade dos fiéis, sobretudo depois que elle se viu privado de seus Estados pontificios. Estas esmolos

do povo católico lhe são oferecidas voluntariamente, sem obrigação estrita alguma, e por isso não têm o caráter de impôsto. Com estas esmolas o Papa deve auxiliar ainda os missionários que exercem seu apostolado entre os povos pagãos inclusive os que trabalham no Brasil entre os nossos indígenas.

Poderíamos acrescentar outras obras pias e de caridade que estão por conta do Papa, mas julgamos que o que acabamos de expôr, é mais que suficiente para refutar as calúnias dos inimigos do Papado.

9) *Por que S. Pedro não admitiu que Cornélio se ajoelhasse aos seus pés, enquanto que, para se falar com o Papa, é mister que o cristão se ajoelhe aos pés do Papa ?*

O fato a que se refere esta objeção, é o seguinte: Havia em Cesaréia um homem, de nome Cornélio, centurião romano e pagão, mas temente a Deus e que rezava e dava muitas esmolas. Deus quis recompensar esta boa vontade do centurião, e certo dia lhe apareceu um Anjo o qual lhe disse mandasse chamar o Apóstolo Pedro que lhe indicaria o que devia fazer para conhecer a verdadeira religião. Chegando Pedro, o centurião saiu-lhe ao encontro, e prostrou-se a seus pés para o adorar. Mas Pedro o levantou, dizendo: “Levanta-te que também eu mesmo sou homem.”

Recusou Pedro aceitar esta honra, que não lhe competia, enquanto Cristo não teria recusado, pois o Evangelho refere que o homem, cego de nascença, curado por Cristo, se prostrou para adorar o Senhor sem que êste recusasse essa homenagem.

Por que Pedro recusou esta prova de respeito ? Pela mesma razão por que o Anjo rejeitou duas vêzes que S. João se ajoelhasse diante dêle, dizendo: “Vê, não faças isto; eu sou servo como tu: Adora a Deus.” E’ pois recusado o ato de adoração que compete só a Deus, porque é um ato de reconhecimento a Deus como Supremo Senhor de tôdas as criaturas. Mas a palavra “adoração” na língua latina tem um sentido mais lato, conforme escreve o Sr. F. R. dos Santos Saraiva em seu dicionário latino-português: “Adoratio — Postura de quem supplica, submissão, acatamento”. Assim se explica por que

os fiéis devem ajoelhar-se diante do Papa: é um testemunho de respeito, de submissão ao Chefe da Igreja, e portanto êste ato nada tem de condenável.

10) *Como harmonizar a corôa ou tiara do Papa com as palavras de Cristo que disse que seu reino não é d'êste mundo?*

A corôa papal ou tiara é um ornato de seda branca com três corôas de ouro sobrepostas, encimadas por um globo terrestre e uma cruz. As três corôas simbolizam a dignidade do Papa como sacerdote, rei e doutor. Ora, o reino de Cristo é um reino espiritual, porque o Redentor quer reinar sôbre o espírito e o coração dos homens, e a Igreja foi instituída para continuar a obra redentora de Cristo na terra. Isto, porém, não impede que o Chefe da Igreja tenha um Estado independente para exercer com plena liberdade seu poder espiritual sôbre os fiéis. Por isso foi condenada por Pio IX a sentença: "A abolição do poder do Papa havia de contribuir muito para a liberdade e felicidade da Igreja." E quem poderá julgar melhor da necessidade do poder temporal para o Chefe da Igreja do que aquêle que por Deus foi chamado para governar sua Igreja?

Com tôda a justiça e direito a Igreja obteve os Estados Pontifícios, e a Sé Apostólica seja talvez o mais legítimo trono do mundo quanto ao Estado temporal. Este poder é necessário para que o Papa possa governar com plena liberdade a Igreja que lhe foi confiada por Nosso Senhor, o que Leão XIII declarou em uma carta aos Bispos da Áustria: "A circunstância de que ao Papa de Roma falta a liberdade (os Estados Pontifícios tinham sido invadidos pelo govêrno italiano) vos causa cuidados; êste estado prejudica extremamente à dignidade da Sé Apostólica assim como o benefício do progresso da religião. Continuai a dirigir vossa atenção e vossos empenhos para que se ponha têrmo a êste lamentável estado de coisas." Felizmente em 1929 o govêrno italiano restituiu ao Chefe da Igreja a Cidade Vaticana,

que é apenas uma pequena parte dos Estados Pontifícios, e em que o Papa reside como Soberano independente.

Infelizmente o governo italiano mais tarde não compreendeu, ou não quis compreender seu dever de respeitar o Chefe da Igreja, convidando o grande inimigo e perseguidor da Igreja para uma visita oficial à Capital antiga dos Estados Pontifícios; o Sumo Pontífice considerou esta visita como uma blasfêmia e afastou-se de Roma por alguns dias, dizendo: "Não se pode deixar de achar fora de propósito o fato de Roma, no dia da festa da Santa Cruz, hastear insígnias de uma cruz diferente que não é a cruz de Cristo, porque a cruz gamada é um símbolo diabólico", que, no dizer de Pio XI, atrairá sobre a Alemanha uma revolução devastadora. E o mundo sabe agora que desgraças esta visita descarregou sobre a própria Itália. São bem sérias as palavras do Espírito Santo: "Quem estenderá sua mão contra o Ungido do Senhor, e será inocente?"

O Papa ficará Soberano, quer o mundo queira quer não, e porque é o Chefe espiritual de quase 400 milhões de súditos, deve ser Soberano independente de todos os Chefes dos Estados Civis. Como poderá ser Soberano de milhares de súditos, se ele fôr súdito de outro Soberano? Os católicos não podem tolerar que seu Soberano seja súdito do rei da Itália, e por isso exigem, com todo o direito, que o Papa tenha tódá a liberdade e seja independente de todos os Soberanos, e isto com mais direito porque lhe foram roubados os estados que lhe pertenciam desde séculos.

11) *Por que os cismáticos se separaram da Igreja de Roma e não se submetem ao Principado do Papa de Roma?*

De tódas as Igrejas que confessam a divindade de Cristo, são as Igrejas cismáticas, falsamente chamadas ortodoxas, as mais próximas da Igreja Católica. Separaram-se da nossa Igreja, devido não a disputas religiosas, mas à política e falta de compreensão de parte a parte. Até hoje aproximam-se mais de nossa religião, de modo que, mesmo conservando o que lhes é próprio,

podem, sem mais, entrar na Igreja de Roma. O ponto principal, porém, será que reconheçam o Primado do Papa, verdade que êles, não obstante o cisma, confessaram muitos séculos em sua liturgia. Mesmo separadas de nossa Igreja, cantam os louvores de S. Pedro e celebram sua festa no dia 29 de junho, proclamando a glória da pedra sôbre a qual Cristo edificou sua Igreja e observando uma abstinência rigorosa de carne e lacticínios durante semanas como preparação àquela festa. Na liturgia dos cismáticos Pedro é chamado o primeiro dentre os Apóstolos, o Chefe dos Apóstolos, o fundamento dos fiéis, a pedra e o fundamento inabalável da Igreja. Em uma daquelas liturgias se reza: "Apascentai, ó Pedro, disse Nosso Senhor, meu rebanho, minhas ovelhas que resgatei com meu sangue. Com que coroa de louvor ornaremos vossas cabeças, ó Pedro, ó Paulo, vós que, embora separados corporalmente, sempre ereis um em espírito? Combatestes sempre unidos. Mas tu, ó Pedro, foste constituído Chefe de todos. Honremos pois êstes dois luzeiros da Igreja, Pedro e Paulo que resplandesceram pela firmeza de sua fé como o sol, e que pela sua pregação espanicaram as trevas dos povos. Pedro foi feito por Cristo pescador divino, e recebeu de Cristo o govêrno da Igreja."

Confessando estas verdades, as Igrejas cismáticas da Grécia, Rumânia, Bulgária, Rússia, Albânia, Sérvia e de outros países orientais, proclamaram durante séculos o Primado do Papa que é sucessor de S. Pedro, até o fim do século passado, quando começaram a riscar de sua liturgia o nome de Roma e de tudo que se refere ao Primado do Papa. Massacraram pois o texto sagrado de sua liturgia, que data dos primeiros séculos do Cristianismo, riscando o que era o eco da primitiva Igreja e precursor de verdades dogmáticas reveladas, que mais tarde foram declaradas como dogmas de fé.

Bem significativa é a palavra dum escritor oriental que, há pouco tempo, escreveu: "Enquanto em Roma, onde, conforme a palavra do Senhor, foi colocada a pedra inabalável do Cristianismo, e onde Cristo depositou as chaves do reino dos céus, chaves que abrem e fecham, reina a mais perfeita união, entre nós (nas Igrejas cismáticas) há incredulidade e infidelidade". E outro escritor oriental exclama: "Ó Pedro, tu que és digno de todo o louvor, faze com que as disputas entre os povos desapareçam, e dá a unidade à Igreja."

- 12) *Sendo o Vaticano uma potência mundial, e ao mesmo tempo a mais antiga de todas que jamais existiram e até hoje existem, será possível que os protestantes não confessem este fato e daí concluam para a grandeza do Papado?*

Sem dúvida alguma, e se quiséssemos copiar aqui todos os elógios que escritores protestantes fizeram do Papado, poderíamos publicar livros e livros. Limitar-nos-emos a publicar alguns poucos.

Observamos primeiro que existe ainda entre os protestantes o grande erro histórico sobre o Papado, erro que se deve a Lutero, o qual durante vários anos empregou todos os meios para desprestigiar Roma e o Papado: a ironia, o insulto grosseiro e inconveniente, a sátira descarada, tudo servia para este heresiarca cobrir de ridículo e difamar o Chefe visível da Igreja de Cristo. Dêste modo e com estes meios implantou nos protestantes o erro histórico sobre o Papado. Felizmente para a honra da humanidade, há bom número de protestantes, homens sem preconceito, historiadores conscienciosos que não têm pêjo de apreciar sumamente o Papado.

São bem conhecidas as palavras do célebre historiador inglês Macalay: "O Papado continua sempre a existir, não em estado de decadência, não como ruína, mas, como uma instituição cheia de vida e fôrça juvenil. A Igreja Católica resiste aos reis, seus inimigos, como outrora, a Átila. E não podemos descobrir sinal algum que anuncie o próximo fim desta dominação duradoura. Se nos lembrarmos das terríveis procelas pelas quais passou vitoriosa, não podemos imaginar de que modo pode ser destruída". O grande historiador protestante Gregorovius, tratando da mudança temporária da residência do Papa para Avignon, escreve: "A história da Igreja não pode apresentar nenhuma provação que lhe tenha sido tão funesta como esta mudança. Qualquer outro reino dêste mundo teria sido abatido em tão veemente crise. Mas a organização dêste reino espiritual é tão maravilhosa, e tão indelével e imperecível é a cidade do Papado, que esta provação, a maior que o atormentou, serviu apenas para demonstrar sua imortalidade".

O filósofo protestante Schelling disse: "Quereis saber o que penso do Papado? E' minha opinião que sem o Papado o Cristianismo já há muito teria desaparecido da face da terra". O profundo pensador e pastor pro-

testante, Nils Beskon antes de se converter para a Igreja Católica, escreveu: “O número dos zeladores incorrigíveis e atrasados de Lutero que no século XX estão ainda no ponto de vista da época da Reforma protestante, felizmente diminui cada vez mais”. Ainda o célebre poeta e historiador protestante Schiller escreve: “Reconhecemos o espírito que animou a Côrte de Roma, e a inabalável solidez dos princípios que cada Papa teve de aplicar. Viram-se imperadores e reis, insignes estadistas e orgulhosos guerreiros, constringidos pelas circunstâncias, a sacrificar direitos, mostrar-se infieis a seus princípios e ceder à necessidade; nunca ou quase nunca aconteceu isto a um Papa. O Papa, ainda quando teve que vaguear na miséria, quando na Itália já não possuía amigos e nem um palmo de terra, e vivia da piedade de estrangeiros, manteve firmemente os privilégios de sua Sé e da Igreja. Qualquer outra comunidade politica em certas épocas sofreu e sofre pelas qualidades pessoais daquelles que a governam; mas isto quase nunca se deu com a Igreja e com seu Chefe supremo. Os Papas tiveram diversidade de temperamento, de pensamento e capacidade; mas sua personalidade se dissolveu, por assim dizer, no seu altíssimo cargo, e tôdas as paixões se extinguiram sob a tríplice corôa. Embora o trono papal não seja hereditário, e mude tantas vêzes o occupante, é o único trono que nunca parece mudar de possuidor. Os Papas morrem, mas o espírito que os anima, é immortal”.



ÍNDICE

I. DEUS E A CRIAÇÃO

	Págs.
1 — Como se pode afirmar que Deus existe, se ninguém o viu?	9
2 — Quando foi criado o mundo?	10
3 — A luz foi criada antes do sol?	11
4 — Sendo a Igreja infalível, como ela condenou o sistema planetário de Galileu?	12
5 — Como Deus pode permitir tantas misérias no mundo e a condenação eterna de tantos homens?	13
6 — A impureza é o mais grave pecado?	15
7 — Sendo Deus imutável, como se pode arrepender de ter criado o homem e se sente ofendido pelo pecado?	17
8 — Todas as religiões são boas?	18

II. OS ANJOS

1 — Quantos Anjos foram criados?	23
2 — Há entre os Anjos Ordens e Jerarquias?	23
3 — Quais os Anjos mais próximos de Deus?	27
4 — Todos os homens têm um Anjo da guarda?	28
5 — Se todos os homens têm um Anjo da guarda, porque que há no mundo tantos perigos e misérias?	32
6 — Como falam os Anjos uns com os outros?	32
7 — Podem os Anjos exercer sua atividade sobre o mundo visível?	34

III. OS DEMÔNIOS

1 — Como os Anjos, sendo criados em estado de inocência, puderam pecar?	39
2 — Como os anjos rebeldes foram castigados?	40
3 — Por que Deus castigou os anjos rebeldes sem misericórdia, ao passo que teve compaixão do homem?	42
4 — Que poder tem o demônio sobre o homem?	43
5 — Dá-se a possessão diabólica em nossos dias?	47
6 — Há homens que adoram o demônio?	49

IV. A QUEDA DO HOMEM

	Págs.
1 Onde se achava o paraíso terrestre?	55
2 — A narração da queda do homem pode ser explicada em sentido simbólico?	55
3 — Em que consiste o pecado de Adão?	57
4 — Como conciliar o pecado original com a justiça de Deus?	59
5 — Como conciliar a justiça de Deus com o fato que muitas crianças estão excluídas do céu por não terem sido batizadas?	63
6 — Sendo o pecado original a causa de tantos males por que a Igreja diz que este pecado foi uma feliz culpa?	65
7 — Tendo Deus condenado a mulher a dar à luz os seus filhos com dor, será lícito aliviar esta dor?	66
8 — Os animais ficaram comprometidos na culpa de Adão?	67

V. O REDENTOR

1 — Podemos negar a existência histórica de Jesus Cristo?	71
2 — Houve incrédulos que confessaram a grandeza moral de Cristo?	72
3 — Por que Cristo se chama Filha do homem?	74
4 — Em que língua falava Cristo?	75
5 — Ignorava Cristo quando será o fim do mundo?	77
6 — Gozava Cristo na terra a visão beatífica, e como conciliar seus sofrimentos com esse gozo?	77
7 — Como se explicam as palavras de Cristo: "Meu Deus, por que me desamparaste"?	78
8 — Se a morte de Cristo estava determinada desde a eternidade, os que concorreram para essa morte, foram instrumentos inconscientes? E se Cristo não tivesse sido traído Ele salvaria o mundo?	80
9 — Como se explica o fato que muitos homens se perdem, não obstante a morte de Cristo, e como remediar essa perda?	81
10 — Porque se comemora a morte de Cristo de ano para ano em dia diferente?	82
11 — Tendo Cristo o mesmo poder que o Padre Eterno, como se pode dizer que o Padre ressuscitou seu Filho?	83
12 — Se Cristo morreu para salvar a todos os homens, porque se diz na fórmula oficial da consagração, que o Sangue de Cristo será derramado por muitos, e não por todos?	84
13 — Como se explica a ordem cronológica dos acontecimentos do dia da ressurreição de Cristo?	85

- 14 — Poderia haver mais de uma Incarnação do Filho de Deus, caso existisse um outro mundo de homens, caldos como nós, de sua primitiva dignidade? 87

VI. MARIA SANTÍSSIMA E S. JOSÉ

- 1 — Se Cristo veio ao mundo para remir a todos os homens, como se explica que Maria foi remida, sendo ela livre do pecado original? 91
- 2 — Como poderemos provar a perpétua virgindade da Mãe de Deus? 92
- 3 — Como refutaremos os hereges que negam a virgindade perpétua corporal de Maria? 94
- 4 — Como defender a virgindade de espirito de Maria? 95
- 5 — Sendo Maria destinada a ser a Mãe de Deus, devia ella desistir do voto de virgindade? 97
- 6 — Se admitirmos a virgindade perpétua em Maria, como pôde haver um casamento de Maria com José? 99
- 7 — Podemos dizer que S. José é verdadeiramente pai de Jesus Cristo? 100
- 8 — E' certo que Maria após sua morte foi levada ao céu em corpo e alma? 101
- 9 — Como refutar os protestantes que combatem o culto que nós prestamos a Maria? 108
- 10 — Há protestantes que aprovam o culto de Maria? 107
- 11 — Será lícito defender a virgindade perpétua de S. José, esposo de Maria? 108
- 12 — Como e quando se introduziu a devoção do Rosário, e como deve ser recitado? 109
- 13 — E' aprovada a invocação de "Santa Maria eterna"? 110
- 14 — E' lícito dar a Maria o título de Nossa Senhora do S. S. Sacramento? 112

VII. A IGREJA CATÓLICA

- 1 — Quem fundou a Igreja Católica? 117
- 2 — Porque a Igreja de Cristo é chamada Igreja Católica Romana? 118
- 3 — Com que direito a Igreja de Cristo pode ser chamada a Igreja sempre nova e sempre antiga? 119
- 4 — Como S. Paulo pode dizer que a Igreja é sem mácula, pois que na Igreja há tantos escandalos? 120
- 5 — Com que direito a Igreja Romana arroga a si o nome de Igreja Católica? 122

6 — Tem a Igreja, além da pregação, outros meios para ganhar os povos para Cristo?	123
7 — Porque a Igreja Católica é perseguida em todos os tempos?	125
8 — A Igreja gozará uma paz duradoura de mil anos antes do fim do mundo?	125
9 — Como responderemos a um folheto protestante que afirma que a Igreja Católica foi modificada?	126
10 — Será verdade que fóra da Igreja Católica não há salvação?	136
11 — Que diferença há entre os católicos e os protestantes?	138

VIII. O PAPADO

1 — Quem instituiu o Papado?	141
2 — Se S. Pedro é Chefe da Igreja, como Nosso Senhor deu aos demais Apóstolos o mesmo poder que deu ao Chefe?	143
3 — Será verdade que o Papado foi criado por Bonifácio III e que Gregório Magno rejeitou o título de Bispo universal?	145
4 — Como refutaremos os protestantes que combatem a infalibilidade do Papa?	148
5 — Como defender S. Paulo, que certo dia repreendeu o procedimento de S. Pedro	150
6 — Como defender a infalibilidade do Papa, tendo havido maus Papas?	152
7 — Que dizer da afirmação dos protestantes que houve a Papisa Joana?	153
8 — Como defender o luxo da Corte Pontifícia?	154
9 — E' mister que o cristão, para falar com o Papa, se ajoelhe aos seus pés?	156
10 — Como harmonizar a corôa ou tiara do Papa com as palavras de Cristo que disse que seu reino não é deste mundo?	157
11 — Porque os cismáticos não se submetem ao Principado do Papa?	158
12 — Não há protestantes que confessam a grandeza do Papado?	160



IMPRESSO NAS OFICINAS DA
IMPrensa OFICIAL DO ES-
TADO DE MINAS GERAIS
—
BELO HORIZONTE — 1944

† Livros Católicos para Download

